

PAULO ROGÉRIO BARBOSA DO NASCIMENTO

A CAPOEIRA NO CONTEXTO DA ESCOLA E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências
Para a obtenção do título de Mestre em Educação nas Ciências
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
Departamento de Pedagogia
Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências

Orientador: Prof. Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer

Ijuí

2005

AGRADECIMENTOS

No momento em que, de maneira formal, se dá o reconhecimento da conclusão de uma etapa pessoal de buscas e aprendizado, também é necessário reconhecer que muitas vezes, muitas ações, muitos conselhos, muitas cobranças, muitos incentivos, muita ajuda, de pessoas diversas, direta ou indiretamente, contribuíram e, por isso, é necessário registrar os meus mais sinceros agradecimentos:

Aos meus pais, José e Miriam, pela vida, pela preocupação, pelo amor, pela cobrança, pelo carinho...

A minha esposa Ângela e ao meu filho Luã, duas estrelas de brilho intenso que emprestam muita beleza à minha vida, pelo amor, pelo apoio, pela compreensão, pela paciência...

Ao Agenor e à Morena, sogro e sogra, pelo apoio, carinho e amizade...

Ao Mestre Pagode (Vladimir Camargo Messias), por ter me iniciado no beabá da capoeira

Ao Mestre Ratinho (Alessandro Jesuíno dos Santos), cidadão do mundo, mestre considerado, pelo exemplo de força, garra, energia, e por ter me ensinado o que é ser capoeira...

Ao Mestre Karará (Paulo Renato Narciso), pela confiança, pela amizade, pelos ensinamentos, pelo exemplo de guerreiro...

Ao Professor Doutor Paulo Evaldo Fensterseifer, pelas sábias orientações, pelos ricos momentos de aprendizado e, sobretudo, por ter inspirado em todos os momentos tranquilidade e confiança nesta aventura inquietante que é a busca do conhecer, do desvendar, do compreender...

À Professora Doutora Ana Maria Colling e ao Professor Mestre Fernando Jaime González, pela atenção, pelas orientações e pelas críticas que, com certeza, contribuíram para a construção deste trabalho...

Ao Professor Doutor José Luiz Cirqueira Falcão (Mestre Falcão), que com seus escritos inspirou o meu primeiro contato com a capoeira e, conseqüentemente, a opção em estudá-la, por termos nos encontrado nesta “volta do mundo”, e por ter dado significativa contribuição a este trabalho acadêmico através de suas análises, sugestões e avaliações...

A todos os professores e colegas do Programa de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí, que, de uma forma ou de outra, contribuíram neste processo de estudo...

Aos instrutores de capoeira, professores e coordenadores pedagógicos de escolas que gentilmente contribuíram, com informações e com suas entrevistas, neste processo investigatório.

A meus camaradas de capoeira, colegas, instrutores, professores e, em especial, aos meus alunos, por estarmos vivendo juntos este momento histórico, nos encontrando, aprendendo, celebrando, mediados por algo em comum, e que de fato nos une, a bela arte-capoeira.

E, por fim, ao importante suporte financeiro da CAPES, que tornou possível a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo perceber, refletir e compreender a dinâmica do fenômeno capoeira inserido no contexto geográfico e cultural específico das cidades de Cruz Alta/RS, Panambi/RS e Ijuí/RS, na sua relação com escolas e a Educação Física. O estudo também visou a fundamentar e subsidiar a elaboração de futuras abordagens pedagógicas da capoeira, tanto na área da pesquisa educacional, como na prática pedagógica no contexto escolar e acadêmico. Foram utilizados como instrumentos de investigação: memorial descritivo, notas de campo e entrevistas semi-estruturadas, a partir de uma orientação metodológica de cunho qualitativo, com vistas a compreender o fenômeno de forma contextualizada. Constatou-se que a via escolar tem sido privilegiada no processo de inserção social da capoeira nas comunidades investigadas. Essa inserção escolar da capoeira está se dando geralmente no âmbito extracurricular, através de pessoas ligadas a grupos de capoeira e, invariavelmente, à área de estudo da Educação Física. A capoeira, fenômeno social impregnado de sentidos, intencionalidades e contradições, ao adentrar as escolas, mesmo pela via informal, tem estabelecido relações com o todo da dinâmica escolar. Dessa forma, capoeira é um conteúdo que vem emergindo como importante, significativo e plenamente possível de ser tematizado pela disciplina curricular de Educação Física. Isso implica em considerar a escola não apenas como um espaço para a reprodução da capoeira, e sim o local de vivência e estudo do fenômeno, que é perpassado por aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos, de forma a permitir ao educando a elaboração de uma compreensão mais ampliada a respeito do mesmo.

Palavras-chave: Capoeira, Escola, Cultura Corporal de Movimento, Educação Física.

ABSTRACT

This research had as its aim to perceive, reflect and understand the dynamics of the *capoeira* phenomenon inserted in the specific cultural and geographic context of the cities of Cruz Alta/RS, Panambi/RS and Ijuí/RS, its relation with the schools and with the Physical Education. The study also aimed at founding and subsidizing the elaboration of future pedagogical approaches to *capoeira*, either in the educational research area, as in the pedagogical praxis in school and academic contexts. The investigation tools employed were: descriptive memorial, field notes and semi-structured interviews, starting from a qualitative methodological orientation, with the objective of understanding the phenomenon from a contextualized perspective. It was noticed that the school way has been privileged in the process of the social insertion of *capoeira* in the investigated communities. This school insertion of the *capoeira* is happening mainly in the extracurricular field, through people related to *capoeira* groups and, invariably, to the study field of Physical Education. The *capoeira*, social phenomenon impregnated of senses, intentions and contradictions, while entering schools, even through an informal way, has established relations with the school dynamics has a whole. Thus, *capoeira* is a subject which has been emerged as important, meaningful and totally possible of being schematized in the curriculum subject of Physical Education. This implies considering the school not only as a growing field for the *capoeira*, but also the room for living and studying the phenomenon, which involves political, social, cultural and economical aspects, allowing the apprentice the elaboration of a wider comprehension of the theme.

Key-words: *Capoeira*, School, Body Movement Culture, Physical Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Locais de oferta da prática da capoeira na região investigada.....	62
Gráfico 2: Características de formação dos agentes responsáveis pelas aulas de capoeira por locais investigados.....	63
Gráfico 3: Formas de inserção da capoeira nas escolas investigadas.....	68
Gráfico 4: Abrangência de escolas com oferta direta ou indireta da prática da capoeira por projetos específicos de secretarias de educação por municípios investigados.....	69
Gráfico 5: Incidência do número de escolas com oferta direta ou indireta da prática da capoeira (considerando projetos centralizados de secretarias de educação) frente aos demais locais de prática da capoeira encontrados na região investigada.....	70
Gráfico 6: Características das escolas com oferta direta ou indireta da prática da capoeira considerando também escolas com tal oferta de forma indireta por projetos centralizados de secretarias de educação.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CAPOEIRA: FENÔMENO HISTÓRICO-SÓCIO-CULTURAL	18
1.1 A escravidão no Brasil.....	18
1.2 Origens da capoeira.....	24
1.3 Significações e (re)interpretações acerca da capoeira.....	28
2 CONDICIONANTES HISTÓRICOS DA CAPOEIRA	37
2.1 Desenvolvimento e expansão.....	37
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CAPOEIRA NOS MUNICÍPIOS ALVO DO ESTUDO	46
3.1 Caracterização cultural das cidades de Cruz Alta/RS, Ijuí/RS e Panambi/RS e uma breve análise da presença da cultura afro-brasileira na região.....	46
3.2 Breves considerações sobre o cenário da cultura corporal de movimento nos municípios estudados.....	53
3.3 A presença da capoeira nas cidades de Cruz Alta/RS, Ijuí/RS e Panambi/RS.....	55
3.4 Atualidades da capoeira nas cidades investigadas.....	60
4 A CAPOEIRA NOS ESPAÇOS FORMAIS DE EDUCAÇÃO	75
4.1 Capoeira e Educação Física: aproximações históricas e atualidades.....	75
4.2 Fatores conjunturais: educacionais e sócio-políticos intervenientes na relação capoeira, escola e educação física.....	83
4.3 Capoeira na/da escola e educação física escolar: jogo de dentro/jogo de fora.....	89
4.4 A Capoeira nas universidades.....	107
5 A CAPOEIRA NAS ESCOLAS PESQUISADAS	111
5.1 Inserção e vínculo da capoeira e seus agentes nas realidades escolares investigadas.....	114
5.2 Justificativas da presença da capoeira nas realidades escolares pesquisadas.....	116
5.3 Objetivos relacionados à oferta da capoeira nas realidades escolares pesquisadas.....	119

5.4 Resultados e desdobramentos dos trabalhos realizados com a capoeira nas escolas investigadas.....	126
5.5 Resistências encontradas quanto à presença da capoeira nas escolas investigadas.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS	140

INTRODUÇÃO

O presente estudo começou a ser gestado no início da década de 1990, embora eu ainda não tivesse consciência disso e, muito menos, a dimensão do processo no qual estaria envolvido no decorrer dos anos, quando fiz minha opção profissional pela Educação Física e a capoeira. Enquanto me dedicava aos estudos acadêmicos no curso de Educação Física, motivado por leituras de teor crítico-social desta, como os escritos de Medina (1986, 1987), Oliveira (1987, 1988), para citar alguns, e principalmente por um artigo escrito por Falcão (1991), intitulado “A capoeira também educa”, fui instigado a buscar na capoeira algo que, para mim, naquele momento, as práticas esportivas constantes do currículo escolar e universitário pareciam não estar suprimindo. Este algo, hoje sei, é o diferencial de uma prática que envolve várias dimensões e possibilidades de vivências e análises no campo histórico, social, cultural e esportivo, em consonância com a realidade brasileira. Certamente esta complexidade da capoeira, contraposta a um sentido único e fechado de prática esportiva, muito criticado nos textos com os quais vinha mantendo contato, foi o que mais me atraiu e o que me mantém ligado a ela.

O desafio primeiro por mim encontrado, naquele início de década, foi encontrar a capoeira. Algo praticamente desconhecido do meu universo de relações e na comunidade da cidade de Cruz Alta como um todo. Por rumores, sabia que a capoeira se fazia

presente na cidade, no entanto, pessoalmente, não havia ainda visto nem mantido contato com alguns dos envolvidos com sua prática.

Após uma série de informações desconstruídas, deparei-me com a prática da capoeira num bairro da cidade de Cruz Alta. Foi em uma academia de ginástica clandestina, que mantinha alguns aparelhos de musculação, um bar onde se bebia e se jogava sinuca e uma sala com carpetes soltos onde aconteciam as aulas de capoeira. Tudo isso num mesmo ambiente.

Naquela noite fria de inverno, tive contato com a pessoa que me iniciou na arte da capoeira. Assisti à aula que o cidadão Wladimir Camargo Messias, de apelido “Pagode”, hoje Mestre de Capoeira, após tomar descansadamente sua bebida e terminar seu jogo de sinuca, ministrou para apenas dois alunos. Contei-lhe do meu interesse em aprender e estudar a capoeira, para usá-la futuramente aliada a minha profissão. Na aula seguinte, comecei meu aprendizado, então em outro espaço que havia aparecido e que possibilitou uma melhor visibilidade para a capoeira, pois se tratava de uma academia de ginástica no centro da cidade.

Desse momento em diante, comecei a vivenciar a capoeira de uma forma bastante motivada. O grupo de praticantes era pequeno e empolgado; criamos um forte laço de amizade. Ainda era uma prática da cultura corporal de movimento inexpressiva quanto a sua inserção na comunidade e assim permaneceu por mais algum tempo. Faço parte dessa história quase desde seu início, e tornei-me, dentre os muitos colegas de aula e treino que se somaram nos anos subsequentes, um dos poucos agentes cada vez mais envolvidos ao longo dos anos com o ensino e a divulgação da capoeira na comunidade local e regional.

Em Cruz Alta-RS, Ijuí-RS e Panambi-RS, durante esse tempo, o caminho de desenvolvimento da capoeira foi traçado, acompanhando com maior ou menor velocidade, dependendo da época, as tendências desta arte no cenário nacional. A capoeira, em termos globais, passou de prática estigmatizada socialmente, ontem, a status de disciplina acadêmica, hoje; de prática marginal, ontem, a esporte cada vez mais inserido no dia a dia de pessoas da elite, hoje; de prática de rua espontânea, descompromissada, lúdica e também violenta, no passado, a prática regrada, normatizada e inserida nos contextos escolares, academias e clubes sociais, na atualidade. Assim se nos apresenta a capoeira hoje contrastada com o passado também no âmbito local em que estão situadas estas reflexões.

A capoeira é uma manifestação da cultura popular brasileira que, atualmente, ganha em expressividade, fazendo-se presente nas grandes, médias e pequenas cidades do país, configurada de diversas formas, seja como esporte, espetáculo, arte, terapia, ou mesmo prática de movimentos sociais, principalmente aqueles ligados às causas sociais da população afro-brasileira. O fenômeno capoeira está obtendo cada vez mais espaço também no campo educacional - escolas e universidades - e é esse recorte do fenômeno que instigou este estudo.

Portanto, este estudo é um esforço de compreensão e interpretação do fenômeno capoeira, inserido no contexto sócio-geográfico-cultural específico das cidades de Cruz Alta, Ijuí e Panambi, localizadas na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

Busca-se, com este estudo, perceber e refletir sobre a dimensão do fenômeno capoeira inserido na área educacional neste contexto geográfico/cultural específico. Pretende-se, também, fundamentar e subsidiar a elaboração de futuras abordagens pedagógicas da capoeira, tanto na área da pesquisa educacional, como na prática pedagógica no contexto

escolar e acadêmico, principalmente na região em foco, onde o fenômeno se caracteriza por ser recente, porém, já significativo.

Insere-se este estudo no bojo daqueles que vêm sendo elaborados no universo acadêmico, referendando este tema. Têm surgido alguns estudos acadêmicos ocupando-se da capoeira; a tendência é de que os mesmos tenham acréscimos devido ao movimento histórico de expansão desta prática cultural. No universo de estudos que contemplam a capoeira em sua relação com os contextos escolares, ainda há um amplo espaço para formulações que visem compreender e delinear criticamente o processo de inserção da capoeira no âmbito escolar. É nesse sentido que se constitui a intenção desta investigação.

Parte-se, inicialmente, das seguintes questões: Qual a realidade, as características e tendências da capoeira como prática pedagógica no contexto escolar, nas cidades de Cruz Alta-RS, Ijuí-RS e Panambi-RS? Como se configura a presença da capoeira na realidade específica de três escolas da cidade de Ijuí-RS?

O fenômeno capoeira ligado ou aproximado ao contexto escolar está em expansão no país; porém, o foco deste estudo, ainda que se esteja considerando o fenômeno no seu aspecto global, visa à especificidade do contexto regional/local a ser estudado, levando em conta alguns aspectos peculiares:

a) a capoeira é uma prática cultural afro-brasileira em ascendência de popularidade também nesta região de colonização européia, mas não livre de estranhamentos culturais, até mesmo por características históricas da colonização, que relegou de certa maneira a um plano não privilegiado aspectos importantes da cultura afro-brasileira, assim

como ocorreu em outras regiões do país;

b) a capoeira, mesmo sendo hoje considerada um fenômeno global, no contexto regional a ser estudado é um fenômeno recente, se comparada à sua presença em outras regiões do país, sendo de convergência considerável para contextos escolares, e aproximada de acadêmicos e profissionais da Educação Física, mesmo não sendo objeto de estudo nas universidades da região;

c) a capoeira, relacionada aos contextos escolares e à Educação Física, talvez esteja a caminho de se consolidar como mais uma nova prática da cultura corporal de movimento¹, no âmbito local, com significativa demanda, e necessite cada vez mais de pesquisas e formulações teóricas que visem a compreendê-la e a subsidiar o seu trato pedagógico, principalmente no âmbito educacional.

Este estudo considera a capoeira na sua historicidade geral, assim como na sua presença histórica específica na região estudada. Dessa forma, também considera a imbricação social desta prática ao longo do seu desenvolvimento nos dois âmbitos. Portanto, este estudo é perpassado por uma intenção de análise crítica, que considere os múltiplos enfoques requeridos pelo tema capoeira relacionada a contextos escolares, utilizando-se de contextualizações e análises de campo, apoiado em bibliografia específica da Educação, da Educação Física, da Capoeira, da História e de outras áreas afins.

¹ Usar-se-á, para designar o campo de estudo da Educação Física, o termo “cultura corporal de movimento”, sem a intenção de querer contrapor os termos “cultura corporal” ou “cultura de movimento”, utilizados por outros autores, mas concordando com Bracht (2004), que, ao analisar estas designações, vê como fundamental às mesmas o conceito de “cultura”, pelo fato de o mesmo promover um novo arranjo na ótica de análise das práticas das quais se ocupa este campo de estudo, considerando-os como elementos social e historicamente construídos e que são perpassados por múltiplas e complexas dimensões, que transcendem o aspecto biológico, antes predominante no campo de visão da Educação Física.

Insere-se esta pesquisa na orientação metodológica de cunho qualitativo. Nesta orientação metodológica não é descartada a subjetividade do pesquisador, e sim é entendido que há uma interação entre o objeto real de estudo e a subjetividade do investigador. Não se isola o objeto de estudo, mas ao contrário, o mesmo passa a ser considerado nas relações complexas contextualizadas em que está envolvido (SILVA, 1996). A pesquisa, então, é centrada na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando compreendê-las de forma contextualizada e sem a pretensão de generalizar as conclusões (NEGRINE, 1999).

No primeiro capítulo, partindo da compreensão da capoeira como um fenômeno histórico-sócio-cultural, ela é situada quanto as suas origens, suas significações e (re)interpretações.

No segundo capítulo, são analisados alguns condicionantes históricos que configuraram e configuram a capoeira no seu percurso de desenvolvimento e expansão no contexto global.

No terceiro capítulo, contextualiza-se o estudo, em seu enfoque regional, caracterizando-se culturalmente os municípios alvo do estudo e fazendo-se uma referência à presença da cultura afro-brasileira nesta realidade. Também é feita uma referência quanto à presença histórica da capoeira no estado do Rio Grande do Sul, juntamente com um histórico da inserção dessa prática no contexto regional de estudo. Ainda nesse tópico, são analisados alguns dados quantitativos que, de certa forma, retratam a realidade sobre a qual se está estudando. Esses dados ajudam a contextualizar, de fato, o estudo, embora se reconheça que o processo de inserção da capoeira nos diversos segmentos sociais é dinâmico e, portanto,

passível de novas configurações com o passar do tempo. Mesmo assim, os dados trazem elementos que, estudados, podem, além de contextualizar o fenômeno, ajudar a compreendê-lo na atualidade e perspectivar questões futuras (BRACHT, 2004).

No quarto capítulo, a intenção é refletir sobre alguns condicionantes que perpassaram e perpassam a relação entre a capoeira, Educação Física, escola e universidade, ao longo da história e na atualidade, no contexto global e local.

O quinto capítulo apresenta uma análise das categorias levantadas nas entrevistas, que tiveram como foco três realidades escolares da cidade de Ijuí. Esta análise permitiu uma aproximação ainda mais efetiva do objeto de estudo, o que ampliou as possibilidades de interpretação do movimento que vem sendo realizado com a capoeira nestes contextos escolares, para além dos dados quantitativos iniciais. Ao final do quinto capítulo, são tecidas algumas considerações, destacando-se as principais constatações do estudo.

Em tempos de expressivas produções teóricas na área de Educação Física, que enriquecem as abordagens possíveis nesta área do saber, e em tempos de ascensão considerável da capoeira nos diversos contextos sociais, inclusive como objeto de estudo da e na Educação Física, pretende-se, com esta investigação, contemplar as realidades que cercam o objeto de estudo, com um olhar o mais perspicaz possível, para tentar, como escreveu Demo (1993, p. 21), “compreender os tempos novos, abarcar os anseios das novas gerações, perscrutar os rumos do futuro”, o que, com certeza, constitui prerrogativas importantes que capacitam os educadores a enfrentarem os desafios da contemporaneidade (FENSTERSEIFER, 2001).

1 CAPOEIRA: FENÔMENO HISTÓRICO-SÓCIO-CULTURAL

1.1 A escravidão no Brasil

A escravidão, no Brasil, com todas as suas contradições, é o momento histórico no qual certamente se assentam os pressupostos para melhor compreendermos a capoeira, uma vez que foi nesse processo histórico que esta prática cultural foi forjada. Sendo assim, neste capítulo serão revisitados aspectos dessa história, focalizando-se a capoeira como uma das manifestações culturais que emanaram das condições sócio-culturais dadas nesse período.

Conrad (1985), em seu trabalho sobre o tráfico de africanos escravizados para o Brasil, situa os acontecimentos desse período histórico como uma das maiores “tragédias da história humana”. Estima o autor que mais de 5 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil entre os anos de 1525 e 1851, numa “média de um milhão e meio por século”. Caracteriza o regime de escravidão no Brasil como extremamente brutal. Brutalidade esta geradora de inúmeras condições adversas para a sobrevivência dos africanos, o que gerava uma contínua necessidade de reposição dos mesmos para alimentar o sistema. Tal reposição, segundo Conrad, foi alavancada pelas

Oportunidades que seriam encontradas na produção de açúcar, ouro, diamantes, algodão, café, tabaco e outros produtos para venda no exterior [...]. Por outro lado, a grande facilidade e o baixo custo para a obtenção de trabalhadores na África por

meio de ataques, guerra, ou pela troca de produtos baratos como tabaco, rum, armas de fogo, pólvora, têxteis, e até mesmo conchas do mar (1985, p. 15).

Conforme Conrad (1985, p. 16), essas facilidades e condições “baratas” de importação de trabalhadores escravizados, em face das riquezas que estavam no rol da produção no Brasil, concorreram para solidificar uma postura de total “descaso” quanto à “saúde” e ao bem-estar destes trabalhadores. Dessa forma, o déficit de escravos, que gerava uma demanda grande de novas importações, se dava devido aos “[...] efeitos da doença, punição, trabalho excessivo, deserção, rebelião, alforria, pequena proporção de mulheres para homens, e pouca consideração pelas vidas das crianças improdutivas [...]”.

Uma vez capturados, presos em portos à espera do embarque, à mercê da própria sorte, em meio a outros desconhecidos, os escravizados certamente passavam por uma enorme desestruturação, tanto psicológica, como social e cultural, que lhes gerava muito temor e apreensão, o que não poderia ser diferente, se analisarmos esta abrupta mudança, conforme Pinsky:

Retirado do seu habitat, de sua organização social, do seu mundo, é natural que esteja atemorizado diante de uma condição que, ao menos de início, nem chega a compreender devidamente. Sem conseguir definir seu espaço social, sente-se identificado pelos captores aos demais cativos, oriundos de outras tribos, praticantes de outras religiões, conhecedores de outras línguas, vindos de outra realidade. Por isso ele não se identifica com outros cativos, sente-se solto, perdido, sem raízes (1984, p. 27).

Ao aportarem em terras brasileiras, os que sobreviviam à travessia do oceano atlântico, pois grande era o saldo de mortos em cada viagem que durava meses em condições subumanas, eram negociados.

Muitas estratégias foram implementadas pelo sistema escravista com o objetivo de manter os cativos subordinados aos seus senhores e à condição social que lhes fora imposta. Entre elas, a ação da Igreja, que não só justificava o intento da escravização dos indígenas e africanos, como, através do discurso cristão, da paciência e mansidão, servia à tentativa de consolar e apassivar o cativo diante de sua miséria, sendo que a recompensa estaria na vida eterna (COSTA, 1982).

Sobre isso, Chiavenato assim se refere:

É um tempo, o século XVI, em que os atos de dominação precisam ser justificados ideologicamente. Não ficava bem escravizar seres humanos após o renascimento. Então a igreja decreta que os negros não tem alma, sendo passíveis, portanto, de escravização, o que lhes permitiria receber o batismo e, assim, ganhar uma alma - passaporte para o céu, prêmio a todo bom cristão obediente ao rei e à lei. Desumanizar o negro é o primeiro processo para entendê-lo como inferior e justificar o cativo, os castigos e até mesmo o direito de matá-lo (1988, p. 76).

Como estratégia para diminuir o risco de insubordinações e rebeliões, evitava-se também destinar para os mesmos locais negros escravizados que tinham traços culturais em comum, o que poderia servir como elo de identificação e posterior organização entre os mesmos.

Embora tenham sido muitos os mecanismos e artifícios com objetivos conformadores da ordem social escravista e, portanto, da condição do negro como escravizado, ações individuais e coletivas de inconformismo e revolta por parte dos mesmos foram, de fato, muitas ao longo da história.

Entre as ações que denotam o inconformismo do negro frente a sua condição, situam-se as inúmeras fugas, que, individuais ou coletivas, eram constantes; os suicídios, uma vez compreendidos como atos de revolta e, também, o assassinato dos seus senhores.

Os quilombos² foram, indubitavelmente, um dos maiores símbolos da resistência escrava no Brasil. O mais famoso historicamente foi o quilombo de Palmares, porém inúmeros outros existiram. Eram locais que abrigavam, segundo Chiavenato (1988, p. 77), a esperança do negro em construir “uma nova sociedade onde poderiam sobreviver longe do sistema opressor”.

Uma outra prática utilizada eram as sociedades de ajuda mútua, cujo dinheiro arrecadado num sistema de “cooperativa”, conforme Chiavenato (1988), eram utilizados para a “compra da carta de alforria” e “empréstimos aos negros necessitados”.

Entre as inúmeras revoltas que atestam o caráter não submisso dos escravizados diante da situação vivida, segundo Pinsky (1984, p 60), pode-se situar a Balaiada, que, “[...] ocorrida em 1838 no Maranhão e no Piauí, talvez seja o mais conhecido dos levantes escravos. Durante três anos, os negros revoltosos resistiram às tropas do governo para, no final, capitularem diante das forças muito superiores lideradas pelo futuro Duque de Caxias”.

Um movimento também importante para compreender a não passividade da massa escravizada no Brasil foi a revolta dos malês, em 1835, na Bahia, que, embora de fundo

² Existem catalogadas atualmente no país mais de 2000 comunidades quilombolas, sendo que destas apenas 29 têm suas terras reconhecidas. O reconhecimento das demais comunidades, assim como a delimitação, a titulação e o registro imobiliário de suas terras é no momento um dos intentos anunciados pelo governo brasileiro.

religioso, pois os malês eram negros islamizados que pretendiam fundar, segundo Chiavenato (1988), “sociedade livre” e atingir “seus fins religiosos”, também é vista pelo autor como de “fundo libertário”, uma vez que também se colocavam contrários aos senhores de escravos que não vinham aceitando o pagamento para a alforria de alguns de seus escravos.

A abolição da escravidão no Brasil foi, literalmente, conquistada através de um processo de muita luta materializado nas inúmeras revoltas empregadas individual ou coletivamente pelos negros escravizados. Fatores econômicos e políticos que, segundo Mattos (2005, p. 18), eram “o endividamento de alguns fazendeiros com o comércio negreiro, o isolamento brasileiro no panorama internacional, diante da pressão inglesa” que começou a ocorrer a partir da proibição do tráfico de escravos e que somados às campanhas abolicionistas e às fugas em massa de escravos nos últimos anos do regime oficial de escravidão, formaram as condições mais do que necessárias para que a abolição ocorresse.

Tal entendimento da abolição da escravidão no Brasil, como sendo um processo literal de luta também perpassa nas cantigas de capoeira, como podemos verificar na seguinte letra de uma cantiga gravada pelo mestre Toni Vargas:

Dona Isabel que história é essa
Dona Isabel que história é essa
De ter feito abolição
De ser princesa boazinha
Que libertou a escravidão
Eu tô cansado de conversa
Tô cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue
Que inundava esse país
Que o negro transformou em luta
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes
E ainda por se fazer agora
Com a verdade da favela
E não com a mentira da escola
Dona Isabel chegou a hora
De se acabar com essa maldade

De se ensinar aos nossos filhos
O quanto custa a liberdade
Viva Zumbi nosso rei negro
Que se fez herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo
A liberdade verdadeira
Que já corria nos quilombos
Que já jogava capoeira
Iê viva...

Ao longo da história, em meio à inconformidade dos escravizados, que se manifestou das mais diversas formas, como mencionamos anteriormente, também ocorreu paulatinamente toda uma reestruturação individual e coletiva dos negros no plano cultural, que não foi simplesmente a assimilação da nova cultura que lhes fora imposta. O maior exemplo dessa afirmação é o sincretismo religioso característico do Brasil, que é uma espécie de amálgama de aspectos das religiões africanas com aspectos da religião cristã, que permitiu então que os primeiros, recriados, sobrevivessem em meio à imposição de uma nova ordem cultural até então estranha a sua cultura (COSTA, 1998).

Soares (2001, p. 138) afirma que a capoeira é uma prática escrava antes de ser africana. Segundo o autor, “mais que memória trazida do continente natal, a capoeira era um aprendizado da nova terra necessário para sobreviver às mazelas da condição de cativo”.

Soares (2001) pauta suas conclusões na análise da documentação policial que compreende o período de 1808 a 1850, na qual explicita que, mesmo no fim desse período, em que a maioria da população já era de homens livres ou libertos, predominava nos registros a prisão de negros, por capoeira, que estavam na condição de escravos. Credita, ainda, o autor a sobrevivência da capoeira aos constantes ataques e repressões policiais a sua enorme capacidade de agregar e viabilizar a “sociabilidade escrava”.

Costa (1988, p. 282) escreve que, nos centros urbanos, “as ocasiões de sobrevivência dos ritos africanos eram maiores do que nas zonas rurais, dada a concentração de escravos da mesma nação e a relativa liberdade com que se deslocavam de um para outro lado” e, apesar das inúmeras tentativas de coibir ajuntamentos de negros com estratégias de mantê-los sob controle, eram ações extremamente difíceis, pois sempre que possível reuniam-se em grupos e, segundo a autora, era o momento em que usufruíam de suas danças e rituais religiosos. Esses encontros eram comuns à noite em praias, enquanto seus senhores dormiam.

Certamente, eram durante esses momentos de celebração cultural, arranjados pelas comunidades negras, apesar da repressão, que paulatinamente os aspectos culturais que os unia, mesmo que num constante processo de recriação, cada vez mais se transformavam em elementos aglutinadores de forças diante da necessidade do agir de diversas formas possíveis, no processo de resistência diante da situação social inferiorizada da população negra. A população negra no Brasil, mesmo agindo nos interstícios da sociedade, articulava seus momentos de celebração, resistência e recriação cultural, e é provavelmente nesses momentos que a prática da capoeira, de característica lúdico-combativa, tenha sido gerada.

1.2 Origens da Capoeira

No cenário da tradição oral da capoeira e em alguns estudos históricos realizados sobre a mesma, a questão de suas origens é sempre recorrente. Teria a capoeira vindo da África, mais especificamente de Angola, ou teria se originado no Brasil?

Rego (1968) comenta sobre a tese de Luis Câmara Cascudo, segundo a qual em Angola há uma dança, um ritual de iniciação, que é identificado como uma raiz formadora da

capoeira. Esta dança chamada n'golo ou dança das zebras era empregada em Angola num ritual que marcava a passagem da menina à condição de mulher e o guerreiro de destaque poderia então escolher sua noiva sem a necessidade de pagar o dote ao seu pai (CAPOEIRA, p. 1999). Para Rego (1968), essa hipótese que vincula a origem da capoeira ao n'golo e à vinda de negros Angolanos carece de comprovação documental suficiente, que possa lhe dar consistência científica. Por isso, segundo o autor não se pode tomar tal afirmação como verídica.

Rego (1968), embora reconheça a constante alusão à capoeira como extremamente ligada à Angola, principalmente pelo que se verifica nas letras das cantigas de capoeira e no nome dos toques de berimbau³, e as afirmações de estudiosos sobre a propensão dos negros Angolanos às festas, à criação e (re)criação de folguedos diversos e o fato de apresentarem diversas manhas e artimanhas em oposição ao trabalho, ainda mantém sua posição no sentido de que a escassa documentação não permite imputar veracidade à afirmação de que a capoeira teria sido originária de Angola.

O mesmo autor, posiciona-se, então, no sentido de que a capoeira teria de fato sido criada no Brasil pelos negros escravizados e herdada, desenvolvida e transformada por seus descendentes.

Soares (2001) também argumenta ser a capoeira prática criada e desenvolvida pelos negros escravizados no Brasil. Afirma o autor que a capoeira é uma prática de raízes culturais africanas, as quais são suas ancestrais, e que diversas outras práticas de luta ou dança afro-

³ Toques de berimbau possuem nomes como: toque de Angola; toque de São Bento Pequeno de Angola; toque de São Bento Grande de Angola.

americanas espalhadas pelo continente americano, que apresentam aspectos ou traços que podem ser considerados como assemelhados à capoeira, são de fato suas parentes, embora não seja a capoeira, que se caracteriza por ser um fenômeno afro-brasileiro nascido nas condições específicas da escravidão no Brasil.

A capoeira, então, é considerada neste estudo como atividade originada do amálgama de diversas práticas de raízes culturais africanas, dada em solo brasileiro, e que se constituiu em um dos instrumentos “culturais” que estiveram e estão investidos de um caráter de resistência e luta da comunidade negra e ou afro-descendente. Essa prática se manifestou de diversas formas e em diversos locais. Uma de suas características básicas, afloradas constantemente no seu processo de desenvolvimento, sempre foi o seu caráter ambíguo, que comporta ora a brincadeira, o divertimento, numa luta simbólica, ora o confronto de fato, a luta, literalmente.

A Capoeira, prática de caráter ambíguo, sempre esteve historicamente ligada a um processo literal de resistência e conquistas sociais, que aos poucos vem afirmando o espaço sócio-cultural de direito do afro-descendente no Brasil. Nesse processo histórico de conquistas e ou de não passividade da população afro-brasileira, o jogador de capoeira, cujo corpo pode ser entendido como espaço legítimo de preservação e exteriorização de elementos culturais identitários, engajou-se significativamente.

Pires (2004), estudando a capoeira em Salvador, no período de 1890 a 1937, e Soares (2001), estudando a capoeira no Rio de Janeiro, no período de 1808 a 1850, chegam à conclusão de que a mesma realmente se configurava como uma prática cultural escrava que, nas palavras de Pires (2004, p. 36), aparecia “revelando aspectos da identidade de indivíduos

que se encontravam em uma das camadas sociais mais baixas, de um ponto de vista das relações de produção material”.

Segundo Pires (2004, p. 38), a capoeira, juntamente com

candomblé, samba e quilombos urbanos eram formas culturais de socialização, espaços de negociação e conflito, homogeneizados enquanto referenciais para a repressão às classes trabalhadoras livres e escravas, principalmente ao que concerne ao controle de grupos sociais de cor não branca.

Para além de considerar a capoeira como apenas amálgama de práticas de raízes culturais africanas, é preciso considerar também que, ao longo do tempo, devido às trocas culturais cada vez mais intensas entre negros, índios e, segundo Soares (2001), também europeus, pois constatou o autor que estrangeiros também fizeram parte do submundo da capoeira no Rio de Janeiro do século XIX, a capoeira aos poucos absorveu outros elementos culturais que passaram a fazer parte da sua constituição.

Em relação a essa múltipla constituição da capoeira, Decânio Filho faz o seguinte esforço em Classificar a contribuição de cada um dos envolvidos no processo:

1 – africanos

- a) do candomblé herdamos o ritmo ijexá e os movimentos rituais fundamentais;
- b) da cultura iorubá recebemos a rima tonal a cada três (3) estrofes e o sotaque;
- c) da cultura banto, que forneceu o berimbau;

2 - europeus (portugueses)

- a) o uso do improviso (chula) e da viola;

3 – brasileiros (regionais baianos e indígenas)

- a) a nomenclatura dos movimentos ,
- b) os motivos dos cantos (fundo cultural literofilosófico popular),
- c) o ritual,
- d) os métodos de ensino,
- e) as modificações de pronuncia e significado dos termos empregados nos cantos,
- f) elementos do batuque dos caboclos (2004, p. 13).

A capoeira, portanto, é uma prática cultural originariamente complexa, impregnada de sentidos e configurações adquiridos em momentos históricos e sociais específicos ao longo do seu processo de desenvolvimento. Esta prática esteve e está historicamente imbricada na dinâmica cultural, também complexa, que envolveu e envolve principalmente a população afro-descendente no Brasil e, de certa forma, deu e ainda dá voz ao grito por liberdade, espaço social e cultural, e condições mais dignas de vida de uma parcela significativa da população brasileira. Nessa parcela, incluem-se negros, brancos, índios e mestiços, que historicamente vivem relegados a uma condição social inferior, num país que sustenta o falso mito da democracia racial juntamente com a falsa imagem de um povo pacífico. Essas elaborações ignoram as inúmeras formas pelas quais a discriminação racial se manifesta em nosso país e, também, as contradições materializadas nas lutas incessantes realizadas pela grande massa de excluídos ao longo da história.

1.3 Significações e (re) interpretações acerca da capoeira

A capoeira, como produto da “fusão” de diversos elementos culturais, de matrizes africanas, em dadas circunstâncias históricas específicas, que se deram desde os primórdios da colonização do Brasil, está permanentemente sendo recriada e sempre em estado de constante interação, diálogo e também conflito direto e indireto com a sociedade onde esteve e está engendrada. Isso tanto no sentido literal, do plano real, como exemplificado na atuação das conhecidas maltas⁴ de capoeira do Rio de Janeiro no século XIX, como no

⁴ Guanguês de capoeiras, que agiam no submundo urbano, na marginalidade, nas ruas do Rio de Janeiro, no século XIX. Segundo Soares (2004, p. 17), o capoeira das maltas, “[...] ao mesmo tempo que enfrentava o aparato policial e a ordem escravista [...] participava ativamente das lutas políticas dentro dos grupos dominantes, como capangas dos senhores da corte, e mesmo incorporava termos e trejeitos do vocabulário pedante de juizes e doutores da política da época”.

plano cultural e como parte de um contexto maior de manifestações de descendência afro-brasileira que, de certa forma, foram e são elementos significativos de interação social, resistências e afirmação de identidade.

Em face do caráter não passivo da capoeira e sua origem popular, é necessário analisar-se esta prática, atentando para as suas diversas configurações, significações e interpretações, considerando estudos já elaborados e conceituados no meio acadêmico.

A capoeira, superficialmente olhada, confunde seus observadores, pelo seu caráter multifacetado, que ora privilegia o lúdico, ora o estético, ora a violência, não se mostrando claramente se é luta, jogo ou dança. Numa análise mais aprofundada, é possível perceber que por trás de alguns de seus elementos caracterizadores, como a ginga, a dissimulação, o engano, a malícia, a mandinga, o achincalho, está toda uma construção histórica e cultural, carregada de simbolismos e significados que, para serem melhor compreendidos, devem ser vistos sob a ótica histórica, cultural e social, pois exprimem as vivências de um povo que inscreveu e fez transparecer nas suas práticas corporais, como a capoeira, a não submissão ao sistema de vida desumano ao qual estiveram, e muitos ainda estão, submetidos.

Considerando o caráter polissêmico da capoeira, tem-se o mesmo fenômeno, em determinadas épocas históricas e em diversos locais, configurado de formas diferentes (CAPOEIRA, 1996). Evidencia esta afirmação o caso da Bahia, onde a capoeira apresentava forte conotação religiosa, como relata Marinho (1984, p. 156) a partir de Edison Carneiro, quando afirma que na Bahia as rodas de capoeira apresentam verdadeiros rituais “com cânticos e música de berimbau, chocalhos e pandeiros. No seu misticismo religioso, rezando

ou esperando o santo, o Angola ia exacerbando os seus movimentos, sua ginga, seus saltos, seu bamboleio, até atingir a verdadeiros paroxismos”.

Já no Rio de Janeiro, no século XIX, a capoeira aparecia, segundo Soares (2004, p. 15) “como uma marca da tradição rebelde da população trabalhadora urbana na maior cidade do império do Brasil, que reunia escravos livres, brasileiros e imigrantes, jovens e adultos, negros e brancos”. Nesta realidade, segundo o autor, no meio urbano, a capoeira e os capoeiras assim se caracterizavam:

Controle informal de determinados setores urbanos por grupos de escravos ao ganho e uma prática grupal forjadora de novas identidades locais; participação nos conflitos políticos, principalmente nos momentos de desordem social; forte presença dentro dos embates urbanos da escravidão e uma estranha simbiose com os aparatos policial e militar (2004, p. 16).

No plano simbólico, a capoeira também é constituída de diversos significados. Estudos como o de Reis (2000) e Tavares (1984), para citar alguns, também analisaram esta dimensão, contribuindo para a ampliação da compreensão desta prática cultural que se mostra tão complexa.

Reis (2000, p. 179) vê através da ótica do gingado no jogo da capoeira (o balanço do corpo, um vai e não vai constante), que o mesmo proporciona o “enfrentamento indireto”, uma “linguagem corporal” que expressa “estruturas de representações presentes na sociedade mais ampla, relativas à condição do negro: seu lugar social e as estratégias de ação que estão ao seu alcance”. A “ginga” significa a possibilidade de barganha, atuando no sentido de impedir o “conflito” (idem, p. 181). O confronto de fato só vai ocorrer no momento certo, de forma rápida, certa, inesperada. “A ginga remete a capoeira a uma zona intermediária e ambígua situada entre o lúdico e o combativo” (idem, p. 177). Nesta análise, a capoeira é vista como um jogo de “contra poder”, onde “o que importa é aproveitar o espaço

vazio deixado pelo outro e, quando houver oportunidade, partir para o embate direto” (idem, p. 181).

Reis, assim percebe simbolicamente a capoeira:

[...] o jogo de capoeira pode ser tomado como uma metáfora política da negociação entre negros e brancos no Brasil [...] Ao inverter a ordem do mundo, colocando-o literal e metaforicamente de pernas para o ar, a capoeira não se opõe inteiramente à ordem dada, mas, ao contrário, joga no campo de possibilidades de luta traçado pelo adversário. Nesse confronto indireto, ter mandinga, saber simular e dissimular a intenção do ataque certo no momento exato, é fundamental. E para isso, há uma razão histórica: a capoeira tem origem na escravidão e, por isso, é uma luta que possibilita ao fraco defender-se do forte (2000, p. 198).

Tavares (apud CAPOEIRA, 1996, p. 42) analisa a capoeira a partir do binômio arquivo-arma, no qual o corpo seria “instrumento de transmissão cultural (arquivo)” e “instrumento de organização da defesa física, individual e comunitária (arma)”. Considera esta prática como um dos “discursos verbais caracterizados pelas especificidades desenvolvidas pelos negros para assegurar a sua sobrevivência, tanto na guerra quanto na paz”.

O jogo de capoeira acontece na roda de capoeira, que pode ser espontânea ou não, constituindo-se a roda de capoeira “um fato social” (FALCÃO, 1995, p. 177). A mesma é constituída de elementos essenciais, próprios e característicos, como a música e os ritos, entre outros. Geralmente a figura do mestre de capoeira é a autoridade máxima na roda de capoeira, sendo que, na sua ausência, a pessoa mais graduada, ou mais considerada entre os presentes, é quem o representa na condução da roda.

Berimbaus, atabaque e pandeiro são os instrumentos mais comuns que dão o ritmo para o desenvolvimento do jogo de capoeira, sendo que para cada ritmo é um tipo de

jogo a ser realizado. O toque dos instrumentos e os cantos são, na atualidade, indissociáveis do jogo da capoeira. O berimbau é tido também como um mestre na roda de capoeira, pois seu toque é que comanda o jogo e, inclusive, é a sua frente que se inicia o jogo. Muitos capoeiristas costumam encostar ou fazer menção ao instrumento antes de se benzerem para iniciar o jogo, numa espécie de ligação do instrumento com o sagrado.

Os cantos conferem certo “clima” à roda de capoeira, exercem uma função de animação. Os cantos acompanhados da instrumentação envolvem de tal forma os jogadores na roda de capoeira que podem levá-los, segundo Decânio Filho (2004), a um estado alterado de consciência, o qual denomina de “transe capoeirano”, durante o qual o praticante passa a ser “parte do todo integrante do conjunto harmonioso em que se encontra inserido naquele momento”.

O canto na roda de capoeira, para Rego (1968, p. 89), pode “narrar fatos da vida cotidiana, usos, costumes, episódios históricos, a vida e a sociedade na época da colonização, o negro livre e o escravo na senzala, na praça e na comunidade social”. O canto tem, também, nesse contexto, uma importante função ritual, de manutenção e preservação da memória histórica e das tradições, bem como de questionamento dessa mesma história, das tradições e da sociedade atual (VIEIRA, 1995).

Os jogadores, antes de iniciarem o primeiro jogo, escutam agachados e em silêncio o canto inicial na roda de capoeira, chamado “ladainha”, devidamente posicionados no pé do berimbau, que é o espaço compreendido em frente e abaixo dos berimbaus, e no momento certo da cantiga, que é sabido pelos praticantes do jogo, benzem-se e começam as movimentações balizadas pela ginga.

O jogo que passa a ser desenvolvido dá sempre a idéia de uma negociação corporal intensa, cuja mediadora é a ginga, configurando um combate simulado, com lances, ora lentos e aparentemente desprovidos de intenção maior, ora rápidos e até perigosos e desconcertantes, que prendem a atenção e, muitas vezes, deixam apreensivos os expectadores.

Todo o gestual do jogo, construído historicamente, está repleto de significações, não raro incompreensíveis aos não iniciados. Como exemplo, tem-se a “chamada de Angola”, que consiste num passo a dois, interrompendo momentaneamente as movimentações que estavam ocorrendo entre os dois jogadores para, depois de toda uma dramatização, simulando o perigo, a possível surpresa, os dois se ligarem de formas específicas e empreenderem juntos alguns passos ritmados para frente e para trás até que aquele que fez a chamada a desfaça, chamando o outro novamente para o jogo ou desferindo de surpresa um golpe, do qual o outro, já precavido, tentará livrar-se.

Reis, analisando o gestual próprio do jogo da capoeira, percebe uma tendência à orientação dos movimentos para o plano do baixo corporal. A autora, analisando o significado dessa inversão corporal realizada constantemente na roda de capoeira, através de movimentos diversos como o “aú”, a “bananeira”, o “rôle” e outros, além do uso privilegiado dos pés, assim se refere:

Na roda de capoeira, o alto corporal é destronado e destituído de importância. O que conta é ter ginga, origem de toda a mandinga, a qual permite a ampliação do espaço, através do embate indireto, da negociação. Mas, como vimos, negocia-se, sobretudo, com os pés. Por isso, na capoeira, valem, além do jogo de quadris, a habilidade e a criatividade dos pés, “pensar com os pés” (o bom capoeirista “joga sem imaginar”- no sentido de pensar - diz uma cantiga de capoeira). Há aqui uma inversão simbólica da ordem dominante, pautada no saber ocidental, cuja racionalidade está sediada na cabeça. Assim, na capoeira, os pés, a “não razão”, tornam-se sábios, em detrimento da “torre de pensamento” (como os

capoeiras cariocas do passado chamavam a cabeça), (2000, p. 190).

No universo complexo da capoeira, alguns conceitos são intrínsecos ao jogo e regem sua própria dinâmica, como ocorre com o conceito “vadiação” e o conceito de “mandinga” e ou “malícia”.

Fundamental para compreendermos a capoeira na atualidade é entender que, como elemento estruturante, a capoeira, desde o princípio, parece ter tido na sua constituição o que Falcão (1995, p. 173) denomina de o “primado do divertimento, do lúdico”, ou seja, da “vadiação”, não no sentido pejorativo do termo, mas como brincadeira, divertimento.

Ao abordar o tema “vadiação”, muito usado para designar as rodas de capoeira, principalmente no passado, Vieira (1995, p.104) percebe neste termo, entre outros, “categorias discursivas que permitem a identificação de um universo alheio às normas morais tradicionais, como as que supervalorizam o trabalho como instrumento de formação do indivíduo”.

O conceito de “vadiação”, essencial na preservação da capoeira que, sem este elemento lúdico, perde parte de sua identidade, vem encontrando, na atualidade, fatores limitantes à sua disseminação como elemento constituinte das rodas de capoeira. Esses fatores limitantes materializam-se na violência e na incompreensão que surgem em função das disputas por espaço, reconhecimento e prestígio entre indivíduos e grupos de capoeira, que, muitas vezes, obscurecem o ambiente festivo, deflagrando conflitos que empobrecem a arte.

O conceito de “mandinga” ou “malícia” também é essencial no estudo da capoeira. Vieira, analisando o depoimento de mestres de capoeira mais antigos, constata que,

no âmbito da capoeira, mandinga:

designa tanto a malícia do capoeirista durante o jogo, fazendo fintas, fingindo golpes e iludindo o adversário, preparando-o para um ataque certo, quanto também uma certa dimensão sagrada, um vínculo do jogador da capoeira com o Axé, uma espécie de energia vital e cósmica nas religiões afro-brasileiras (1995, p. 11).

Reis assim define “mandinga”:

[...]é saber ler as intenções do outro jogador, através da percepção de sua linguagem corporal e adiantar-se a elas mas é também saber fazer com que o outro jogador “entre na sua”, quer dizer, jogue o seu jogo e não o dele, o que o colocará em situação desvantajosa. É saber simular com eficiência a própria intenção e o ataque surpresa no momento exato (2000, p. 178).

A “mandinga” ou “malícia” é fundamental no jogo da capoeira, é adquirida com a vivência e confere a seu praticante um modo específico de ser, estar e interagir na roda de capoeira como na vida. Refere-se ao aprendizado essencial para aprender a “dançar dentro da briga”; à capacidade de desvendar a priori pela observação e experiência as intenções, motivações, pontos fortes, fraquezas e fantasias das pessoas ou dos companheiros de jogo, de forma a antecipar-se ou precaver-se, tirando vantagens, tanto no jogo como nas relações sociais do dia-a-dia (CAPOEIRA, 1996).

Os conceitos de “vadiação” e “mandinga ou malícia” estão presentes, em maior ou menor grau, nas rodas de capoeira assim como na vida do praticante de capoeira, e conferem identidade a ambas. São aspectos essenciais dentro da dinâmica do jogo da capoeira, cujo desmerecimento, fatalmente, passará a ser interpretado como descaracterização, por muitos de seus atores.

A capoeira, sendo rica em significados, vem sendo estudada por diversas áreas do conhecimento, entre elas a História, a Sociologia e a Educação Física, o que tem

contribuído para ampliar as compreensões e interpretações da mesma. Essas diversas compreensões e interpretações ressaltam aspectos físico-estéticos, históricos, sociais, culturais e simbólicos da capoeira, e dão uma dimensão da riqueza da mesma, além de não permitir que ela seja de todo analisada e/ou fomentada apenas como prática esportiva dotada, simplesmente, de regras, técnicas e táticas e como prática regulamentada por órgãos burocráticos institucionais.

Mesmo com todo o processo atual de “transformação” da capoeira, através, principalmente, de sua esportivização e da abertura de mercado a esta prática, além fronteiras, muitos estudos estão dando conta de refletir, afirmar e preservar elementos próprios que a caracterizam e a constituem. Partindo dessa compreensão, não se quer negar (re)significações no universo da capoeira e pautar-se num suposto saudosismo, baseado em narrações de mestres mais antigos, porém, que fizeram eles próprios (re)leituras da capoeira à sua época, mas sim afirmar elementos identitários que lhe são próprios e que lhe dão sentido. Elementos estes construídos histórica e coletivamente e que necessitam ser melhor compreendidos ao invés de serem apenas substituídos ou menosprezados, sem reflexão prévia, por lógicas diferentes, ditadas por padrões diferentes e, muitas vezes, questionáveis, principalmente em épocas de transformações aceleradas, como as que caracterizam a sociedade moderna, cujo advento da globalização influi veloz e significativamente nas produções culturais.

2 CONDICIONANTES HISTÓRICOS DA CAPOEIRA

2.1 Desenvolvimento e expansão

Ao longo do tempo, a capoeira tem sido constantemente (re)significada, ganhando novas configurações e tendo modificado seu *status* que, de prática proibida pelo código penal de 1890⁵, duramente perseguida pelo aparato policial, passa gradualmente a prática presente nas mais diversas instituições sociais, alçada, sobretudo, ao caráter de esporte, obtendo inclusive a alcunha de único esporte genuinamente brasileiro, como se referiu o ex-presidente do Brasil Getúlio Vargas.

Rego assim se refere em uma análise da capoeira em tempos históricos distintos:

⁵ Com base em Rego (1968, p. 292), este era o teor do artigo 402 do Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, instituído pelo decreto número 847, de 11 de outubro de 1890:

“Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena – de prisão celular por dois a seis meses.

A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira alguma a alguma banda ou malta.

Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo a pena do art. 400.

Parágrafo único. Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o poder público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes”.

Antigamente, o jogo da capoeira se fazia nos engenhos, no local de trabalho, nas horas vagas e nas ruas e praças públicas, nos dias de festa, sempre em recinto aberto. Em nossos dias, não há mais engenho; no local de trabalho, como o cais do porto, não se joga mais e nas ruas e praças públicas do centro só em dias de festa. Joga-se capoeira em recinto fechado em palácio do governo, nas academias, nos salões oficiais, nos clubes particulares e nas ruas e praças públicas, onde se realizam festas populares (1968, p. 47).

Tem-se como marco histórico no desenvolvimento, expansão e mudanças significativas no cenário da capoeira, a criação da Luta Regional Baiana, na primeira metade do século XX, pelo senhor Manuel dos Reis Machado - o Mestre “Bimba” -. Mestre “Bimba”, que era conhecedor do Batuque⁶, uma luta também de origem africana, e exímio jogador de capoeira, que segundo o relato de Raimundo César Alves de Almeida, conhecido por Mestre Itapoan, um de seus discípulos, ao perceber modificação e certa descaracterização na capoeira da época, que apresentava um número reduzido de golpes, ficando deficiente como luta e que vinha servindo apenas para apresentações em locais públicos por capoeiristas muitas vezes de procedência duvidosa, inova, criando novos golpes, método de ensino e códigos próprios, fundando sua escola de capoeira. Em 1937, segundo Almeida (1982, p. 17), Mestre “Bimba” consegue o registro de sua escola de capoeira na “Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública”.

O desenvolvimento da luta regional baiana, criada e sistematizada por Mestre Bimba, se deu justamente no período do Estado Novo, na era de Getúlio Vargas. Mestre Bimba fez uma (re)leitura da capoeira que até então se conhecia, usando também de seus conhecimentos em relação ao batuque e criou um estilo próprio. Segundo Almeida (1982, p. 14), o estilo próprio criado por Mestre Bimba veio de sua percepção de que a capoeira vinha

⁶ Veira (1995, p. 135), a partir de Carneiro (1982), escreve que o batuque “é um jogo praticado ao som de berimbaus e outros instrumentos, em que o objetivo é derrubar o adversário com o uso de golpes de perna, como rasteiras e joelhadas. Formando um círculo, um dos praticantes entra na roda e dirige o desafio a outro jogador, enquanto o grupo acompanha o ritmo dos instrumentos com palmas e cânticos. [...] o batuque teria sido incorporado à capoeira, inexistindo atualmente como tradição isolada”.

servindo unicamente para exibições públicas, por “pseudo-capoeiristas”, e se descaracterizando como “luta”. Mestre Bimba procurou, então, primar por uma luta mais eficiente e objetiva, com metodologia própria de ensino-aprendizado. Vieira (1995, p. 109) aponta que a capoeira praticada nas ruas da Bahia, no início do século XX, se dava sob a ética da malandragem, explicada pelo autor como sendo a postura dos capoeiristas de, durante o jogo, “evitar o enfrentamento deliberado, o revide imediato e violento”. Desta forma, a capoeira sistematizada por Mestre Bimba, com conceitos de eficiência e objetividade, chocou-se com os conceitos intrínsecos à capoeira das ruas naquela época.

As novas características que começaram, a partir de mestre Bimba, a influenciar a capoeira, estavam sintonizadas com o espírito político da época. Segundo Vieira (1995, p. 68), estrategicamente, “através de diversos mecanismos, procurou-se difundir entre as classes trabalhadoras o espírito cívico aliado a uma concepção ascética e disciplinada quanto ao uso do corpo”.

Essas mudanças ocorridas com a criação da Capoeira Regional de Mestre Bimba incluíram metodização e regramento em sintonia com as ideologias do regime político impetrado por Getúlio Vargas, as quais incluíam também o fomento e o reconhecimento das práticas da cultura popular, como forma de estimular o desenvolvimento da unidade nacional, e ao mesmo tempo permitir uma liberdade vigiada (VIEIRA, 1995).

Naquele momento histórico específico começava a ocorrer uma aproximação entre capoeira e meio educacional, inclusive na absorção, pelo universo da capoeira, de rituais próprios do contexto educacional, como: formatura, patrono, graduações e diplomas. Creditam-se a isso a aproximação de estudantes universitários, principalmente os de medicina,

da prática da capoeira regional de Mestre Bimba e a convivência dos mesmos com o mestre.

A partir desse advento, incorpora-se, então, paulatinamente no universo da capoeira o aspecto racionalizante: o treinamento planejado, locais específicos para treino, horários, normas e regras em conformidade com códigos político-culturais do momento histórico vivido. Essa conformidade da capoeira/luta regional baiana com o momento cultural e histórico vivido, incorporando elementos antes alheios à sua lógica, certamente conferiu à capoeira um outro “*status*” e concorreu para sua legitimação, afastando-a da clandestinidade, fortalecendo uma pretensa condição de “esporte nacional” e, também, colocando-a sob um maior “controle” institucional (VIEIRA, 1995). Nesse período, a capoeira passa, então, de prática marginal à legalidade.

Após a criação de Mestre Bimba, teve início a era das academias de capoeira. Mestre Bimba abre sua academia em 1932 e a mesma é legalizada em 1937 (VIEIRA, 1995).

Para alguns jogadores de capoeira da época e também para outros, na atualidade, essas criações em torno da Capoeira Regional soaram e soam como descaracterizações, por conferirem à capoeira elementos não condizentes com seu universo e configurações até então conhecidas e presentes de maneira informal nas ruas da Bahia, enquanto que outros são da opinião de que este momento histórico vivido pela capoeira foi decisivo para sua evolução. Como decorrência dessas inovações, outro segmento, voltado à preservação da capoeira “dita” tradicional das ruas da Bahia, que se passou a chamar de Capoeira de Angola, como uma forma de diferenciação, organiza-se em oposição à Capoeira Regional. Inúmeras discussões ocorreram e ainda ocorrem quanto a esses dois estilos de capoeira e atribuem a ela, conforme Vieira, uma “dualidade” que é assim apresentada pelo

autor:

[...] a capoeira angola seria: “original, tradicional, jogo baixo, jogo lento, recreativa e maliciosa, envolta em religiosidade e misticismo, integrada a cultura negra, praticada pelas camadas sociais marginalizadas”. A capoeira regional seria: “descaracterizada, moderna, jogo alto, jogo rápido, agressiva e sem malícia, secularizada e isenta de símbolos religiosos, expressão da dominação branca, praticada pelos extratos sociais médios e superiores” (1995, p. 87).

Quanto a essa dicotomia entre Capoeira Angola e Capoeira Regional, Vieira (1995, p. 88) analisa como já sendo algo quase que inexistente face à interação que atualmente acontece entre os grupos e academias de capoeira, situando a maioria de seus jogadores como praticantes de uma capoeira híbrida, única, onde se percebe, em maior ou menor grau, elementos de um ou de outro estilo de capoeira.

Naturalmente, a capoeira criada por Mestre Bimba possuía características bem definidas, que a distinguiu da capoeira tradicional das ruas de Salvador. No entanto, ao longo de sessenta anos de intenso processo de mudança cultural, essas distinções se diluíram quase completamente, embora existam mestres verdadeiramente dispostos a defender as características próprias de seu estilo (1995, p. 89).

O fato é que a partir da criação de Mestre Bimba e do desenvolvimento da sua Capoeira Regional, somados à organização da Capoeira de Angola, por seu representante, o Mestre Pastinha, a capoeira passou a trilhar um caminho de desenvolvimento, expansão e inserção social significativo.

Outra dinâmica social na qual a capoeira foi e é amplamente utilizada diz respeito ao turismo, em cujo contexto ela aparece como atração muito requisitada. Tratando deste assunto, Rego (1968, p. 361) analisou a influência dos órgãos de turismo na Bahia sobre a capoeira como sendo um “agente negativo no processo de decadência da capoeira,

sociológica e etnograficamente falando”, pois incentivava tornar a prática mais exótica possível para cumprir com as finalidades do referido órgão. Ainda, conforme Rego (1968, p. 362), “o fato é que, quanto mais palhaçada faz a academia essa é a preferida do órgão público”.

Ao comentar a análise de Rego (1968, p. 361) acerca da influência do turismo na configuração da capoeira, Falcão (1995) observa, com muita propriedade, que através do próprio turismo é que a capoeira e muitos capoeiristas ganharam o mundo, sendo que sua presença é muito significativa na atualidade em vários países, onde ensinam e divulgam não só a capoeira como também o Brasil.

A capoeira, como esporte, status que lhe foi conferido oficialmente no início da década de 1970, quando a mesma passa a fazer parte do sistema desportivo nacional, continua se expandindo e, na atualidade, muito rapidamente, privilegiando, ainda consideravelmente, a via da informalidade. Novos grupos são criados constantemente e muitos por dissidentes de outros grupos, que por sua vez iniciam novos discípulos, que em dado momento criam também suas escolas e assim sucessivamente.

Na capoeira, atualmente, é predominante a organização por grupos, com as mais diversas denominações, que têm conotação cultural do seu universo. Os grupos são constituídos em torno de um Mestre ou mais. Existem grupos pequenos ou grandes, com um formato organizacional amador, e grupos estruturados com formatos organizacionais mais elaborados. Mais recentemente, há o fenômeno dos mega grupos, grupos com um grande número de mestres e professores filiados, e também um número grande de aprendizes. A grande massa de mestres, professores e alunos constituem grupos menores, que não chegam

às dimensões de um mega grupo, que não passam de dez no Brasil atualmente (CAPOEIRA, 1999).

Cada um dos grupos de capoeira constituído, ou mestre desta arte, defende o seu próprio estilo, a sua visão da capoeira, a sua filosofia, os seus procedimentos e estratégias. Há todo um aparato legal, sob o ponto de vista das instituições que regem o sistema desportivo (confederações, federações) para dar suporte político/burocrático à capoeira, embora números significativos de grupos não estejam diretamente ligados a esses órgãos, administrando-se e organizando-se segundo seus próprios critérios, ou de seus mestres ou responsáveis.

Na estrutura interna de cada grupo, há geralmente uma hierarquia, baseada em cordéis ou cordas⁷, que distinguem os diversos níveis de aprendizagem e conferem “status” ao capoeirista, principalmente no seu grupo e em sua comunidade⁸. Os cordéis ou cordas são geralmente entregues aos alunos em um cerimonial aberto ao público chamado “batizado” de capoeira, que simboliza o ingresso oficial dos alunos no grupo e no cenário desta prática. Para a maioria dos grupos o “batizado” é uma verdadeira festa que envolve além de seus discípulos, convidados de outros grupos amigos. Este procedimento se constitui também como fonte de renda para os grupos, mestres e professores em particular.

⁷ Cordéis ou cordas amarrados à cintura do jogador de capoeira, com cores diversas que variam de grupo para grupo, simbolizam e distinguem os vários níveis em que se encontram os praticantes desta arte, ou seja, os diversos estágios de aluno, instrutor, professor, contramestre ou mestre de capoeira. É um modelo visivelmente inspirado na organização hierárquica das lutas de origem oriental.

⁸ No cenário amplo da capoeira, muitas vezes a hierarquia imposta pelos cordéis ou cordas, nem sempre confere a garantia de respeito ou consideração pelo detentor de determinada corda ou cordel de mestre, pois além do cenário local de convivência do jogador de capoeira, há um cenário fluido em que as hierarquias, embora existam, são a todo momento colocadas à prova e contestadas, sendo que esta distinção conferida pelos cordéis ou cordas não é garantia de que o seu detentor obtenha a aceitação, respeitabilidade ou um trânsito tranquilo no cenário tradicional de reprodução da capoeira. Outros atributos são tidos como necessários para uma melhor aceitação, que são as redes de relações que este jogador de capoeira constrói e possui, a sua linhagem de capoeira (com quem aprendeu, o grupo do qual procede), seu trabalho, sua história e suas atitudes.

Há, no cenário de reprodução da capoeira, a convivência pacífica entre grupos, como também rivalidades e concorrências, o que gera, muitas vezes, atos violentos nos bastidores da própria capoeira, como também na presença de público em eventos, oficiais ou não.

Cada um dos grupos ou capoeirista *free lance* (*este não está ligado direta ou oficialmente a algum grupo*) tem sua área de abrangência na realização de seu trabalho, o seu território, alguns mais restritos, outros com abrangência internacional. As instituições onde a capoeira se insere são as mais diversas, começando por academias, clubes, escolas, associações de bairros, ONGs, clínicas e projetos sociais. Além desses espaços, ocupa, também espaços públicos diversos, como: praças, parques, praias, ruas, das cidades, onde não raro se armam rodas de capoeiras. Essa realidade movimenta um comércio⁹ formal e informal, dos mais diversos artigos de capoeira, como: uniformes, instrumentos musicais, adesivos, cds, enfeites, livros, roupas de passeio, além de movimentar a área turística, como já mencionado, e o terceiro setor.

A capoeira, principalmente na década de 1990 do século XX, passa a produto cultural de exportação, conquistando espaços em vários países, por diversos capoeiristas que se estabeleceram no exterior e foram formando suas escolas. A migração de jogadores de capoeira brasileiros, mestres¹⁰ ou não nesta arte, para ensinarem em terras estrangeiras, é determinada por condições econômicas, abertura de campo de trabalho, e geralmente pela

⁹ Muitos jogadores de capoeira, segundo uma constatação corrente no cenário mundial da capoeira, formam-se nas linhas aéreas das companhias de aviação, pois embarcam no Brasil na condição de discípulos e desembarcam no exterior na condição de “mestres” de capoeira. São os chamados “mestres” Varig ou Tap (FALCÃO, 2004).

¹⁰ Sobre o tema que trata da mercadorização da capoeira, consultar a dissertação de mestrado de Mwewa (2004), que trata da “Indústria Cultural e Educação do Corpo no Jogo de Capoeira”.

busca de reconhecimento e prestígio. Esse processo de “internacionalização da capoeira” tem contribuído para o redimensionamento da própria prática capoeira, no âmbito das suas “tradições”, defendidas por mestres de capoeira considerados mais “tradicionais” no cenário brasileiro, como também está contribuindo para o processo de profissionalização da mesma (FALCÃO, 2004).

A capoeira, além de estar presente nas grandes, médias e pequenas cidades do Brasil, já é notada como um fenômeno de proporções consideráveis também no exterior. Muitos grupos brasileiros possuem filiais em outros países, para onde, anualmente, migram vários mestres, professores e alunos a fim de abrirem novas frentes de trabalho. Outros passam temporadas participando de eventos ligados à capoeira em diversos países. Também ocorre o inverso, pois muitos capoeiristas estrangeiros, geralmente liderados por capoeiristas brasileiros, buscam vivenciar a capoeira no Brasil¹¹, em seu ambiente cultural mais original, sendo que nos últimos anos têm se multiplicado os eventos internacionais de capoeira promovidos por grupos e associações.

¹¹ Atualmente, no Brasil, não só o Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo recebem estrangeiros, interessados em vivenciar a capoeira. Como exemplo: no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de São Gabriel, já foram realizadas duas edições do Encontro Brasil/Itália de capoeira, uma no ano de 2000 e outra no ano de 2004, por um grupo de capoeira brasileiro que possui representação na Itália. Outros eventos internacionais de capoeira multiplicam-se pelo país, e muitos também fora do eixo cultural considerado mais tradicional da capoeira.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CAPOEIRA NOS MUNICÍPIOS ALVO DO ESTUDO

3.1 Caracterização cultural das cidades de Cruz Alta/RS, Ijuí/RS e Panambi/RS e uma breve análise da presença da cultura afro-brasileira na região.

Após a abordagem de alguns processos históricos que ocorreram e outros que vêm ocorrendo, conduzindo à acentuada expansão da capoeira nos mais diversos segmentos institucionais da nossa sociedade, é necessário também caracterizar/contextualizar a capoeira como fenômeno histórico-sócio-cultural presente também na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente nas cidades de Cruz Alta, Panambi e Ijuí, locais alvos deste estudo, com suas peculiaridades culturais. Porém, primeiro se faz necessário uma caracterização cultural destas três cidades através de uma breve análise da presença histórica do negro e, conseqüentemente, da cultura afro-brasileira na região.

As três cidades referidas, previamente selecionadas para este estudo, localizam-se na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Essas três cidades formam o que se pode designar como um “triângulo geográfico”, devido a suas localizações espaciais, cuja distância de uma para outra fica em torno de 45 km.

A cidade de Ijuí, conforme relato de Kunz (1991), tem a sua população

composta, basicamente, por “[...] imigrantes europeus: Teuto-Russos, Austríacos, Alemães, Italianos, Espanhóis, Húngaros, Suíços e, por último, também japoneses”.

Sonza e Lechat (1997, p. 36 e 37) afirmam que Ijuí foi colonizada por comunidades européias, em 1890.

Segundo Michels,

os povos germânicos em especial, iniciam o processo de migração ao Brasil em 1824. O seu destino, as terras do vale do Rio dos Sinos. A partir desse vale os imigrantes foram se espalhando por todo o estado do Rio Grande do Sul, ao longo do século XIX. E observam existirem, já nessa época, evidências da presença do elemento negro na região (2003, p. 33).

Já à época da colonização da região, por povos procedentes do continente europeu, Sonza e Lechat (1997), afirmam que o negro já se fazia presente.

Também Lazzarotto afirma que:

Muito antes da medição das terras na região, da fundação e instalação da colônia, muitos negros e mulatos já habitavam estas terras. A presença desses fez-se sentir em diversos locais, tanto na cidade quanto no interior. Como não eram proprietários, moravam como posseiros em ranchos de pau-a-pique, cobertos de capim. Embora desconhecendo a sua procedência, sabe-se que o negro veio para cá após a abolição dos escravos, ou até antes (2002, p. 69).

Na cidade de Ijuí, tradicionalmente, explora-se economicamente uma feira anual chamada Expoijuí/Fenadi, que tem como parte das festividades e importante cartão de visita a integração de culturas, das etnias formadoras do município. Sonza e Lechat, ao pesquisarem sobre essa festividade de integração de etnias, com foco em relação à inserção dos afro-brasileiros, chegam às seguintes conclusões:

A cultura negra foi proibida, vista como perigosa e, por isto, rebaixada. Hoje, exige-se, paradoxalmente, seu ressurgimento para virar atração num quadro imposto onde as diferenças culturais são hierarquizadas e as trocas assimétricas. O que é pedido aos negros é a diferença apesar de não se saber, ao certo, qual é a diferença que é requerida, supõe-se que o outro sabe ao certo, o que está pedindo.[..] o negro deve ser diferente do jeito que o branco quer. Assim, em Ijuí, vemos na FENADI a ocultação de qualquer referência às religiões afro-brasileiras por estas serem mal vistas pelos descendentes de imigrantes europeus (1997, p. 67-68).

Partindo dessas conclusões de Sonza e Lechat, reporto-me a um caso acontecido na cidade de Panambi, quando uma professora de primeira série, praticante de capoeira, ao tentar integrá-la ao seu trabalho de sala de aula, aliando assim um conteúdo significativo ao tema de estudo da escola, que tratava da questão da cultura afro-brasileira, foi orientada por sua supervisora a trabalhar a capoeira desde que fosse utilizada somente no sentido do movimento, sem mencionar outros aspectos, como as religiões afro-brasileiras, por exemplo.

À histórica subjugação e ao desmantelamento da cultura do negro africano no Brasil, soma-se o que Sonza e Lechat (1997, p. 52) denominam de “desejo de branqueamento”, como forma de “sobrevivência” que, nas palavras das autoras, é “causa do corte com as raízes originais”, em termos culturais. Apontam, ainda, as autoras um fator a mais desse desmantelamento cultural, que se refere à falta de apoio de instituições oficiais dos países de origem, o que positivamente ocorreu com imigrantes europeus, que para cá aportaram em outras condições que não as dos negros africanos.

A cidade de Panambi constituiu-se quando da chegada dos imigrantes alemães, numa colônia particular, com suas terras comercializadas por empresa alemã (SIMÃO, 2003). Antes era distrito de Cruz Alta e, segundo Michels (2003, p. 35), “a história da localidade inicia no século XIX com a chegada dos luso-brasileiros e, mais tarde dos teutos e teuto-brasileiros”.

Segundo Simão (2003), nas bibliografias consultadas em suas pesquisas que tratam da história de Panambi, diferente do que alguns depoimentos e pesquisas monográficas atualmente indicam, não há elementos que façam menção à presença de índios, negros e caboclos no início da colonização e, muito menos, às contribuições desses elementos étnicos no processo de colonização; embora, hoje, haja evidências de tentativas de professores das escolas locais no sentido de ampliar essa concepção unilateral e reducionista da história oficial.

A representação cultural local e global oficialmente caracteriza Panambi, historicamente, segundo Michels (2001, p. 22) como uma “[...] cidade alemã e evangélica [...] dedicada ao trabalho”. Outra característica da sociedade Panambiense, percebida por Simão (2003, p. 133), é de que “[...] a identificação das pessoas dá-se pela cor [...]”. Pode-se acrescentar, ainda, o valor do sobrenome das pessoas, que se for de origem tradicional alemã, confere um status e, geralmente, um tratamento diferenciado e mais acolhedor, em certos grupos ou espaços sociais dessa comunidade, sendo que o contrário, um sobrenome ou “aparência” de “brasileiro”, num primeiro contato, pode em algumas situações demandar um tratamento mais reservado (SIMÃO, 2003).

Para exemplificar um pouco o referido anteriormente, valho-me de outro episódio, ocorrido no cenário da capoeira na cidade de Panambi, quando de um diálogo meu com um ex-aluno de capoeira acerca das dificuldades que são enfrentadas para a integração desta prática na comunidade. O mesmo foi da opinião de que trouxéssemos para Panambi, por ocasião de algum evento, um mestre de capoeira branco e com profissão notável, como médico, advogado, justificando ele a necessidade de a capoeira ser reconhecida pela

comunidade através dos valores que esta comunidade mais preza.

Partindo das características acima apontadas, é possível inferir que, de certa forma, a representação social de identidade em Panambi, que segundo Simão (2003, p. 133) é de: “cidade alemã, do progresso, do trabalho, da religião, da família”, choca-se com as manifestações encarnadas na própria capoeira, que prima pelo viés do lúdico, da irreverência, e embora já muito recriada pela ação do tempo, ainda traz consigo a identificação com suas raízes negras, no canto, nos instrumentos, nos ritmos, não desencarnando signos da religiosidade afro-brasileira, manifestados nas letras das cantigas com constantes referências aos Orixás, manifestado nos rituais de pedido de proteção ao adentrar a roda de capoeira. Isto tem gerado um choque cultural que fora muito mais gritante quando do surgimento desta prática na cidade, no ano de 1995, e nem tanto atualmente, embora bem se pudesse analisar o quanto a própria capoeira sofre mudanças culturais significativas, ao ser apropriada ou começar a transitar por comunidades cujas representações sociais de identidade primam por determinadas características e ou valores e os têm radicalmente bem definidos.

Entre mudanças estratégicas ocorridas com a capoeira na cidade de Panambi, inclui-se a substituição do nome “batizado de capoeira”, evento no qual alunos recebem seu cordel, na presença de mestres, alunos e comunidade em geral, pelo nome “graduação de capoeira”. Mudança motivada pelas inúmeras controvérsias surgidas na cidade, associando o nome “batizado de capoeira” à prática religiosa ou a rituais de razões obscuras, não condizente com a fé evangélica, o que foi e é um dos impedimentos ao fluxo de alunos nos projetos e ações desenvolvidas com a capoeira no município e alimenta olhares desconfiados.

Panambi, para citar uma das cidades envolvidas neste estudo, vem

experimentando um crescimento populacional significativo nos últimos anos, o que vem, conseqüentemente, favorecendo uma mescla cultural maior na sua população. Isto tem contribuído para o melhor trânsito da capoeira nesta comunidade atualmente.

Cruz Alta, que foi no início de sua fundação uma importante rota do comércio de gado para a região de São Paulo, tem na sua constituição étnico/cultural, diferentemente de Panambi onde predomina descendentes de alemães, culturas diferenciadas ou pessoas herdeiras de culturas diferenciadas, em que também o negro está inserido desde o início e, segundo Branco (2002, p. 52), “produz uma identidade cultural que coexiste e faz parte da sociedade cruz-altense”.

Ocupando-se da história do negro em Cruz Alta, ainda que resumidamente, Branco (2002, p. 56) analisa um poema de Ivan Soares Schettert e conclui que o mesmo trata do negro de uma forma ingênua, sem ressaltar as contribuições do mesmo para a cultura local. Essa concepção, que não ressalta o negro, assim como o índio e o caboclo, positivamente, como participante, construtor do local, material e culturalmente, ainda parece prevalecer na região.

Meirelles (2002, p. 49 e 168), a partir de informações historiográficas coletadas em seu trabalho de dissertação de mestrado, que tratou da presença e lugar do negro na mui leal Aldeia do Divino Espírito Santo da Cruz Alta, afirma ter sido “marcante a presença do negro escravo nas lidas dos espaços rurais e urbanos de Cruz Alta”, evidenciando que o mesmo “contribuiu significativamente para a economia, o desenvolvimento e a formação de seu povo”.

A autora constata também que:

Até hoje há uma negação das formas cruéis e das vítimas da escravidão na região em questão, perpassando no imaginário coletivo a equivocada idéia da possível existência de um escravismo cordial em Cruz Alta. A exploração, assassinatos, opressão e a marginalização historicamente constituída, mantida e perpetuada, foram propositadamente silenciadas para que, com o passar do tempo fossem esquecidas (2002, p. 172).

Baseada em entrevistas orais, Meirelles (2002, p. 177) chega à conclusão de que em Cruz Alta ainda persiste uma sociedade “marcada por desigualdades sociais, por injustiças étnicas e demonstra que ainda não superou a mentalidade escravocrata [...]”.

A pesquisa de Meirelles demonstrou também que:

[...] a ocupação de espaços por negros e/ou afro descendentes, no universo público, político e em cargos onde se constrói e exercita o poder; são alcançados por somente alguns raros casos isolados. Bem poucos conseguem, abrindo brechas, percorrendo caminhos, conquistando espaços e aqueles que superam são alvos de manifestações de racismo: seja ele camufladamente arquitetado, sutilmente ocultado, ou até subliminarmente exercido (2002, p. 177).

Atualmente vem crescendo a participação do negro na sociedade brasileira, sendo que movimentos organizados estão se inserindo cada vez mais na sociedade e reivindicando nela os devidos espaços, uma vez que é, de fato, constituída culturalmente de forma plural. Assim, também na cidade de Cruz Alta o negro mobilizados em movimentos específicos buscam entender o processo histórico no qual estão envoltos e constituí-lo de forma mais digna (MEIRELLES, 2002).

Nesse cenário histórico construído por ações constantes que promoveram sempre a diminuição do negro como ser humano, cidadão, e que persiste até nossos dias, não é difícil concluir que a sua própria cultura, mais ou menos sincretizada, também sofre

estigmatização preconceituosa. Daí pode-se aferir algumas razões históricas da dificuldade de inserção e desenvolvimento da capoeira na própria cidade de Cruz Alta, núcleo primeiro desta prática, levando em consideração as três cidades foco do estudo, embora outras razões, que envolvem atitudes e organização dos envolvidos com esta prática também têm sido relevantes no que diz respeito a sua inserção social neste contexto.

As considerações realizadas em relação à presença do negro na constituição cultural da região estudada e, nela, conseqüentemente a posição da cultura afro-brasileira, buscam, de certa forma, fundamentar as reflexões que acompanham o presente objeto de estudo, a capoeira. Esta, como um elemento cultural afro-brasileiro, antes não presente na região e, neste momento histórico, tornando-se um expoente, como manifestação da cultura corporal de movimento, interage socialmente, seja significando ou sendo (re)significada, num contexto de menor saliência, desconhecimento, desmerecimento ou, mesmo, de resistência histórica aos aspectos da cultura afro-brasileira, assim como da indígena, pelas demais culturas evidenciadas, embora esse quadro não seja privilégio apenas desta região do país.

3.2 Breves considerações sobre o cenário da cultura corporal de movimento nos municípios estudados

Kunz (1991), em sua análise quanto à cultura corporal de movimento na cidade de Ijuí, num contexto mais informal do universo infantil e adulto, percebeu as tradicionais brincadeiras de rua muito presentes. No contexto mais formal, o do esporte normatizado, percebeu a presença do futebol de campo e de salão, o voleibol, o handebol e o basquetebol, que, de fato, ainda são as atividades esportivas mais referendadas, principalmente nas escolas, nesta população.

Na cidade de Ijuí, também há a preocupação das diversas representações de etnias formadoras do município em preservar e divulgar suas danças típicas, assim como sua culinária e outros aspectos de suas culturas, até mesmo em função da exploração econômica que advém deste processo. Já na cidade de Panambi, sobressaem-se as danças típicas do folclore germânico.

Há na sociedade organizada desta região o fomento por entidades específicas, da chamada “tradição gaúcha”, especialmente composta pelas “danças, usos e costumes” tidos como típicos do gaúcho. Também neste rol entram as danças tradicionais gaúchas e as atividades campeiras a cavalo, como tiros de laço e gineteada. Outras atividades também foram percebidas por Kunz (1991) e que, segundo ele, foram “desportivizadas”, seriam elas “o bolão, o tiro e o punhobol”.

Depois de 14 anos da análise de Kunz sobre as manifestações da cultura corporal de movimento presentes na cidade de Ijuí e que, conseqüentemente, salvo poucas diferenças, deviam ser assim como são as mesmas predominantes atualmente também nas cidades de Cruz Alta e Panambi, percebe-se através de uma rápida análise destes contextos hoje, a manifestação de diferentes, novos e significativos fenômenos, como a capoeira e o *skate*, por exemplo.

Mais recente no mundo das práticas da cultura corporal de movimento, acompanhando a tendência de mercado das atividades físicas, que cresceu significativamente na década de 1990, tem-se também um significativo número de academias de ginástica nos três municípios. As mesmas oferecem variadas atividades físicas, inclusive de lutas, entre as

quais também se insere a capoeira, embora este não pareça ser o espaço predominante da presença desta prática.

3.3 A presença da capoeira nas cidades de Cruz Alta/RS, Ijuí/RS e Panambi/RS

Este tópico não tem o caráter de detalhar historicamente o assunto relativo à presença da capoeira na região estudada, e sim traçar pontos importantes e significativos que permitam obter uma visão geral do desenvolvimento dessa prática nesses locais. Isso é feito atentando-se para a peculiaridade com que a capoeira aparece hoje, nesse contexto, bastante próxima ou ligada a instituições formais de ensino, como se discute nos dados posteriores deste estudo, mais presente atualmente nesses contextos do que propriamente em academias, um dos espaços que lhe são próprios historicamente.

Como recurso metodológico nesta fase da pesquisa, utilizou-se de um memorial descritivo, que buscou descrever historicamente a construção do quadro atual de presença da capoeira na região alvo do estudo, a partir da vivência do próprio pesquisador como participante deste processo histórico, primeiramente como aprendiz de capoeira, professor de capoeira e professor de Educação Física. A opção por este instrumento de pesquisa, o “memorial descritivo”, justifica-se pela realidade na qual se assenta o estudo, em que o pesquisador tem sido agente atuante. Pretendeu-se, desta forma, contextualizar historicamente a realidade sobre a qual, numa fase posterior da pesquisa, outros instrumentos incidem para uma melhor apreensão do fenômeno. O memorial descritivo traz, além das lembranças pessoais, notas de campo baseadas em informações orais e no diálogo com outros agentes que vivenciaram a introdução e o desenvolvimento da capoeira nesta região.

Essa breve tentativa de reconstituição histórica não se dá como pretensão de verdade única, até porque, conforme Negrine (1999, p. 84), o memorial é um instrumento “revestido de interpretação, de subjetividade e de contradições”. Algumas outras pessoas também estiveram e estão diretamente ligadas a esse processo, sendo que outras interpretações históricas podem vir a ser efetuadas ao longo do percurso de desenvolvimento dessa arte na região.

A capoeira, como manifestação cultural popular, de origem afro-brasileira, começou a germinar no estado do Rio Grande do Sul, na década de 1970, na capital Porto Alegre, hoje um grande centro da capoeira gaúcha. Alguns mestres de capoeira figuram na história desta manifestação popular, como precursores no estado. Para citar alguns: Mestre Índio, Mestre Monsueto, Mestre Churrasco, Mestre Sandoval, Mestre Cerqueira, Mestre Farol, Mestre Tucano, Mestre Karcará, entre outros mestres de capoeira e discípulos seus, não menos importantes para o desenvolvimento desta arte no contexto gaúcho. Todos esses mestres de capoeira, e outros não citados, fizeram escola, formaram discípulos que, por sua vez, contribuíram e continuam contribuindo para a expansão da capoeira na capital e no interior do estado.

A capoeira no estado do Rio Grande do Sul, conforme depoimentos de mestres reconhecidos na sociedade gaúcha, presentes no II Fórum Gaúcho de Capoeira, realizado em Porto Alegre no ano de 2001, se fez e está se fazendo através de um processo literal de luta e resistência, com dificuldades centradas, principalmente, na discriminação, tanto racial como social dos envolvidos com esta manifestação popular. Discriminação esta que não se restringe a lugares específicos, mas é intrínseca à sociedade brasileira como um todo. É fruto de toda uma história, na qual esteve e está engendradora a capoeira, como um elemento de afirmação e

resistência cultural (REVISTA DO II FÓRUM GAÚCHO DE CAPOEIRA, 2001).

A capoeira tem, portanto, um longo processo histórico que a vem configurando e inserindo cada vez mais nos diversos segmentos sociais; porém, na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente nas cidades de Cruz Alta, Ijuí e Panambi, sua história é mais recente. Seu aparecimento data aproximadamente dos anos de 1987/1988, na cidade de Cruz Alta. Inicialmente, surge da tentativa de uma academia de ginástica daquela cidade em inovar, o que resultou num espaço concedido a um grupo de capoeira da cidade de Santa Maria, chamado Netos de Oxóssi, que tinha a sua frente Mestre “Biriba” (Albrantino Marques de Souza), mestre de capoeira formado por Mestre Índio, um famoso mestre de capoeira baiano e um dos responsáveis pela introdução da capoeira no estado do Rio Grande do Sul.

Na época, então, Mestre Biriba esteve na cidade de Cruz Alta, divulgando a capoeira através de apresentações em lugares públicos, e as aulas começaram na academia que havia lhe procurado. Na seqüência dos acontecimentos, assumiu o trabalho de ensino da capoeira um dos alunos de Mestre Biriba, chamado Wladimir Camargo Messias, de apelido “Pagode”, que inclusive fixou residência naquela cidade, onde deu início a um incansável trabalho de divulgação e ensino da capoeira. Deste período inicial não se tem notícia da presença da capoeira nos municípios vizinhos de Panambi e Ijuí, que também interessam diretamente a este estudo.

Já no início da década de 1990, a capoeira ainda como prática presente, exclusivamente, na região, na cidade de Cruz Alta, é requisitada para ser uma opção de ensino, como projeto, na escola aberta “Sonho de Um Menino”, uma escola estadual em que o

público é constituído de crianças e adolescentes, em situação de risco social. Essa foi, em princípio, a primeira aproximação oficial da capoeira a um projeto numa instituição formal de ensino nesta região e, possivelmente, naquele momento, a sua melhor oportunidade de divulgação e trânsito social na cidade, pois foi um projeto que, de certa forma, colocou a capoeira em evidência, através do trabalho desempenhado pelo Mestre Pagode, que na época segundo as distinções hierárquicas de seu grupo de capoeira, era considerado professor.

Pelos anos de 1994 e 1995, alguns alunos de capoeira do Mestre “Pagode” na época; começaram a auxiliar mais efetivamente no processo de expansão da capoeira, que, então, chega a outros municípios, a começar por Ijuí, no final de 1994, e Panambi, no início de 1995. Em Santo Augusto e em Santo Ângelo, municípios próximos, também pelos anos de 1993/1994. Na cidade de Ijuí, a capoeira chega inicialmente como prática de academia. Na cidade de Panambi, chega como um projeto extra curricular em uma escola municipal localizada na periferia da cidade. Esses acontecimentos constituem o marco inicial de um processo mais acelerado de expansão e desenvolvimento da capoeira nesta região, que começaria, então, a se configurar nos anos posteriores.

Nas cidades de Ijuí e Panambi, com o passar dos anos, a prática da capoeira repercutiu com mais ênfase do que no princípio, quando foi encarada com desconfiança, talvez pela sua forte identidade cultural, e enfrentou diversas barreiras, embora também a pouca organização dos agentes veiculadores desta manifestação cultural na época também foi um fator preponderante do seu insucesso inicial.

Na cidade de Panambi evoluiu de prática exclusiva de um projeto em uma escola municipal para prática de projetos da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, de

academias, de outras escolas e projetos sociais, envolvendo um significativo número de aprendizes na atualidade. Na cidade de Ijuí, o caminho foi inverso, de prática de academia passou a prática de escolas e projetos sociais, passando por breve período pela universidade como disciplina optativa, abarcando igualmente um grande número de praticantes na atualidade.

Um fato importante a ser citado, que de certa forma também favoreceu para que se falasse de capoeira nas escolas, principalmente nas cidades de Panambi e Ijuí, onde esta aproximação das escolas, inicialmente, se fez notar com mais ênfase, foi justamente o fato de, no ano de 1996, a Unijuí-Ijuí ter oferecido, durante um semestre, no curso de Educação Física, a disciplina optativa de capoeira. Esse episódio fez com que a capoeira fosse falada, estudada e vivenciada, de uma forma ou outra em algumas escolas da região para onde convergiram para atuar profissionalmente alguns acadêmicos que cursaram a disciplina. Embora, na época, tenham surgido algumas críticas no cenário da capoeira, às (re)leituras que estavam sendo feitas em algumas escolas, devido à inexperiência na sua prática por parte dos acadêmicos, como também às “escolinhas de capoeira” que ameaçaram surgir, foi um processo que mesmo com pouco fôlego, bem ou mal, concorreu para que se falasse de capoeira em algumas realidades escolares, ainda que por curto período de tempo.

O fenômeno da capoeira no contexto escolar na região começou, efetivamente, a ganhar impulso quando, aproximadamente entre os anos de 1997/1998, alguns alunos do mestre “Pagode”, sentindo-se capazes de também ensinar a capoeira, percebendo a possibilidade de expansão desta prática e visualizando um mercado promissor que poderia ser conquistado na região, confirmando uma tendência em nível mundial, começaram a se organizar de forma mais independente e a buscar uma formação mais sólida no universo da

capoeira, projetando com otimismo possibilidades de expansão para a mesma. Essas atitudes levaram a uma facilitação do intercâmbio com outros capoeiristas, profissionais da área e grupos de outros locais.

Nesta época, entre 1997/1998, surge na região um baiano chamado Alessandro Jesuíno dos Santos, de apelido “Ratinho”, hoje Contramestre de capoeira, ensinando em Roma (Itália). Juntamente com Paulo Renato Narciso, “Mestre Karcará”, ambos da mesma escola de capoeira do mercado modelo de Salvador (BA), emprestaram “sangue novo” aos capoeiristas que aqui se encontravam e estavam vivendo uma certa crise, devido a problemas internos do até então único grupo atuante no ensino e divulgação da capoeira no contexto regional. A partir de então, ocorreu um crescimento muito grande em termos de expansão da capoeira, como também um salto significativo de qualidade técnica dos instrutores e alunos de capoeira da região, bem como o surgimento de novos alunos com potencial e a reaproximação paulatina de outros que haviam se afastado da convivência no cenário da capoeira.

Poucos instrutores ou alunos de capoeira, na época, tinham ligação com a área de Educação Física. Alguns dos instrutores e alunos que vieram a se formar instrutores de capoeira foram, então, em busca, de olho talvez nas transformações que vinham ocorrendo no universo da capoeira, de sua qualificação na área de Educação Física. São estes que, hoje, estão à frente da maioria dos trabalhos realizados com esta prática, o que contribuiu significativamente para o crescimento do fenômeno sobre o qual se debruça este estudo.

3.4 Atualidades da capoeira nas cidades investigadas

Neste texto, ainda com o caráter ilustrativo e contextualizador das afirmações e

constatações realizadas até aqui, apresentar-se-á, como suporte às mesmas, alguns dados que evidenciam a presença da capoeira no contexto escolar, nas academias de ginástica e meio universitário das três cidades que constituem o campo empírico deste estudo: Cruz Alta, Ijuí e Panambi. Esses dados foram coletados a partir do trânsito profissional deste pesquisador no contexto da capoeira na região estudada, com a colaboração de professores e instrutores de capoeira diretamente envolvidos no processo de ensino e divulgação da mesma. Os dados foram sistematicamente registrados em diário de campo a cada visitação e ou conversação.

Por ser o ensino e a divulgação da capoeira um processo ainda não massificado nesta região, é possível saber quem, onde e quantas são as pessoas envolvidas no seu ensino. Tal informação é de difícil trato quando se refere a um universo maior da capoeira, onde o que existem são estimativas; números fogem ao controle, tal o grau de difusão desta arte no Brasil e no mundo e, também, pelo não subordinação de vários grupos aos órgãos de “controle” institucionalizados.

Os dados a seguir apresentados servem para compor o quadro visual geral que é uma das bases empíricas sobre a qual se assenta este estudo e da qual partem suas análises. O recorte, ou o enfoque, que interessa particularmente a este estudo, é a constatação de que todo este processo iniciado com a capoeira nos anos finais da década de 1980, que esboçou crescimento na primeira metade da década de 1990 e se expandiu consideravelmente no final da segunda metade da década de 1990, e parece estar em vias de consolidação neste início de século XXI, convergiu consideravelmente para contextos escolares, como mostra o gráfico a seguir:

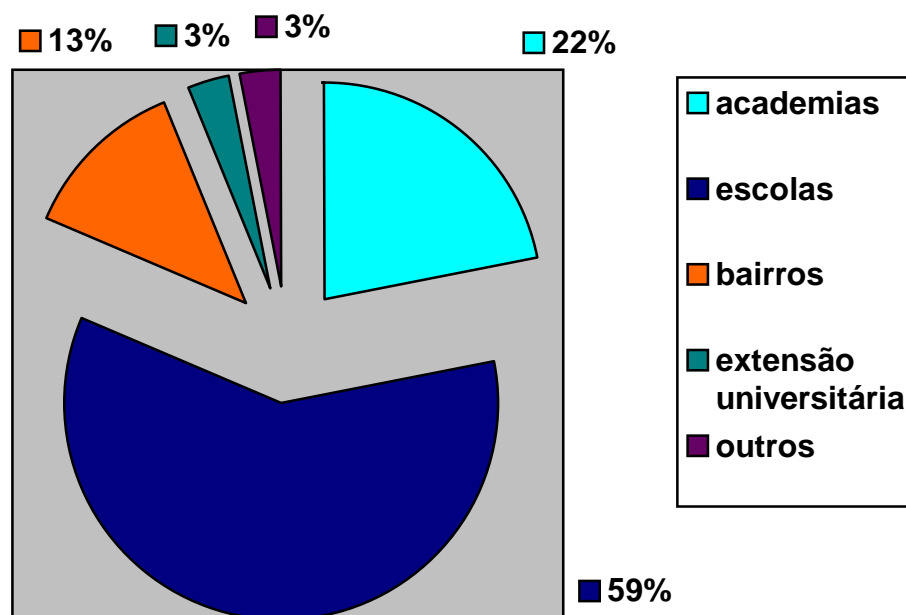


Gráfico 1: Locais de oferta da prática da capoeira na região investigada.

Entre os locais de ensino e prática da capoeira, encontrados nas três cidades alvos deste estudo, 59% constituem-se de escolas ou são relacionados a escolas, como é o caso de projetos de secretarias de educação que, direta ou indiretamente, oferecem a alunos de escolas municipais e/ou estaduais a prática da capoeira. Apenas 22% dos locais onde a capoeira é ensinada e praticada são academias de ginástica. Dos locais, 13% se referem a bairros, abrangendo escolas de samba, centros comunitários, etc. Totalizam 3% os locais em que o ensino da capoeira é realizado através de projeto de extensão universitária e outros 3% são outros locais que não se enquadram nestas categorias.

Além desta convergência da capoeira como prática sendo ensinada nos contextos escolares, percebe-se que vem sendo estabelecida, gradualmente, certa relação ou aproximação entre Educação Física e capoeira, ao se considerar em todos os locais de

abrangência desta prática a formação dos agentes que estão conduzindo os trabalhos. Isso pode ser visualizado no gráfico 2:

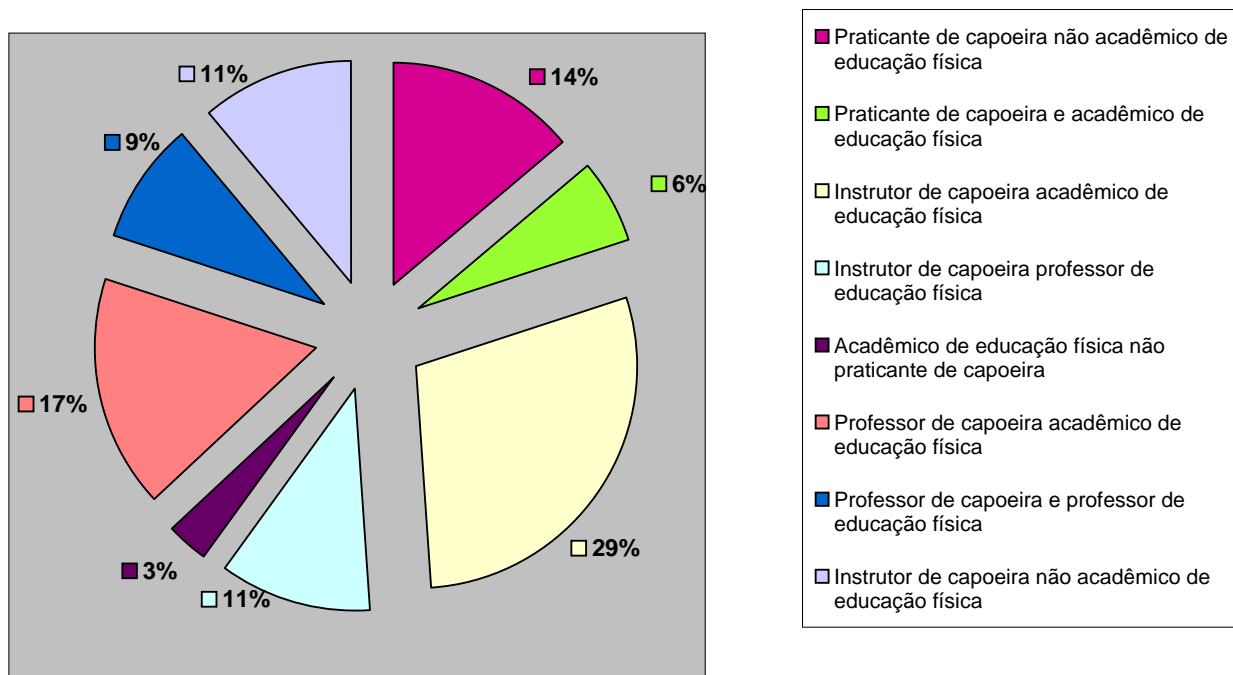


Gráfico 2: Características de formação dos agentes responsáveis pelas aulas de capoeira por locais investigados.

Verificou-se, também, que 29% dos locais de ensino e prática de capoeira nas cidades envolvidas neste estudo estão sob a responsabilidade direta de instrutores de capoeira acadêmicos de Educação Física. 17% dos locais estão sob a responsabilidade de professores de capoeira acadêmicos de Educação Física em uma das universidades da região. 14% dos locais têm na condução das aulas praticantes de capoeira, não acadêmicos de Educação Física. 6% dos locais contam com trabalho de praticantes de capoeira, acadêmicos de Educação Física.

Esses praticantes de capoeira, acadêmicos de Educação Física ou não, geralmente são alunos considerados graduados em seus grupos, alunos com relativa vivência da capoeira e que desenvolvem seus trabalhos, normalmente, de forma conjunta e/ou supervisionada pela pessoa responsável pelo grupo. 11% dos locais têm à frente dos trabalhos instrutores de capoeira que não são acadêmicos de Educação Física. Ressalta-se que Instrutor de capoeira é uma graduação concedida aos alunos dos grupos de capoeira da região que, de certa forma, já os autoriza a ensinar a capoeira sob a supervisão do responsável pelo grupo. 11% dos locais contam com a presença de instrutores de capoeira formados em Educação Física. 9% dos locais contam com professores de capoeira formados em Educação Física. O professor de capoeira é, na hierarquia dos grupos da região, geralmente, um aluno de muitos anos de vivência da capoeira que, a partir dessa graduação, passa a ter maior liberdade de ação no ensino dessa atividade, com o respaldo do seu grupo e do responsável pelo seu grupo. 3% dos locais têm à frente dos projetos de ensino da capoeira, acadêmico(a) ou acadêmicos(as) de Educação Física que não são praticantes de capoeira e sem vivência desta prática em seus contextos próprios.

Constata-se, então, que 75% dos locais de ensino e prática da capoeira investigados apresentam como agentes diretamente atuantes pessoas ligadas à área de Educação Física, como professores formados ou acadêmicos. Apenas 25% dos locais investigados apresentam, à frente dos trabalhos realizados, pessoas não ligadas diretamente à área de Educação Física. Percebe-se, também, que, dos locais investigados, 26% têm a presença de professores de capoeira, segundo a hierarquia de seus grupos, formados e/ou acadêmicos de Educação Física.

Analisando-se conjuntamente os dados obtidos, referentes ao campo de ensino

da capoeira abrangido por praticantes, instrutores de grupos de capoeira, acadêmicos de Educação Física e/ou graduados e professores de capoeira acadêmicos de Educação Física e/ou graduados, bem como acadêmicos de Educação Física sem formação específica na capoeira em seus contextos próprios, é possível perceber que parece haver um claro direcionamento para que a formação desses agentes se dê no âmbito da Educação Física em uma das universidades da região. Ou seja, a maioria deles têm relativa vivência da capoeira em seus contextos específicos, são influentes em seus grupos de atuação e estão diretamente ligados à área da Educação Física.

Essa tendência direcionadora da procura de praticantes de capoeira pela formação em Educação Física pode, em parte, ser entendida da seguinte forma: os hoje considerados professores ou instrutores de capoeira, mais antigos em seus grupos, e que foram ou são de certa forma ligados à área de Educação Física, certamente foram precursores na inserção da capoeira nesses diversos locais de aula e devem ter exercido influência, claro que juntamente com toda uma conjuntura social na qual está inserida a capoeira e a Educação Física, para que os considerados instrutores, professores, ou alunos de capoeira que vieram após eles, optassem por, ou estejam, no momento, conduzindo sua preferência profissional também pelo campo da Educação Física.

A análise realizada até aqui suscita a hipótese de uma influência mútua entre os agentes ligados à prática e ao ensino da capoeira na região estudada, no sentido de conduzirem sua opção profissional pelo campo da Educação Física. Considera-se também o inverso, que pela conjuntura atual da capoeira e da Educação Física, que mais do que nunca vem sugerindo aproximações entre ambas as áreas, cada vez mais acadêmicos de Educação Física estejam se interessando também por conhecer a capoeira.

O que parece evidente a partir desta análise dos dados quantitativos é uma clara tendência de o processo, com o passar do tempo, acelerar-se mais, no sentido da aproximação entre capoeira, Educação Física e escola, na região estudada. Isto porque, ao adentrar a escola, mesmo informalmente, sempre há possibilidades de inter-relações com o todo da dinâmica escolar, além de estar havendo uma formação de toda uma geração, na vivência, no conhecimento e na prática da capoeira, o que poderá repercutir nas futuras opções de prática no âmbito da cultura corporal de movimento dos sujeitos que hoje são alunos.

Quanto aos agentes responsáveis pela oferta da prática da capoeira nos ambientes e/ou contextos escolares na região, predominam acadêmicos de Educação Física, que são reconhecidos nos grupos de capoeira e comunidades nas quais convivem como instrutores de capoeira. Também aparecem, de forma significativa nos dados coletados, praticantes de capoeira não acadêmicos, que desenvolvem seus trabalhos no ensino da capoeira nas escolas. Esses praticantes de capoeira pertencem a grupos de capoeira organizados e são, conforme denominação atribuída nesse universo, “alunos graduados”, ou seja, alunos reconhecidos dentro do grupo como de uma respeitável vivência da capoeira, porém, ainda não considerados instrutores, nem professores, contramestres ou mestres, segundo a hierarquia dos grupos de capoeira, atuantes nas comunidades investigadas. Esse indicador é uma evidência de que o processo expansionista da capoeira e dos grupos de capoeira, em particular, acelera-se, à medida que alunos de capoeira estão cada vez mais cedo sendo requisitados ou encorajados pelo seu grupo de capoeira a desenvolverem projetos no ensino desta arte.

Aparecem, com significativa presença, acadêmicos de Educação Física

considerados professores de capoeira nos seus grupos específicos e professores de Educação Física considerados instrutores nos seus grupos de prática da capoeira. De certa forma, analisando os dados coletados, há o predomínio de agentes responsáveis pela prática da capoeira nos contextos de interesse do estudo, que têm relação com a Educação Física, e praticamente todos têm vivência considerável na prática da capoeira em seus grupos. Curiosamente, há uma ocorrência de acadêmica de Educação Física sem vivência da capoeira em seus contextos históricos específicos de prática e aprendizado, como os demais agentes investigados, que desenvolve projeto desta prática na escola onde trabalha. Esse dado talvez já indique certo grau de penetração da capoeira nas comunidades investigadas, que pode estar tornando-a uma prática desejável também no contexto profissional da própria Educação Física, pois, segundo o que por ora se tem verificado no estudo, prevalece o caminho de procura no seguinte sentido: jogadores de capoeira/escolas de Educação Física, e não acadêmicos de Educação Física/escolas de capoeira.

Constatada a presença significativa da capoeira em escolas e/ou contextos escolares, como projeto de secretarias de educação, verifica-se, também, que, quanto às formas de inserção da capoeira nas escolas investigadas neste estudo, predomina a forma de projetos voluntários normalmente vinculados a grupos organizados de capoeira, com pouco ou nenhum vínculo com aspectos pedagógicos gerais da escola. Em menor número, aparecem projetos remunerados, via secretarias de educação, ACPM (Associação Círculo de Pais e Mestres), ou com taxa cobrada dos alunos, no sistema de escolinha. Apenas uma ocorrência indica a capoeira como uma disciplina curricular, prevista no regimento da escola, sem ligação específica com a disciplina de Educação Física, iniciativa esta inédita no contexto regional do estudo e que concede um *status* diferenciado à capoeira.

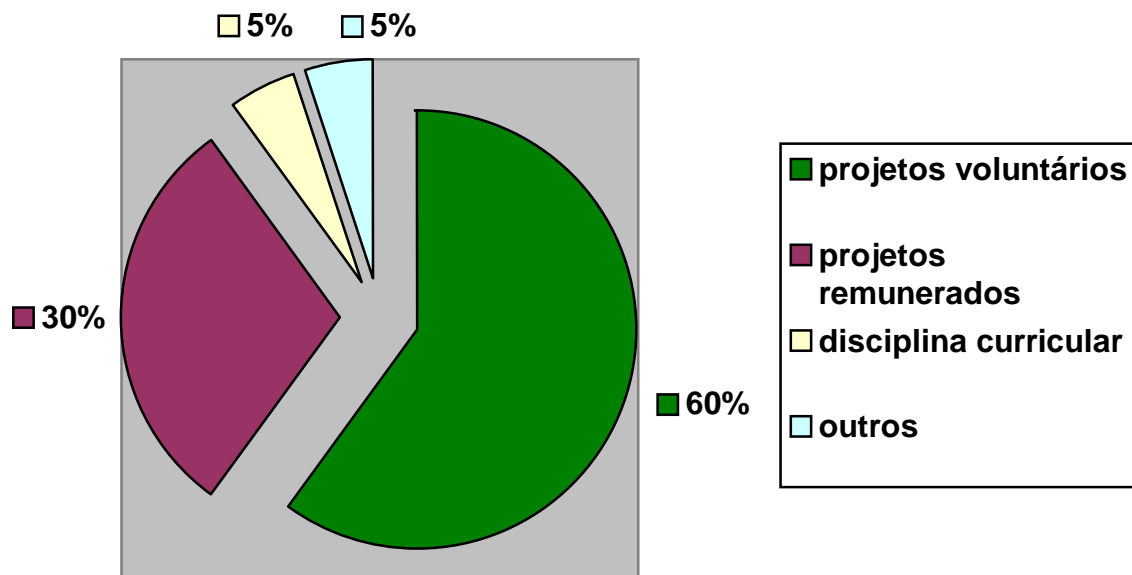


Gráfico 3: Formas de inserção da capoeira nas escolas investigadas.

Para efeitos de análise, deve-se também considerar que a capoeira tem entrado nas escolas via projetos específicos também das secretarias de educação, tanto estaduais como municipais. Foram verificadas duas formas de projetos desenvolvidos a partir de secretarias de educação: uma que oferece a capoeira aos finais de semana nas escolas, trabalhada por voluntários e outra que mantém um profissional e oferece a capoeira de forma centralizada, ou seja, mantém um local de aula, para onde alunos das escolas municipais convergem uma vez na semana.

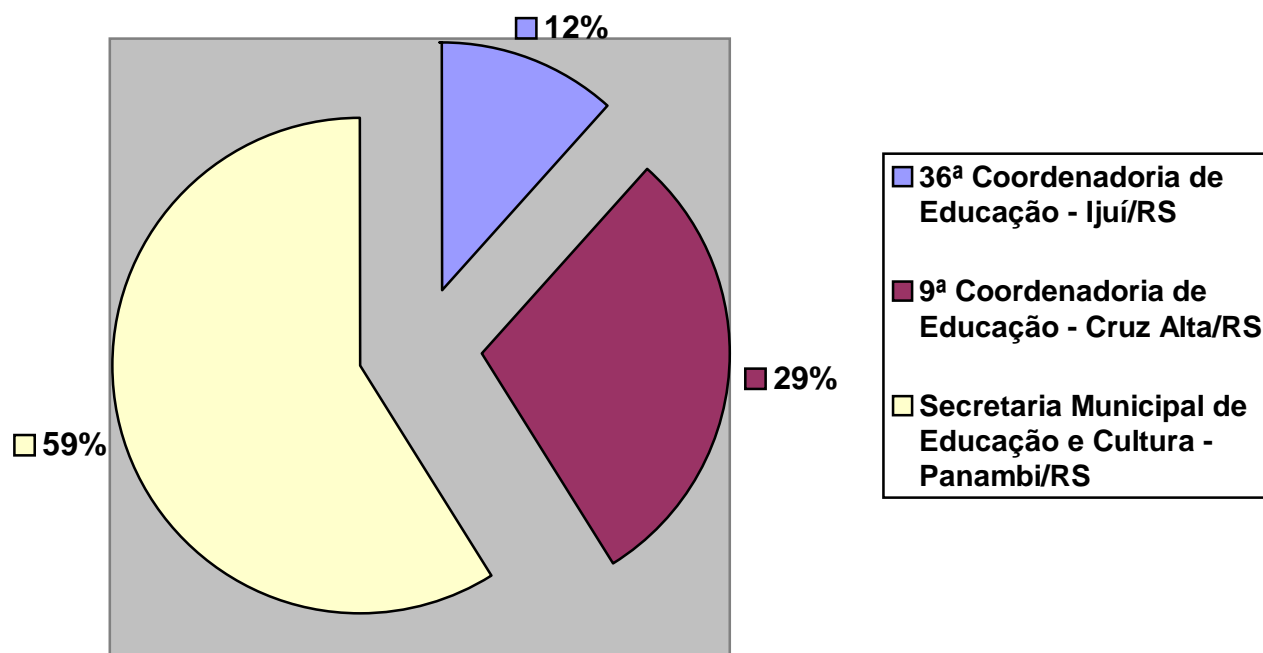


Gráfico 4: Abrangência de escolas com oferta direta ou indireta da prática da capoeira por projetos específicos de secretarias de educação por municípios investigados.

A ocorrência de projeto centralizado de uma das secretarias de educação, numa das cidades investigadas, que contempla um grande número de escolas indiretamente, aumenta ainda mais as estatísticas da presença da capoeira em escolas, se comparadas com outros locais também característicos da oferta desta prática, como as academias de ginástica. Iniciativas como essa levam a uma introdução indireta deste elemento da cultura corporal de movimento nos ambientes escolares, através da vivência motriz dos alunos que, não raro, esboçam na escola os movimentos da luta, incorporam uma linguagem característica da capoeira, como os cantos e os nomes dos diversos movimentos, exigindo, muitas vezes, do professor de Educação Física uma busca no sentido de conhecer um pouco da própria capoeira. É freqüente, também, a solicitação, de parte dos alunos, conforme depoimentos de professores, de espaço das aulas para realizarem rodas de capoeira; tais espaços são, muitas vezes, cedidos por alguns profissionais. A convergência da oferta da prática da capoeira para as escolas, conforme constatado, é fruto de iniciativas paralelas, tanto de pessoas envolvidas

com o ensino da capoeira, quanto das próprias escolas, alunos e/ou secretarias de educação.

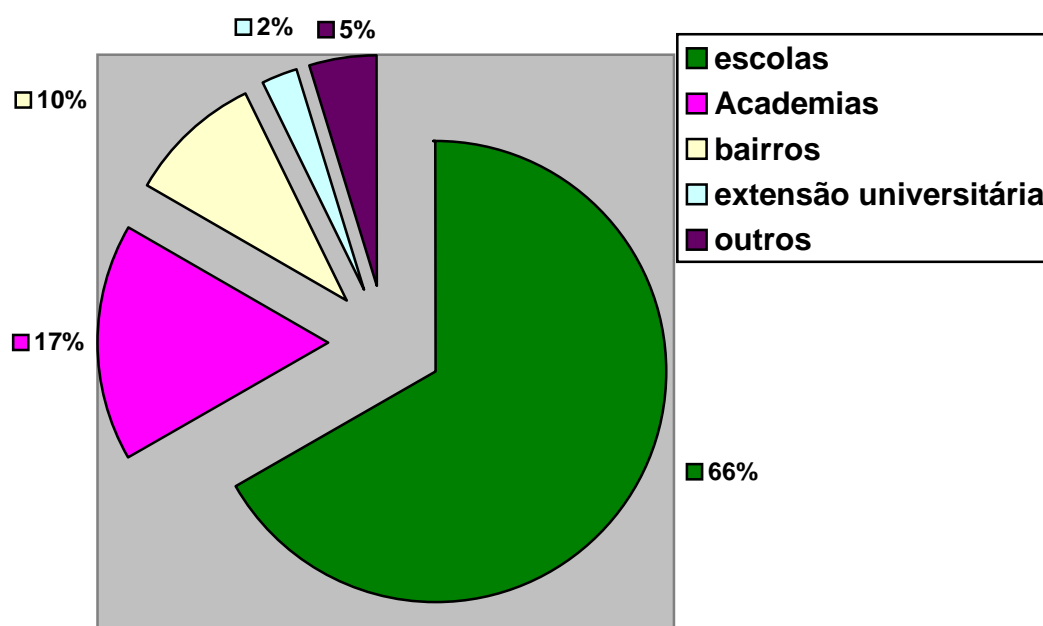


Gráfico 5: Incidência do número de escolas com oferta direta ou indireta da prática da capoeira (considerando projetos centralizados de secretarias de educação) frente aos demais locais de prática da capoeira encontrados na região investigada.

Ao considerar as instituições escolares que contam com a prática da capoeira, constata-se que são abrangidas escolas estaduais, municipais, particulares e escolas de educação especial, cabendo, neste campo de estudo, uma abrangência maior de escolas municipais, devido a um projeto centralizado da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município de Panambi-RS, que possibilita a todas as escolas desta rede de ensino, ofertar a seus alunos a prática da capoeira.

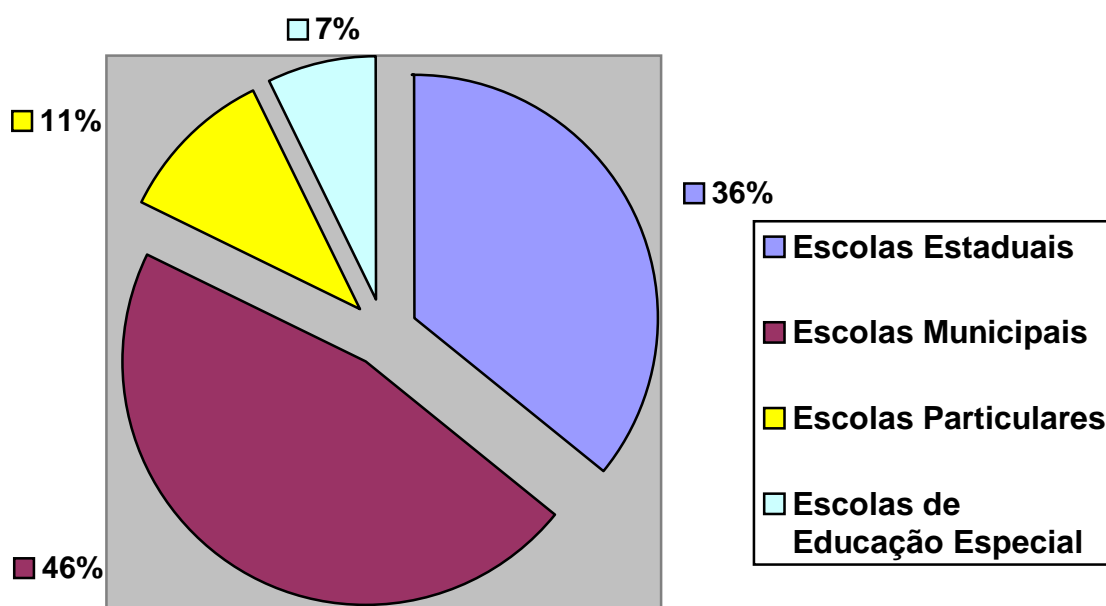


Gráfico 6: Características das escolas com oferta direta ou indireta da prática da capoeira considerando também escolas com tal oferta de forma indireta por projetos centralizados de secretarias de educação.

As constatações baseadas em observações diárias e apoiadas nos dados do estudo realizado revelam um processo de enraizamento crescente da capoeira no universo das experiências corporais e do mundo vivido de crianças e adolescentes em fase escolar. A capoeira, como prática da cultura corporal de movimento, vem tendo nas escolas um solo fértil de desenvolvimento e assimilação cultural, embora o processo seja caracteristicamente informal, ou seja, não se tem a capoeira como algo disciplinar ou curricular (com exceção de uma iniciativa isolada).

Os dados obtidos, de uma forma geral, incitam muitas questões que, estudadas, investigadas e articuladas, referidas e inter-relacionadas à temática das relações entre capoeira, escola e Educação Física, poderão contribuir para configurar um espaço de

discussão importante e, por certo, necessário, pois este momento histórico parece ser ímpar no que tange ao desenvolvimento da capoeira e da Educação Física de um modo geral, bem como à aproximação de ambas as áreas nos mais diversos segmentos sociais também na região estudada.

Considerando que, com exceção da oferta da capoeira como disciplina optativa na Unijuí, no ano de 1996, e do oferecimento da disciplina capoeira como optativa no curso de dança na Universidade de Cruz Alta, no ano de 2003, o processo de desenvolvimento desta arte na região estudada, principalmente no que tange a sua inserção escolar, não está diretamente ligado à oferta de alguma disciplina nos cursos de Graduação em Educação Física. O processo se deve, em boa parte, a buscas particulares de jogadores de capoeira. O que, no início, era restrito a alguns poucos visionários, parece estar abrangendo atualmente um coletivo significativo e espaços específicos, como o caso das escolas, sendo que, no meio acadêmico das universidades da região, a capoeira insere-se atualmente através de projetos de extensão, monografias, oficinas ou cursos esporádicos.

Após esta breve contextualização da capoeira na região alvo do estudo e após um visão geral de sua abrangência atual na referida região, pode-se afirmar que há um processo significativo de inserção da capoeira nos contextos escolares, nesta região específica. Embora, inicialmente, esse processo tenha se dado de forma quase inexpressiva, aos poucos foi se tornando mais significativo. No momento atual, constata-se, de fato, que a capoeira está, formal e informalmente, inserida em diversos contextos escolares.

O processo e a política de expansão natural de cada grupo atuante de capoeira na região podem ser considerados uma tendência a um maior desenvolvimento da capoeira

relacionada ao campo da educação e, por conseguinte, da Educação Física. Esta afirmação é baseada, para além dos dados coletados durante a realização deste estudo, também na vivência diária do pesquisador no âmbito do ensino e divulgação da capoeira no contexto sócio-cultural desta pesquisa.

Outro fato também revelador e que constituía um quadro impensável no início da década de 1990, é o que se constata além dos espaços escolares, que é a capoeira como uma prática da cultura corporal de movimento que a cada dia deixa de ser estranha às pessoas e passa a ser incorporada também como uma prática do lazer, das brincadeiras corporais das crianças e jovens. Isto pode ser comprovado por quadros visuais específicos que se oferecem, diariamente, à visualização. Em determinados espaços urbanos nas cidades alvo do estudo, não raro, as pessoas se deparam com uma roda de capoeira em espaços públicos ou privados, identificam crianças e/ou adultos esboçando movimentos da luta no seu se-movimentar¹² cotidiano e vêem outras pessoas andando com seus uniformes de capoeira, geralmente brancos e coloridos, carregando pandeiros e berimbaus.

Quadros visuais como esses, há bem pouco tempo, não constituíam o universo cultural da região em estudo e denotam certo grau de popularidade e expansão desta prática, bem como de sua introjeção na vida cultural da população. Outro fator que, provavelmente, também contribui para o crescimento deste fenômeno é o de certa “baianização cultural”, imposta pela mídia, através, principalmente, do carnaval, do turismo e da música típicos da cultura dos habitantes do estado da Bahia.

¹² Kunz, (1991, p. 174), a partir de Tamboer (1979, 1985 e 1989), entende o “se-movimentar do homem” como: “um diálogo entre o homem e o mundo”. Um “acontecimento relacional”. “Uma conduta significativa, um acontecimento mediado por uma relação significativa”.

Como se configurará, de fato, todo esse processo? Como se equacionará a questão capoeira/Educação Física no âmbito escolar e da graduação, considerando o conjunto de saberes e ações dos profissionais tanto da capoeira como da Educação Física na realidade local e regional? A diversidade, apregoada, de conteúdos da Educação Física e, neste caso, a capoeira, que extrapola o regionalismo e passa a significar muito em outras localidades do Brasil e do mundo, continuará sendo um saber alheio ou menos importante ou até mesmo desconsiderado no âmbito da Educação Física, no que tange à formação acadêmica? Como o profissional da Educação Física, na escola, pode ou deve lidar com as questões das culturas corporais de movimentos emergentes, em contextos culturais diferenciados como o deste estudo, uma vez que a capoeira, mesmo não sendo historicamente parte da cultura local, começa a ser um elemento significativo no cotidiano de escolares? Essas questões se mostram pertinentes no contexto deste estudo.

4 A CAPOEIRA NOS ESPAÇOS FORMAIS DE EDUCAÇÃO

4.1 Capoeira e Educação Física: aproximações históricas e atualidades

Como parte de um todo sócio-histórico-cultural, capoeira e Educação Física começam a estabelecer relações e influências mútuas no início do século XX.

No período histórico do início do século XX, a capoeira ainda permanecia na clandestinidade e duramente perseguida pelos órgãos repressores do estado. No cenário político, estava em voga, por iniciativa das elites, um “projeto modernizador” para o país, baseado em referenciais europeus (REIS, 2000, p. 57), no bojo do qual a ginástica, através dos métodos ginásticos europeus, introduzidos no Brasil, foi tida como um instrumento essencial no sentido de construir e consolidar uma nação próspera, moderna e civilizada.

Os métodos ginásticos europeus, então introduzidos no Brasil pelos meios militares, e calcados numa concepção positivista de ciência, privilegiaram ideais de regeneração da raça, fortalecimento do caráter em defesa da moral e da pátria (SOARES, 1994, p. 62).

Nesse cenário e sob esse paradigma é que são esboçadas as primeiras propostas

advindas dos meios militares, na tentativa de alçar a capoeira ao caráter de ginástica nacional. O ocorrido então no Brasil, também em relação à capoeira, seguiu certamente uma tendência inaugurada com o surgimento dos métodos ginásticos na Europa, no século XIX, quando, literalmente, as manifestações da cultura corporal de movimento da sociedade da época, envolvendo o circo, os malabaristas, contorcionistas e outros, após servirem como elementos prévios para a constituição dos métodos ginásticos, passaram a ser desqualificados, sob o pretexto da não cientificidade. Na verdade, essas manifestações populares, como era a própria capoeira no Brasil, carregavam consigo uma “postura risonha” das coisas, um quê de liberdade e contestação, ligado inclusive às festas e à religiosidade, o que não era condizente com o homem que se desejava, sob o paradigma positivista construir: um homem sério, obediente, limpo, de ações práticas e eficientes, enfim, um homem disciplinado corporalmente (SOARES, 1998).

A ascensão dessa concepção positivista acerca das atividades corporais sistematizadas, taxou de menos nobres as atividades corporais populares e tomou o corpo, conforme Soares (1994, p. 10), como “a-histórico, indeterminado, um corpo anatomo-fisiológico, meticulosamente estudado e cientificamente explicado”.

O positivismo científico, que pautou e fundamentou o surgimento dos métodos ginásticos europeus e o esporte, também influenciou no sentido de, no Brasil, terem sido feitas tentativas de transformar a capoeira, prática marginalizada e, portanto, desqualificada socialmente, em uma prática esportiva, devidamente sistematizada e ajustada à sociedade. Também pautou ações no plano político ideológico na era Vargas, de 1930 a 1945. Assim, segundo Vieira (1995, p. 69), a política da era Vargas, ao elevar a capoeira a condição de esporte nacional, fazia com que a mesma cumprisse com “a função ideológica de afirmação

do sentimento de nacionalidade no interior de um mecanismo repressivo”.

Das tentativas de racionalização da capoeira e sua conformação como método ginástico nacional, que segundo Falcão (2004, p. 100) “se deram sob os pressupostos teóricos do determinismo racial, sob a égide de um discurso médico-higienista, pautado por uma visão eugênica de regeneração e purificação de uma suposta raça brasileira” pode-se citar, sob as iniciais O.D.C, um oficial, que em 1907 publica o “guia da capoeira ou ginástica brasileira”. Aníbal Burlamaqui (Mestre Zuma), em 1928, publica o livro intitulado “Ginástica Nacional (capoeiragem) Metodizada e Regrada”, no qual explicita concepções esportivas para a capoeira. O professor Inezil Penna Marinho publicou, em 1944, “o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem onde, com o objetivo de formar o método ‘ginástico brasileiro’, faz tentativas de metodizar e uniformizar golpes da luta” (REIS, apud SILVA, 2001, p, 136).

Após essas e outras tentativas de alguns intelectuais, ao longo da história, de conferir um caráter predominantemente esportivo para a capoeira, a repercussão de fato para esta arte veio de Salvador, por intermédio de dois mestres até hoje reverenciados nas rodas de capoeira: Manuel dos Reis Machado (Mestre Bimba) e Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha) (REIS, 2000).

Mestre Bimba implementa a sua “luta regional baiana”, uma proposta que, segundo Reis (2000), ia em direção à “mestiçagem” na capoeira, ganhando a simpatia do governo e estudantes universitários. Esse foi um impulso para a posterior legalização da capoeira sob o argumento principal, segundo a autora, de sua esportivização.

Figurou ao lado de Mestre Bimba, Mestre Pastinha, defensor da Capoeira

Angola, de uma capoeira “dita” tradicional, popular e originariamente africana. Uma concepção de capoeira baseada, segundo Vieira (1995), na “ética da malandragem¹³”, e oposta à proposta da capoeira regional de Mestre Bimba.

A partir das propostas de Mestre Bimba e de Mestre Pastinha, é que a capoeira ganha impulso para estabelecer vínculos maiores com a sociedade. Apesar das tentativas de intelectuais no sentido de tornar a capoeira esporte, como já dito, o que vingou, segundo Reis (2000, p. 75), foi um “jeito negro e popular” de se fazer a capoeira, ao invés do jeito “branco e erudito”. Em sua trajetória histórica, a partir desses dois importantes mestres e seus feitos, a capoeira e os seus agentes, vivenciando esse processo de mudança de *status*, passam a assimilar, gradualmente e num ritmo mais veloz, referenciais próprios dos meios acadêmicos, militares e das concepções que permeavam e permeiam a Educação Física em suas diversas fases históricas no país. Conceitos como a eficiência, a racionalização, a padronização, a uniformização, que sempre estiveram presentes em diversas das concepções de Educação Física, começam, de fato, a influenciar o universo da capoeira como um todo, assim como a própria roupagem do esporte.

Esse processo de conformação da capoeira cada vez mais a padrões do esporte ganha mais força a partir de seu reconhecimento como prática esportiva, pelos órgãos competentes gestores do esporte nacional, no início da década de 1970.

O direcionamento ou enfoque que fomenta as ações em termos da capoeira

¹³ A pré-disposição para evitar o “enfrentamento deliberado” na roda de capoeira, o “revide imediato e violento”, estaria, segundo Vieira (1995), entre estas atitudes norteadas pela “ética da malandragem”. Faz parte como atitude de trânsito, neste contexto ético, o ser mandingueiro e/ou ter malícia no jogo de capoeira (conceito de mandinga e/ou malícia, já referido no corpo do trabalho). Essa forma de ver e agir se opõe à violência desenfreada, ao descontrole e à objetividade que alguns capoeiristas “modernos” estão, de certa forma, impondo no universo desta prática.

esporte, a partir de então, pelos órgãos oficiais, passa a condizer, conforme Reis (2000, p. 128), com a tendência “tecnicista e instrumental da educação física da época”.

Analisando esta configuração requerida de fato para a prática esportiva capoeira a partir de sua inserção no sistema desportivo nacional, Falcão assim se refere:

A regulamentação da capoeira pela CBP reflete as influências do sistema sócio-político vigente na época. Convém lembrar que, nesse período, o Brasil vivia sob os auspícios da ditadura militar, e os códigos dominantes da Educação Física apregoavam o rendimento como mola mestra das atividades corporais. Neste sentido, a capoeira, como esporte contribuiria para o fortalecimento da mentalidade competitivista, um dos suportes ideológicos desse período. A CBP, como instituição corporativa controlada pelo Estado autoritário, através do Conselho Nacional de Desportos (CND), tratava a capoeira como um desporto do ramo pugilístico, adotando boa parte das normatizações verificadas em outras modalidades de luta oficialmente praticadas no Brasil (2004, p. 104).

Ganham força a partir de então os campeonatos de capoeira, cuja dinâmica pouco ou quase nada teve a ver, num primeiro momento, com a capoeira, considerando-a de forma ampla, em todos os seus aspectos, uma vez que os mesmos privilegiaram a luta no sentido literal. Sendo assim, constituíram-se mais como uma arte marcial mal feita, em que a malevolência da capoeira, o jogo, a ginga e a malandragem deram lugar à rigidez dos movimentos, à objetividade dos golpes e à violência explícita. Segundo Falcão (2004, p. 105), o regulamento desses campeonatos “tratavam a capoeira de forma essencialmente esportivizada com regras e procedimento típicos das lutas de ringue. Designava a roda de “área de combate” e deixava transparecer a idéia de que a capoeira não passava de combate corporal”.

No movimento constante do universo da capoeira, tanto no âmbito das federações e confederações, como no âmbito dos grupos com as suas diversas organizações, outros procedimentos em campeonatos foram e são elaborados, indo no sentido da não

compartimentalização dessa atividade num padrão único de competição. Essas iniciativas visam a destituir o parâmetro da luta eficiente, pura e simples, que a desvincula de todo o seu contexto histórico-social. Tais campeonatos ou modelos de jogos de capoeira voltados à competição esportiva, mesmo não fugindo da ótica da comparação objetiva, tentam primar por novas roupagens como uma tentativa de valorização dos aspectos culturais intrínsecos à arte, como as cantigas de capoeira, o jogo dentro dos chamados fundamentos¹⁴ desta e as danças do universo afro-brasileiro, como o maculelê¹⁵, o samba de roda e a puxada de rede¹⁶.

As (re)elaborações nas formas de campeonatos ou disputas organizadas de capoeira, por órgãos oficiais ou não, denotam ações diretas de grupos que realmente se tornam agentes do processo e não simplesmente acatam modelos preestabelecidos, recebidos como herança. Existe, ainda, uma postura avessa a campeonatos de capoeira por parte de alguns grupos.

Um outro movimento interessante ocorrido no cenário da capoeira, que, de certa maneira, faz contraponto a esta tendência meramente esportiva por ora analisada é a revalorização dos mestres mais antigos, principalmente os da capoeira angola, pelos mestres mais novos, da época atual, de uma capoeira mais esportiva. Esta revalorização impetrada e

¹⁴ A palavra “fundamentos”, no âmbito da Capoeira, conforme Decânio Filho (s.d), analisando o seu uso por populares baianos e nos terreiros de candomblé, tem a ver com conhecimento mais secreto, sagrado, mais profundo, que engloba princípios morais, éticos, conhecimento dos rituais, muitas vezes inacessível aos não iniciados. É comum os Mestres de capoeira se referirem aos fundamentos da capoeira deixando transparecer que estes saberes os distinguem neste universo.

¹⁵ Maculelê é uma dança guerreira realizada com duplas portando bastões que a cada passo realizado em tempo específico são batidos um contra o outro, marcando também o ritmo, com os personagens empregando passos diversificados acompanhados pelos atabaques. Expressão cultural tradicionalmente encontrada em Santo Amaro, na Bahia.

¹⁶ A puxada de rede é uma dança que teatraliza o ritual de pesca do peixe chamado xaréu (peixe de carne escurecida abundante na costa litorânea do nordeste brasileiro). A encenação simboliza o trabalho árduo e cansativo dos pescadores, e ressalta também a musicalidade, a poesia, a lógica organizativa e festiva característica com que o negro baiano historicamente tem conduzido seus afazeres cotidianos (FALCÃO, s.d).

iniciada a partir da década de 1970, segundo Capoeira (1996, p. 102), aproximou do cenário mais visível da capoeira, mestres antigos que estavam de certa forma “esquecidos” ou estavam retirados da “vitrine”. Este acontecimento que revitalizou a chamada capoeira de angola, e seus representantes, segundo Silva (2001, p. 140), também decorreu da reestruturação de diversos grupos sociais a partir da redemocratização da sociedade brasileira na década de 80 do século XX, inclusive dos grupos ligados à preservação e valorização da cultura negra no Brasil. Esta revalorização certamente significou uma mescla de valores culturais que, no universo da capoeira, vêm contribuindo no sentido de, no momento em que se fala em padronização, manter certa pluralidade.

A não subordinação total dos grupos de capoeira formal ou informalmente organizados à lógica dos campeonatos, por exemplo, vem dando margem a espaços de redimensionamento da própria capoeira. Seria como que o “efeito de apropriação” referido por Stigger (2002), a partir de Bordieu, quando percebe que os grupos populacionais por ele estudados, se organizados formal ou informalmente em torno de uma prática esportivo-cultural, são também agentes do processo, criando e (re)criando suas “práticas culturais”, sem necessariamente estarem comprometidos em reproduzir de fato o modelo e/ou os valores do esporte social e oficialmente instituído.

Ações no sentido de diferenciar a prática da capoeira da sua suposta conformação a um sistema hegemônico baseado no esporte podem ser também entendidas como uma lógica de conformá-la a outros públicos, não fugindo à lógica do “mercado”, uma vez que mestres de capoeira defensores de uma determinada “tradição” são, na atualidade, os mesmos que transitam e são muito requisitados nos “Workshops” que se multiplicam nos eventos de capoeira no cenário mundial. O carimbo de “cultura” e “tradição”, sem dúvida,

agrega valor ao trabalho de mestres e grupos de capoeira. O interessante é perceber que desse movimento surge uma relação conflitante detonada por lógicas diferentes que coabitam esse universo e que contribuem para não acomodar a capoeira sob um único padrão e reafirmam o seu caráter de prática cultural complexa (FALCÃO, 2004).

Embora já iniciado em anos anteriores, o processo de inserção da capoeira em contextos escolares e universitários passa a ser mais evidenciado e ganha fôlego a partir da década de 90 do século XX. Esta afirmação é atestada, entre outras evidências, pelo crescimento do número de trabalhos acadêmicos que têm se ocupado desta temática.

A produção intelectual relativa à capoeira em áreas como a Educação Física, Antropologia e História, vem sendo realizada atualmente através de um deslocamento paradigmático de análise da mesma. Se no início do século XX predominava uma visão sob o paradigma biológico fortemente caracterizador do pensamento da Educação Física da época, na atualidade o foco teórico tem se pautado basicamente no conceito de cultura, o que tem permitido contemplar o tema de forma mais abrangente, nas suas relações complexas com o todo social do qual faz parte.

Não restringida apenas a alguns estados, ou a grandes cidades do país, a capoeira, presente nas escolas e mais referendada em estudos da área de conhecimento da Educação Física, se faz notar também no interior do país, em médias e pequenas cidades, num crescente processo de interiorização e, também, de escolarização.

Embora se perceba que a capoeira vem, cada vez mais, sendo introduzida nas escolas de maneira informal, ligada a grupos, tradicionais ou não, os quais geralmente têm a

escola apenas como um local de público alvo e espaço físico para sua reprodução, tal como na tradição das ruas e academias, também é possível afirmar que há um processo de escolarização. Isso porque a capoeira é uma prática da cultura corporal de movimento que, em algumas realidades escolares, vem sendo mais contemplada e tematizada através de uma lógica da instituição escolar e/ou disciplina curricular de Educação Física com seus instrumentais pedagógicos próprios.

Outros fatores que serão analisados posteriormente certamente podem ser considerados como coadjuvantes, desencadeadores ou facilitadores, desse processo que vem contribuindo na atualidade para essa constante inter-relação entre a capoeira e a área de conhecimento da Educação Física Escolar e, conseqüentemente, a escola.

4.2 Fatores conjunturais: educacionais e sócio-políticos intervenientes na relação capoeira, escola e Educação Física

Na década de 1990, uma série de fatores conjunturais, de cunho educacional, social e político, desencadeou, com mais veemência, esta intensa relação recíproca da capoeira com a escola e a área de conhecimento ou disciplina curricular de Educação Física. A seguir serão, portanto, analisados alguns fatores intervenientes e significativos que delineiam todo este processo.

A produção intelectual em áreas como Educação Física, Antropologia e História vêm tendo acréscimos significativos com referência, também, à capoeira, havendo na Educação Física modificações consideráveis no sentido de deslocamento do foco paradigmático de análise da mesma. No que tange à capoeira, em particular, a exemplo da

tentativa do início do século XX de torná-la prática esportiva regulamentada, sob a lente do paradigma biológico fortemente caracterizador do universo teórico da Educação Física desde então, como já foi mencionado anteriormente, hoje, o foco teórico que tem sido privilegiado e é caracterizador de muitas análises acadêmicas atuais sobre a capoeira, principalmente sobre a relação da mesma com a Educação Física e a escola, é impregnada do conceito de cultura. Procura-se contemplar o tema de forma mais abrangente, como elemento cultural, constituído historicamente, que estabelece relações complexas com o todo social e é passível de ser estudado sob vários ângulos e significados.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documento elaborado no ano de 1997, pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC (Ministério da Educação e do Desporto), que teve entre seus objetivos “apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor dos seus direitos e deveres”, enfatizam a importância de se contemplar a diversidade da cultura corporal de movimento no currículo escolar, contemplando as várias dimensões que perpassam esses conteúdos, como as dimensões físicas, psicológicas, expressivas e comunicativas, considerando então como conteúdos possíveis na Educação Física escolar as atividades rítmicas, expressivas e as lutas.

Também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, permitiu maior liberdade para as escolas e conselhos de educação, bem como aos professores no que diz respeito à organização e à estruturação do ensino conforme suas realidades regionais, e valorizou a Educação Física como conteúdo curricular (SOUZA E OLIVEIRA, 2001).

O Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), órgão fiscalizador também dos profissionais das lutas, que provisionou alguns desses profissionais, sem formação

específica na área de Educação Física, influenciou e continua influenciando para que muitos envolvidos com o ensino da capoeira procurem sua formação acadêmica, sob pena de sofrerem sanções legais, embora essa postura do conselho ainda esteja levantando algumas resistências no universo formal e informal da capoeira.

Já ocorreram, e continuam ocorrendo, vários embates em âmbito nacional a partir da criação do CONFEF, envolvendo a Educação Física e a capoeira. Embora nem sempre explícitas, mas com influência sobre esse processo, há questões de ordem econômica que perpassam esses campos de atuação. É pertinente observar, também, que outros elementos do plano histórico, cultural e ético foram e são colocados no cenário do debate a todo instante.

A partir da criação do CONFEF, ficou legitimado em lei que o campo de trabalho da Educação Física abarca todo o universo da cultura corporal de movimento, o que fomentou e ainda fomenta discussões entre capoeiristas, pessoas ligadas à dança, à *yoga* e a outras artes marciais que, em suas trajetórias históricas, se concretizaram como práticas culturais, independentes da Educação Física. No universo particular da capoeira, muitos mestres, professores, instrutores e monitores, ficaram sob o risco de não mais poderem exercer suas funções, que muitas vezes já estavam legitimadas nas comunidades em que atuavam, pelo fato de não serem formados em Educação Física. Essa situação gerou e ainda gera algumas ações, inclusive judiciais, que pretendem contestar e/ou impedir o CONFEF da possibilidade de intervenção nessas áreas.

Diante deste quadro, ficou ameaçada não só a legitimidade do mestre de capoeira, já consolidada, há anos, em algumas comunidades, como também o próprio processo histórico de expansão da capoeira, que, no momento atual, é ainda mais acelerado

devido à ampliação do “mercado consumidor” dessa atividade na última década. Ficou ameaçado, portanto, um processo que se dá internamente em cada grupo, que, segundo suas regras e filosofias próprias, formam seus monitores, instrutores, professores e mestres, para atuarem nos mais diversos segmentos sociais na transmissão da cultura oral herdada de seu mestre ou de seus mestres e passam, então, a formar os seus próprios discípulos em sua trajetória, ampliando o grupo de sua procedência ou outro por si formado.

A criação de um órgão de classe da Educação Física já vinha sendo debatida e mostrando-se necessária há bastante tempo; porém, no campo específico da capoeira, em alguns de seus segmentos, a questão foi analisada como mais uma investida histórica corporativista, também contra esta prática cultural e seus agentes, aos moldes do que ocorrera na época da declaração da ilegalidade da capoeira pelo decreto federal nº 847, de 11 de outubro de 1890, Capítulo XII, Art. 402 – Dos Vadios e Capoeiras, que resultou em uma perseguição aberta à capoeira e aos capoeiristas por várias décadas.

O principal argumento de jogadores de capoeira descontentes com as implicações da regulamentação imposta através do CONFEF, é o fato de a capoeira ser uma prática cultural plenamente desenvolvida e integrada na sociedade brasileira, amplamente significativa do ponto de vista social e histórico. Argumenta-se, portanto, que a capoeira é um patrimônio cultural brasileiro, não devendo ficar sob o jugo de um órgão de classe, como o CONFEF. Os defensores dessa posição respaldam-se na constituição federal de 1988, que, no capítulo III, seção II, que trata da cultura, em seu art. 215 explicita: “O estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. E, ainda, no artigo 215, parágrafo 1º, que rege: “O estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas

e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”.

Outro argumento presente nesse debate diz respeito ao fato de a capoeira, historicamente, estar mais presente entre as classes populares, embora esteja, atualmente, também presente na sociedade como prática de pessoas de classes sociais mais privilegiadas. No entanto, foi das classes populares que surgiram grandes mestres nesta arte e que hoje são símbolos do universo cultural da capoeira, e de onde também saem dia-a-dia verdadeiros talentos.

Sabe-se, também, que o número de brasileiros que atualmente chegam ao ensino superior é bastante reduzido e que nem todos conseguem concluí-lo. Portanto, as chances de pessoas vindas das classes populares alcançarem a colação de grau num curso superior são ainda menores. Nesse contexto de restrição sócio-econômica constatam-se inúmeros exemplos de pessoas que, através da capoeira, encontraram certa dignidade, que talvez por outros caminhos não tivessem conseguido. São pessoas que mesmo sem um curso universitário vivem da sua arte e, inclusive, são reverenciadas no universo cultural da capoeira, como detentoras de um reconhecido saber nesta área do conhecimento popular.

Na análise por ora realizada, não menos importante é a criação da lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que trata da obrigatoriedade da inclusão, no currículo escolar, de conteúdos que versam sobre a história e cultura afro-brasileira, perpassando todas as disciplinas. O conteúdo da lei que consta na publicação da Associação Brasileira dos Mantenedores de Ensino Superior expressa o seguinte:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§1.º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes a história do Brasil (2003, p. 13)

A partir do conjunto desses novos delineamentos, as escolas começaram a proporcionar aberturas para a implantação de diversos projetos na área cultural e esportiva, tanto em horário regular como em horário extraclasse. Essas aberturas tanto são proporcionadas pela própria escola, como também fomentadas pelos governos estaduais e federal.

Na atualidade, essa tendência de abertura das escolas para atividades extra curriculares também decorre de uma campanha bastante arraigada na sociedade, que tem estimulado o serviço voluntário. Diante disso, a escola tem sido um terreno para onde convergem voluntários a fim de prestarem diversos serviços. É, também sob essa influência e pela conseqüente abertura das instituições, que grupos de capoeira, formalmente organizados ou não, cada vez mais se inserem nas escolas, divulgando e ensinando essa arte.

Como exemplo de programas que constituem iniciativas governamentais nesse sentido, pode-se citar o projeto Escola Aberta, que foi implementado pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. O objetivo do programa é proporcionar a prática esportiva e cultural às comunidades, tendo a escola, nos finais de semana, como local específico para esta iniciativa, buscando diminuir a exposição de crianças e jovens à violência que tende a ser maior nos finais de semana, segundo argumentos apresentados. Outro exemplo é a iniciativa do governo federal através do programa Segundo Tempo, que visa a possibilitar aos escolares, atividades esportivas, no turno inverso ao das aulas, buscando atingir diversos objetivos sociais. Esse programa, instituído em 2003, tem, entre suas formas de operacionalização, a possibilidade de

parcerias, inclusive com organizações não governamentais. Dessa forma, é provável que se contemple consideravelmente a capoeira, pois sua forma de organização preponderante atualmente vem a ser através de associações, cujas atividades convergem consideravelmente para projetos sociais diversos que visam prioritariamente à inclusão social. (CECCO, 2004).

Outra iniciativa a ser destacada diz respeito ao fato de que algumas universidades estejam cada vez mais implantando projetos de extensão utilizando-se da capoeira, ou contemplando essa prática como uma disciplina na graduação em Educação Física.

Acrescenta-se a isto a constatação de que a capoeira vem sendo mais exposta na mídia e amplamente utilizada no meio turístico e artístico, o que está lhe colocando em evidência e contribuindo para a ampliação do número de pessoas interessadas em sua prática, bem como do número de instituições interessadas em oferecê-la.

Ocorre, ainda, um processo acelerado na organização interna de cada grupo de capoeira, quanto à formação de novos instrutores e professores dessa prática, que geralmente atuarão no ensino da mesma em suas comunidades. Cada vez mais grupos de capoeira lançam mão de artifícios e estratégias diversas para conquistarem seu espaço na sociedade, e muitos vêm se afirmando, com representações não só no território brasileiro, como também no exterior.

4.3 Capoeira na/da escola e educação física escolar: jogo de dentro/jogo de fora.

Este tópico do trabalho é dedicado à reflexão sobre a capoeira como prática da

cultura corporal de movimento, que se manifesta nas escolas direta ou indiretamente e de forma bastante significativa, como nos mostram os dados anteriormente analisados.

Considera-se, neste estudo, a escola como um espaço cultural dinâmico que, tanto absorve e é influenciado por aspectos diversos das práticas culturais inseridas em seus espaços, como os renega ou os influencia, estudando-os, contestando-os, significando-os de formas diversas. Estabelece-se, assim, um contínuo jogo de dentro/jogo de fora, que no âmbito da capoeira significa, justamente, o embate caracterizado pela aproximação e o afastamento, negociado/estudado corporalmente entre os dois jogadores, continuamente mediado pela ginga e pela malícia. Portanto, serão referendados nas reflexões que seguem tanto aspectos da capoeira de fora da escola, da capoeira presente no espaço extracurricular desta, quanto a capoeira como possibilidade de tema/conteúdo da disciplina curricular de Educação Física escolar. Isso sem a pretensão de excessiva taxonomia, por considerar essas três dimensões necessárias ao debate, componentes de um mesmo jogo de dentro/jogo de fora, que vem sendo jogado constante e incessantemente a partir de diversos interesses e lógicas.

Ao analisar em seu trabalho a presença da capoeira nas escolas de ensino fundamental e médio, Campos (1996) afirma que esta inserção vem acontecendo principalmente devido à aproximação entre capoeira e Educação Física. A inserção da capoeira nas escolas no contexto deste estudo ocorre principalmente através das aberturas que a escola vem preconizando para atividades extras, que não as curriculares: projetos, amigos da escola e outros. No que tange à realidade investigada, a capoeira, estando presente num grande número de escolas, está sim sendo introduzida geralmente por agentes com formação ou em formação na área de Educação Física; porém, a mesma configura-se em atividade paralela das escolas, formal ou informalmente, sem necessariamente ser conteúdo da

disciplina curricular de Educação Física escolar, embora em alguns casos e/ou momentos específicos aconteçam inter-relações. Pode-se dizer que a capoeira nas escolas, na realidade investigada, vem sendo introduzida por jogadores de capoeira e seus grupos; porém, a maioria desses agentes tem formação em Educação Física ou está buscando sua formação nesta área do conhecimento, motivada por uma série de fatores conjunturais, específicos, de influência nesses contextos, conforme análise feita anteriormente neste trabalho.

Em muitos casos, o que está presente na escola como se verificado durante a pesquisa é o grupo de capoeira. Na escola invariavelmente se instala um braço operacional dos mesmos. Acontece muitas vezes, uma reciprocidade positiva entre escola, grupos de capoeira e comunidade em geral. Desta forma, a capoeira constitui-se como uma opção a mais nas escolas e nas comunidades e muitos trabalhos significativos têm decorrido dessas ações. Também, muitas vezes, o grupo de capoeira, encarado, dependendo da comunidade, com certa desconfiança, por razões culturais diversas, encontra na escola, intencionalmente ou não, um meio de aceitação, confiabilidade e ascensão, o que é imprescindível para sua expansão. Em muitos desses casos, a escola ganha um elemento cultural, que geralmente empresta ao seu ambiente certo fascínio e dinamicidade, próprios da capoeira, através do envolvimento de grande parte dos alunos nas aulas, nas apresentações e eventos nas comunidades e, também, o *status* de um trabalho social que, como já dito, não raro, traz resultados significativos.

Para além de ver a capoeira como simplesmente uma opção a mais nas escolas, no âmbito cultural e esportivo, também se percebe na dinâmica de sua inserção nestes espaços, a constituição de um campo de trabalho para muitos dos envolvidos neste processo.

Falcão (2004, p. 49), ao analisar a inserção da capoeira no processo de reestruturação do capitalismo e mundialização do capital, discorre sobre disparates acarretados por este fenômeno, que vem estimulando, de um lado, “condições de vida cada vez mais deterioradas de significativa parcela da humanidade”, e, por outro, “uma minoria com níveis altíssimos de bem-estar”. Segundo o autor, os níveis de desemprego cada vez maiores, assim como a desestruturação das relações de trabalho, através da preconizada flexibilização nestas relações, destituem alguns direitos historicamente adquiridos pela classe trabalhadora e geram novas e desesperadas tentativas de sobrevivência.

Nessa realidade analisada por Falcão (2004, p. 61) inserem-se os jogadores de capoeira da atualidade, que diferente dos “trapicheiros, carroceiros, estivadores, carregadores, vendedores ambulantes e também desocupados de todas as estirpes”, identificados como seus atores no passado, hoje são, freqüentemente, “ex bancários, ex metalúrgicos, ex representantes de vendas, etc, demitidos de suas empresas, utilizando a capoeira como trabalho, como uma opção profissional, como um modo de sobreviver”.

O autor percebe também que esta possibilidade de inserção no mundo do trabalho através da capoeira é de fato um “filão” para muitos jovens atualmente. Percebe-se isso também no contexto específico deste estudo, embora seja necessário considerar que a “meninada” mais nova nem sempre se põe, conscientemente num primeiro momento, a desbravar a escola como local de trabalho com a capoeira. Isso parece que vai sendo vislumbrado com o tempo, pois esta iniciativa, muitas vezes, inicialmente, está ligada a uma motivação do “mestre”, este sim, invariavelmente com o interesse mercadológico, e quando não por este fator, geralmente por um entusiasmo idealista movido pela sua paixão, às vezes momentânea, pela capoeira ou pela possibilidade de “status” que ela pode lhe conferir em seu

grupo e/ou na comunidade. No transcorrer do percurso, alguns desses agentes parecem realmente se agarrarem a essa possibilidade de configurar também na escola ou com o público da escola um espaço de atuação profissional planejado, aumentando então o contingente de pessoas envolvidas de fato com a consolidação deste espaço de maneira mais intencional.

Considerando que o mundo da capoeira tem vida própria, tem sua própria ética e é repleto de pré-conceitos, de birras entre grupos e praticantes, bem como, considerando que o universo da capoeira é recheado de crenças, filosofias e mitos, que de certa forma são constituintes do seu imaginário, construído historicamente, e que os mesmos “atravessam” seus praticantes, constituindo suas mentalidades, pode-se realizar uma tentativa de externalizar algumas implicações que, querendo ou não, também convergem para o contexto da escola nas diversas formas pelas quais a capoeira nela se insere.

Diversos “movimentos”, “situações”, “configurações” que se apresentam no cenário amplo e diversificado da capoeira se tornam não menos importantes na análise proposta, sendo elementos interessantes que compõem o universo complexo da capoeira e são relevantes do ponto de vista de uma análise mais voltada para a prática pedagógica, uma vez que os mesmos não ficam de fora dos muros da escola e nem mesmo da disciplina curricular Educação Física. Esses elementos do universo e, também do imaginário da capoeira, muitas vezes não são percebidos no contexto mais amplo da sociedade e, muito menos, por aprendizes desta prática, que se tornam, em muitos casos, multiplicadores de um discurso, no mínimo, discutível, ferrenhos defensores de seu “grupo” ou “mestre”, que às vezes pode estar mais para um “déspota”, com uma postura dogmática e atitudes arbitrárias e violentas no meio capoeirístico e no trato com seus alunos.

Segundo o autor, os níveis de desemprego cada vez maiores, assim como a desestruturação das relações de trabalho, através da preconizada flexibilização nestas relações, destituem alguns direitos historicamente adquiridos pela classe trabalhadora e geram novas e desesperadas tentativas de sobrevivência.

É parte do contexto da capoeira a introjeção, inconsciente ou não, de “mitos” que justificam fatos e procedimentos os mais diversos, nem sempre propugnando valores humanos defensáveis, pelos quais, através do discurso de uma educação crítica e emancipatória, deveríamos primar.

Quanto a esses mitos ou conteúdos ideológicos, Vieira (s.d) faz uma importante análise, quando se refere aos sofismas sobre a capoeira como falsas verdades que direcionam posturas e ações dos jogadores de capoeira sob o argumento da tradição. A predisposição à violência explícita, por exemplo, segundo Vieira, é conformada em discursos como:

A capoeira foi criada pelos escravos na luta pela libertação, logo, ela é uma prática essencialmente violenta, uma vez que o escravo não podia medir esforços para obter a liberdade. Portanto, a violência é um aspecto sem o qual a capoeira perde sua própria identidade (s.d, p. 47).

Segundo o autor, a luta pela liberdade conformava, com certeza, ações guerreiras no dia-a-dia dos escravos; porém, o autor vê como falsa a idéia de que, na atualidade, a capoeira não possa se pautar por princípios éticos necessários e defensáveis para se nortear a vida em sociedade, como aqueles que visam à preservação da integridade física de seus praticantes.

Pode-se ainda citar o machismo como um dos elementos também muito presentes no cenário da capoeira, que se expressa em cantigas como:

A mulher e a galinha Paraná
São dois bichos interesseiros Paraná
A galinha pelo milho Paraná
E a mulher pelo dinheiro Paraná
Ou ainda:

Se essa mulher fosse minha
Eu tirava da roda já já
Dava uma surra nela
Até ela dizer chega

Uma vez constatando-se o “machismo” como algo presente no universo da capoeira, também cabe considerar que essa postura preconceituosa vem sendo questionada no universo particular da própria capoeira. O grande número de mulheres atualmente envolvidas com a prática e o ensino dessa atividade é significativo e contribui para este questionamento. Na atualidade, existem mestras de capoeira formadas. Há eventos de capoeira que são organizados e direcionados exclusivamente para o público feminino.

Mais recentemente, e de clara manifestação no cenário da capoeira em geral, temos o fenômeno dos capoeiristas “bombados¹⁷”, o que certamente não é apenas exclusividade desta prática. Muitos desses capoeiristas, “bombados” ou não, na roda e no mundo da capoeira, procuram roubar a cena e/ou manter seus “status”, ou territórios, usando, muito mais, seus músculos do que o cérebro e, nem de perto, considerando que a tônica do jogo bem poderia ser jogar *com* e não *contra*. Tal postura, comum em alguns jogadores de capoeira na atualidade, ou até mesmo de grupos inteiros, reduz a beleza da arte, embora, também em situações como essa, a capoeira, em sua complexidade, tenha seus próprios antídotos ou seus tensionamentos internos, nos quais, não raro, a lógica, aparentemente dada, pode, inesperadamente, ser subvertida, como ilustra a leitura de uma dada situação de roda de

¹⁷ A expressão “bombados” é amplamente utilizada no meio esportivo, no universo das academias de ginástica, assim como no universo da capoeira, para se referir a pessoa que adquire ou adquiriu considerável volume de massa muscular utilizando-se de esteróides anabolizantes.

capoeira explorada na letra desta música cantada por Mestre Toni Vargas:

Lá vem ele com o peito estufado
 Anabolizado querendo brigar
 Ta fazendo boxe luta livre
 Deus que me livre dele me acertar
 Entra na roda com cara de mau
 Vem tocar berimbau
 Que é pra não se cansar
 Pula na roda
 Bufa que nem fera
 Com o punho fechado
 Querendo brigar
 De repente um caboclo magrinho
 Que joga mansinho
 Resolveu comprar
 E outro que tava arretado
 Foi logo soltando seu golpe mortal
 Mas o golpe não encontrou nada
 Força desperdiçada perdida no ar
 E lá de baixo veio uma rasteira
 Que fez o coqueiro balançar
 Balançou, balançou,
 Logo, logo cai coco meu sinhô,
 Balançou, balançou,
 O seu santo é de barro é pra já que quebrou.

Entre outros fatores passíveis de análise nas configurações da capoeira atualmente, e que repercutem diretamente nos terrenos onde está inserida, certamente é necessário também considerar a esportivização e a mercadorização da mesma.

A capoeira, estando amplamente inserida nesse processo de esportivização, vem incorporando e preconizando cada vez mais os padrões do esporte institucionalizado, de alto rendimento, baseado nos princípios de sobrepujança e comparações objetivas (KUNZ, 1994).

Isto tem gerado uma crescente especialização desta prática e de seus praticantes. Uma preocupação, decorrente desses fatores, levantada por Falcão (1995) é de que, aos poucos, a grande massa de seus jogadores torne-se cada vez menos dona do destino do jogar e fazer a capoeira, ficando as decisões cada vez mais sob a responsabilidade

burocrática institucional, o que contribui para o acirramento da separação entre “expectadores” e “especializados” (FALCÃO, 1995).

A lógica do mercado, empresarial, é certamente a lógica com que a maioria dos grupos de capoeira está desenvolvendo suas atividades atualmente. Daí surgem as franquias de capoeira, a comercialização e a produção em série dos mais variados artigos ligados à capoeira, as aulas estruturadas aos moldes das “ginásticas da moda”, feitas em séries e padronizadas, e a associação da capoeira e/ou seus grupos a marcas de produtos diversos que optam por patrocinar esta atividade por ter em seus praticantes um público consumidor em potencial, como no caso dos suplementos alimentares (FALCÃO, 2004).

Diante de um certo padrão esportivo e mercadológico que vem influenciando o desenvolvimento da capoeira, é interessante considerar a observação de Vieira (1989, p. 61 e 62), que chama atenção para um fenômeno intrínseco à prática da capoeira no seu universo particular, constituindo um conjunto de fatores que favorecem a reprodução de determinados “clichês” gestuais, capazes de garantir “*status*” e que, por isso, tendem a ser reproduzidos e absorvidos, mesmo por indivíduos de grupos diversos, sem muito contato entre si. O autor denomina esse processo como “unidimensionalização da capoeira”, o que pode desembocar na “supressão das características estéticas” e numa redução da “possibilidade de se constituir num meio de expressão espontânea das características individuais”, negando, assim, “a vocação libertária da arte-luta que surgiu para a emancipação de um segmento social escravizado”. Esse fenômeno pode ser encarado certamente como um produto da atual massificação da capoeira¹⁸.

¹⁸ Uma prática muito comum na atualidade, nos eventos de capoeira, que reúnem um número muito grande de pessoas são os chamados “aulões” de capoeira, que consiste numa aula ao comando de algum mestre de capoeira, onde movimentações e gestos são imitados aos moldes de uma aula de ginástica. As imagens dos “aulões de capoeira” em fitas de VHS e ou DVD, correm o mundo. Também participantes destas programações

É importante a percepção dessas configurações atuais da capoeira, uma vez que se constata certa informalidade no ensino e divulgação da mesma na região estudada, mas certamente não desinteressada e nem sua prática despida das suas diversas configurações. É justamente no contexto da escola que se evidencia, no momento atual, que seus agentes estão buscando legitimação e criando certa demanda pela mesma no plano cultural e educacional e conseqüentemente esportivo e mercadológico.

Uma vez conscientemente percebidos alguns dos processos que estão configurando e constituindo a capoeira na dinâmica de seu desenvolvimento, cujos reflexos também invadem o contexto da escola, faz-se necessário a reflexão de todos os envolvidos, no sentido de melhor estruturá-la e adequá-la intencionalmente a objetivos educacionais específicos, ou seja, proporcionar (re)elaborações no trato com a prática capoeira, numa perspectiva crítica e emancipatória, considerando os avanços teóricos em relação ao próprio estudo desta arte e da Educação Física Escolar.

Portanto, na realidade investigada, a escola é um dos campos sociais nos quais a capoeira se insere, ligada ou não à disciplina curricular de Educação Física ou a pessoas com formação ou não nesta área do conhecimento, ligada ou não a grupos de capoeira, com maior ou menor grau de afinidade com as tendências e propostas político-pedagógicas das escolas ou da disciplina de Educação Física escolar. Esta constatação traz a emergência de que questões de ordem teórico-prática suscitadas na análise deste fenômeno precisam ser consideradas e/ou contempladas por todos os envolvidos neste processo, uma vez que a escola

ao voltarem aos seus locais de origem onde ensinam a capoeira, chegam com as novidades em termos de movimentações, tanto para uso pessoal no seu jogo desenvolvido nas rodas de capoeira, como para incrementar suas aulas ao ensinar uma nova movimentação da “moda”.

realmente se configura como um espaço com determinadas especificidades, no qual não cabe apenas a absorção e/ou reprodução, sem reflexão crítica, das questões de ordem cultural, social e política que transitam nos seus espaços, mas sim um espaço social dinâmico de produção de idéias, novas compreensões, concepções e significados para além do senso comum.

O que se pretende enfatizar, com base nas análises até o momento realizadas, não é a ética ou a legalidade, ou o certo ou errado nas ações e tendências da e com a capoeira na escola, mas sim o reconhecimento de que o processo de inserção paulatina dessa atividade no âmbito escolar vem, de uma forma ou outra, acontecendo e de que há, portanto, a necessidade de ser refletido. Propõe-se que tal reflexão seja provocada com base no entendimento de que é possível configurar, tanto para a capoeira, como para a escola e a Educação Física escolar, direcionamentos teórico-práticos que lhes dêem suporte pedagógico crítico.

Deste jogo de dentro/jogo de fora que vem sendo travado continuamente com a capoeira em espaços que se configuram com e para esta atividade na escola, é possível inferir que, além de ser apenas uma “atividade a mais nas escolas”, aos poucos poderá passar a ser necessária ou entendida também como um tema/conteúdo viável e que exige estudo na disciplina de Educação Física escolar.

Trata-se, portanto, da constatação de uma possível tendência que exigirá a posição por parte dos agentes que atuam na Educação Física escolar e da escola, que não apenas a de assistir ou contribuir para o fenômeno, mas sim de intervir, junto aos seus alunos, no sentido de promover o estudo e a compreensão do mesmo de forma mais ampliada. Assim

também uma tomada de posição, dos próprios agentes que veiculam a capoeira nos espaços escolares, no sentido de compreenderem criticamente o processo no qual estão inseridos e preocuparem-se em elaborar novos e significativos delineamentos na suas próprias práticas.

Considerando-se essas afirmações, é interessante evidenciar como possibilidade para a capoeira como prática presente, de alguma forma, na escola, nas suas várias formas de inserção, portanto também passível de ser analisada/estudada e pensada através dos diversos referenciais teóricos que por esse espaço necessariamente devem transitar, a postura a que Falcão (1998, p. 56) se refere como “interesse utópico de construir uma (re)significação do sentido da capoeira”, que, para o autor, como já analisado anteriormente, “veicula muito conteúdo ideológico de conotação racista e machista” e “vem incorporando-se, sistematicamente, à lógica da mercadorização e da esportivização”.

Falcão também considera que:

O contato dos (das) alunos (as) com o mundo da cultura do movimento tem-se dado das mais diversificadas formas, seja através da televisão, das revistas especializadas, do vídeo game, etc., seja através dos clubes e das academias espalhadas pelas médias e grandes cidades. Frequentemente, esse contato ocorre de forma fragmentada e inconseqüente, com o privilégio de valores que fomentam o individualismo, a competição exacerbada, a supremacia dos mais “fortes” sobre os mais “fracos”, etc (1998, p. 56).

Esse contato “fragmentado” e “inconsciente” dos(as) alunos(as) com aspectos da cultura corporal de movimento pode também estar se dando no âmbito da escola e daí a necessidade de reflexão de todos os envolvidos neste processo. Parte-se, então, da premissa de que, não desconsiderando o caráter reprodutor da escola, a mesma tem espaços de relativa autonomia, que podem se configurar em resistências e desequilíbrios das tendências reprodutoras (GOMES apud OLIVEIRA, 1999, p. 23). Ou ainda, como propõe Vago, num

diálogo com Bracht acerca do tema “esporte na escola” e o “esporte da escola”:

...a escola, como instituição social, pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas hegemônicas na sociedade [...] estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, num movimento propositivo de intervenção na história cultural da sociedade (1996, p. 4).

A tentativa de compreensão dos processos históricos influenciados e influenciadores do desenvolvimento da capoeira evidencia toda uma construção, permeada de conflitos no campo social e cultural, que de certa forma serviram de base para o atual quadro de expansão da mesma e conseqüentemente para a configuração dos formatos através dos quais ela se apresenta hoje na sociedade. A apreensão dos inúmeros conteúdos inscritos nesta prática e a capacidade de engendrá-los com um trato específico através da disciplina curricular de Educação Física escolar, sob a ótica da cultura corporal de movimento, é certamente um desafio que está posto. Desafio este que, na perspectiva teórica deste estudo, necessariamente deveria considerar a perspectiva formulada por Betti, segundo a qual a função da Educação Física escolar seria a de:

introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transforma-la, instrumentalizando-o para usufruir, do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida (1998, p. 17).

Neste mesmo sentido, a capoeira na escola, conforme análise de Falcão:

se apresenta como uma alternativa viável de prática educativa libertadora, pois encerra conteúdos e valores bastante significativos e, acima de tudo, permite uma interação com as várias disciplinas que compõem o currículo escolar, como história, geografia, sociologia, música, etc (1991, p. 35).

Na mesma análise, Falcão (1991, p. 34) ainda situa a capoeira como uma prática portadora de “exuberante acervo de informações, sua riqueza simbólica, seus movimentos de resistência que denotam claramente a nossa conflituosa trajetória política,

impregnada de abusos de poderes e dominações”.

A capoeira, como uma prática da cultura corporal de movimento possível de estar mais presente nos currículos escolares, possui em si inscritos conteúdos históricos e socioculturais, que a colocam numa dimensão privilegiada em relação a algumas modalidades esportivas naturalizadas na escola, que normalmente estão destituídas ou precisam passar por um esforço de revestimento de seus significados históricos e sociais passíveis de análise e estudo, o que não é comum acontecer na prática diária da Educação Física escolar que se pauta normalmente apenas pela lógica esportiva. Essa complexidade da capoeira, da qual ela ainda não está totalmente despida, a eleva ao *status* de um conteúdo altamente significativo, também no contexto escolar, que para além da dimensão esportiva, necessita ser mantida e compreendida numa esfera mais ampla, mantendo-se o foco de abordagem na direção contrária de uma tendência a uma certa assepsia de sua prática em relação aos fatores históricos, sociais e culturais que lhe são constituidores.

Campos (1996, p. 28) justifica a capoeira na escola como “sendo um método de ginástica genuinamente brasileira, bem ajustado aos alunos, por ser oriundo de uma manifestação popular rica de movimentos e música com substrato cultural, e bastante difundida na sociedade”. O autor enfatiza que o ensino da capoeira deve contemplar todos os seus aspectos e os alunos devem vivenciar todo o seu contexto, o que implica em jogar, cantar, tocar, “saber adentrar a roda e jogar, porém identificar claramente o significado de praticar capoeira, ser capoeirista e viver capoeira”.

Contemplar, na escola, todos os aspectos da capoeira citados por Campos, certamente, requer profissionais que tenham considerável vivência desta prática, o que um

curso rápido, desenvolvido em algumas horas, ou num semestre, com o objetivo de habilitar o professor para “dar” capoeira na escola, não consegue de fato oferecer.

Analisar o significado de “praticar capoeira, ser capoeirista e viver capoeira” instiga a alguns questionamentos: sob a ótica de quem? De que Mestre? De que grupo? Tais questões são pertinentes, uma vez que a influência ideológica de mestres e grupos no universo da capoeira como já visto é significativa frente aos seus discípulos, e nem sempre merecedora de crédito total. E essas influências também transitam em maior ou menor grau nos espaços escolares.

Talvez uma possibilidade interessante para o professor de Educação Física escolar, em relação à capoeira, seja a de compreender que seu papel na escola não é tão somente o de reproduzir tecnicamente uma prática, incorporar o mestre de capoeira, comprometido com esta ou aquela ideologia de grupo ou esta ou aquela concepção de capoeira, mas proporcionar o “estudo” da capoeira, através da ação e da reflexão, de uma prática sistematizada, transformada didática e pedagogicamente, objetivando romper com “reduccionismos”, que são muito criticados na área de Educação Física (KUNZ, 1994). Nesse sentido, o professor de Educação Física tem seu papel (re)significado, passando de mero instrutor de ginástica ou técnicas esportivas a um tematizador¹⁹ das atividades da cultura corporal de movimento, sendo que a capoeira pode ser um dos conteúdos a serem tematizados, sem a obrigatoriedade de haver um “treinamento” em capoeira ou uma vivência profunda de capoeira tanto do professor como do aluno, e sim uma postura crítica de querer

¹⁹ O termo “Tematizador” ou “tematização” é utilizado, neste estudo, como a possibilidade de trato aos conteúdos de ensino na Educação Física como sendo fenômenos “sócio-culturais”; diz respeito à compreensão de que, para além do aspecto físico-técnico da atividade em si, que não se exclui, deve-se também tentar proporcionar a vivência, a compreensão, a crítica e a possível (re)significação do mesmo, como também sendo de ordem “cultural, política, ideológica ou histórica” (DAOLIO, 2004).

conhecer e estudar.

Nessa concepção, é interessante considerar o que escreve Fensterseifer (2001, p. 271), em sua reflexão sobre o espaço escolar, ao afirmar ser este um lugar privilegiado para um projeto emancipatório, “tendo em vista que teoricamente poderia e deveria ser local onde o exercício da crítica permanesse livre dos limites impostos pelos doutrinanismos”.

Para esta condição, certamente, é também fundamental considerar, conforme Falcão:

... que é extremamente necessário que os profissionais comprometidos com a valorização da capoeira, como prática educativa, conheçam não somente suas técnicas e rituais, mas também os condicionantes históricos e os fatores institucionais que contribuíram no passado, e continuam contribuindo para suas diversas formas de exploração (1995, p. 13).

É importante também perceber a postura preconizada por Souza e Oliveira :

o professor não precisa ser um mestre de capoeira, mas um observador, estudioso e que minimamente consiga, de forma tecnicamente correta, as possibilidades de movimento da capoeira e, com isso, explorar toda a sua riqueza motora (2001, p. 46).

A expressão “tecnicamente correta”, referida por Souza e Oliveira (2001), não precisa, necessariamente, ser entendida como padrões técnicos únicos, uma vez que a diversidade da capoeira, inclusive em se tratando de técnicas, é uma das suas características mais peculiares. Nesse caso, também se apresenta uma questão interessante: o professor de Educação Física, com competência para explorar determinadas movimentações da capoeira, pode, talvez sem o interesse principal de fixar técnicas específicas através do movimento repetitivo, permitir um se movimentar mais livre através do qual o aluno desenvolva, crie e (re) crie o seu se movimentar, a partir daquelas primeiras compreensões e, também, com base

nas suas visões de capoeira e de outras vivências que o professor esteja lhe oportunizando: contato com capoeiristas, vídeo, fotos, revistas.

O fato é que se o professor de Educação Física na escola for compreendido, não como um atleta e/ou um profundo especialista e modelo das diversas modalidades esportivas, mas sim como um profissional com uma sólida formação geral, e versátil nas suas técnicas de ensino, é possível concordar com Rangel Betti, quando escreve:

[...] é impossível conseguir que todos os professores sejam capazes de dominar bem, a ponto de demonstrar, os vários fundamentos esportivos, danças, etc. Isto, entretanto, não impossibilita o professor de ensinar [...] além disso os próprios meios de comunicação, como a televisão, revistas e jornais estão aí para nos ajudar e devem ser aproveitados (1995, p. 28).

Em se tratando de professor de Educação Física com experiência na prática da capoeira, certamente, poderá haver um aprofundamento maior do estudo dessa temática na escola, tanto teórica, como tecnicamente, o que se considera positivo, na perspectiva deste estudo, pois não se tem a intenção de fazer um discurso contra a técnica, e sim tentar perceber a importância de não se reduzir conteúdos complexos, como a capoeira, à técnica como um fim em si mesmo, e sim reconhecer a necessidade de contemplar, também, conforme Fensterseifer (2001, p. 252) as dimensões: “subjetiva (forma de expressão individual da corporeidade) e social (relações intersubjetivas contextualizadas)”.

Na realidade, o que está latente nas reflexões feitas até aqui, e que deve permanecer em debate, é o fato de que a necessidade de modelos de ensino teóricos e práticos, críticos, contextualizados, reflexivos, tematizadores, está para o universo da Educação Física escolar na mesma medida em que está para o universo da capoeira, e para ambos conjugados, ou seja, há uma emergência no sentido de que sejam consideradas, formuladas e ou

reformuladas orientações teóricas e práticas que, tanto contribuam para se pensar a capoeira no seu contexto amplo como nessa sua relação com a escola e a disciplina curricular de Educação Física escolar. Portanto, as críticas contundentes a modelos de ensino acríticos, descontextualizados, diretivos e essencialmente técnicos cabem, na mesma medida, ao contexto formal e informal da capoeira, como também no contexto da disciplina curricular de Educação Física na escola como também na graduação em Educação Física.

O que talvez deva ser preconizado seja o desenvolvimento de certa sensibilidade pedagógica, por parte de todos os agentes envolvidos neste processo, que permita o “não cegamento” frente às inúmeras compreensões possíveis e abordagens teóricas e metodológicas que comportam o tema tratado, o que, muitas vezes, se faz privilegiando “verdades” que se querem “absolutas” e que geralmente são defendidas por este ou aquele segmento de forma ferrenha e dogmática. Nesse sentido, há posturas facilmente percebidas em alguns grupos de capoeira: mestres, pseudomestres e capoeiristas que se intitolam donos da verdade, guardiães da tradição. Assim também se percebe, muitas vezes, posturas irredutíveis de professores de Educação Física escolar em torno de uma única visão de sua prática, desconsiderando os avanços dos estudos neste campo do saber, que o têm relacionado de forma crítica ao contexto social amplo, embora seja pertinente observar que essa dificuldade de as produções teóricas da Educação Física ganharem efeito nas realidades escolares advém de uma série de fatores conjunturais, como os explicitados por Bracht, que são:

... macro (políticas públicas, ações governamentais de âmbito federal, estadual e municipal, com suas diretrizes, política pessoal, fornecimento de infra-estrutura, bem como suas sobredeterminações macroestruturais de ordem econômica e política), e de elementos micro (a sala de aula, o professor, a escola e sua administração, etc) (2003, p. 118).

Neste momento de aproximação mais efetiva da capoeira, com status de esporte, mercadoria ou prática da cultura corporal de movimento do cenário escolar, e em face dessa inserção significativa no contexto estudado, considera-se como uma tendência que paulatinamente a capoeira passe a ser cada vez mais um tema emergente a figurar na pauta das discussões quanto a ser tratada também como conteúdo ou tema da disciplina curricular de Educação Física Escolar. No transcorrer desse processo, confirmando-se a tendência por ora apontada neste estudo, certamente a questão que passará a merecer estudo, reflexão e elaborações diz respeito à seguinte questão: como, de fato, constituir-se-á o trato com tal conteúdo na disciplina curricular de Educação Física escolar?

Portanto, há um todo complexo que precisa ser compreendido, inter-relacionado, analisado e (re)elaborado, para possibilitar a implementação de futuras ações no sentido de construir também este espaço pedagógico da capoeira como conteúdo/tema a ser referendado na disciplina de Educação Física escolar, uma vez que a presente investigação indica um processo inicial em andamento, do qual um dos resultados poderá de fato vir a ser a constituição deste espaço no âmbito local de estudo.

4.4 A capoeira nas universidades

Na região estudada, existem duas universidades com cursos de Educação Física: a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, e a Universidade de Cruz Alta – Unicruz. A presença da capoeira como disciplina no currículo do curso de Educação Física da Unijuí aconteceu, em anos anteriores, de forma transitória, por um semestre, como disciplina optativa. Na Unicruz, a capoeira foi oferecida, também por

um semestre, como disciplina optativa no Curso de licenciatura em Dança.

No que tange ao país, algumas universidades já contemplam a capoeira, nos cursos de Educação Física, e a mesma se insere nesses espaços de formas diferenciadas, como disciplinas integradas ao currículo, como disciplinas optativas ou até mesmo como projetos de extensão e outros.

Campos (2001) destaca, em seu estudo, algumas universidades do país que contemplam a capoeira, e evidencia que atuam nas comunidades universitárias, conjuntamente, professores de Educação Física e jogadores de capoeira.

O mesmo autor percebe, ao concluir seu estudo sobre a trajetória de resistência da capoeira até chegar à universidade, que essa resistência é “advinda da escravidão no Brasil e sustentada pelo racismo, maus tratos e discriminação” (CAMPOS, 2001, p.167). Outra forma de resistência apontada pelo autor é aquela que vem do “sistema político-ideológico-econômico-social que distingue as referências educacionais, populares e culturais”.

No mesmo estudo, o autor ainda percebe que vem ocorrendo uma valorização da capoeira por parte das universidades, e ressalta que esta valorização também é produto do trabalho abnegado de alguns mestres de capoeira, na busca de afirmação desta arte como um elemento significativo e importante, também, ao cenário educacional, bem como na busca de modificação das visões preconceituosas existentes acerca do tema.

Falcão (2004), comparando a aproximação entre a capoeira e o contexto universitário, tendo como parâmetro a época de mestre Bimba, com sua luta regional baiana, e

o momento atual, percebe que, se com a capoeira regional de mestre Bimba a aproximação com o meio universitário se deu através do interesse de universitários e não através de seus praticantes ou políticas públicas específicas, na atualidade vem se dando devido ao interesse de professores e mestres de capoeira que vislumbram neste universo uma boa possibilidade de trabalho com esta manifestação cultural.

O autor ainda traz alguns dados atuais da presença da capoeira em instituições de ensino superior no país, constatando que num total de 25 instituições pesquisadas, 15 contemplam a capoeira como disciplina obrigatória e 10 como disciplina optativa. Constata, ainda, que um número significativo de universidades contempla a capoeira em programas de extensão.

Falcão (2004, p. 323), ao formular crítica à universidade brasileira no sentido de que a mesma “continua, via de regra, desvinculada das lutas sociais em geral e dos movimentos sociais”, afirma ser necessário que esta instituição “recupere seu movimento milenar, como espaço privilegiado do exercício da divergência, da diferença, do conflito, no processo de construção do conhecimento útil a maioria da população”. Ainda segundo o autor, o tratamento da capoeira como disciplina curricular surge como uma possibilidade de aproximação da universidade com as chamadas manifestações culturais; porém, o autor considera necessário que a capoeira seja tratada como um complexo temático “interdisciplinar em coerência com seu próprio movimento histórico”.

Para Falcão (2004, p. 349), a capoeira, uma vez presente como disciplina curricular no contexto formal da universidade, deve receber um tratamento que “contemple a diversidade e a imbricação de seus fundamentos históricos, culturais, musicais e ritualísticos,

que se transformam e se complexificam quase cotidianamente”.

O formato organizacional da capoeira como disciplina curricular optativa é vista por Falcão (2004, p. 350) como sendo a mais propícia, desde que permitindo “abertura para diferentes possibilidades interdisciplinares”, por reconhecer que a forma “disciplinar de tratamento apresenta limites para apreender a diversidade e a complexidade das chamadas manifestações culturais”.

Falcão (2004, p. 351) ainda ressalta que a capoeira, como patrimônio histórico da humanidade, não deve ser compartimentalizada em “nichos” autoproclamados detentores de seus saberes. Ela deve estabelecer relação dialética com os “conhecimentos sistematizados pelas diversas áreas do conhecimento, no sentido de consolidar sua inserção como prática pedagógica comprometida com transformação social”.

A capoeira, ao se efetivar no meio acadêmico, pode, como prática importante no campo de estudo da cultura corporal de movimento, estar contribuindo para, mediante organização didática e pedagógica²⁰, que contemple uma visão multidisciplinar, articulada com a realidade social, o enriquecimento do processo geral de formação do profissional de Educação Física, desde que esse estudo também possibilite a percepção e compreensão mais ampla da complexidade em que práticas como estas estão socialmente inseridas. Tal proposição é possível a partir dos avanços teóricos de postura crítica na área de Educação

²⁰ No curso de Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, atualmente, o esporte é entendido como um campo de estudo que, conforme González (2004, p. 218), “é um espaço da realidade que deve ser melhor explicado e compreendido para poder interagir com ele a partir da especificidade profissional”. Para além de um modelo de ensino das modalidades esportivas centrado basicamente na instrumentalização técnica, o modelo atual busca estudar e compreender dimensões outras que perpassam em todas as direções o fenômeno complexo do esporte. Também se considera como fundamental neste modelo a compreensão dos “processos de mediação” dos quais o profissional de Educação Física, necessariamente, lança mão em sua atuação, considerando que os mesmos estão recheados de elementos e condicionantes culturais, sociais, morais, estruturais, organizacionais e procedimentais (GONZÁLEZ, 2004).

Física, que se contrapõem à forma hegemônica dos modelos de ensino dos esportes nos cursos de graduação nesta área. Dessa forma, acredita-se que é possível, a partir de perspectivas críticas, instigar a construção e a (re)significação das práticas da Educação Física de forma mais emancipatória e humanizada (GONZÁLEZ, 2004).

5 A CAPOEIRA NAS ESCOLAS PESQUISADAS

A investigação em três realidades escolares na cidade de Ijuí teve o intuito de, a partir da contextualização histórica da presença da capoeira na região e da análise do quadro atual de sua presença, procurar compreender o fenômeno de uma forma ainda mais aproximada, nas suas motivações, nos seus condicionantes, nas suas inter-relações e desdobramentos, para, então, a partir da devida manipulação de todos os dados levantados na pesquisa, juntamente com as reflexões apoiadas na bibliografia utilizada, tecer algumas considerações.

Na primeira escola (escola A), foram entrevistados: a diretora, o professor de Educação Física e o instrutor de capoeira. Na segunda escola (escola B), foram entrevistados o diretor da escola e o instrutor de capoeira. Na terceira escola (escola C), foram entrevistados uma professora da coordenação pedagógica e o instrutor de capoeira. O critério de escolha das pessoas que foram entrevistadas baseou-se no fato de estarem as mesmas diretamente ligadas à presença da capoeira nas escolas. Estas pessoas foram responsáveis pela elaboração de justificativas e a tomada de decisões em relação à presença da capoeira no contexto escolar.

As escolas foram escolhidas por apresentarem três realidades distintas,

basicamente quanto à localização geográfica e ao público atendido, bem como em relação às formas como a capoeira estava inserida e às relações que estavam no momento sendo estabelecidas entre a capoeira, a escola e a disciplina curricular de Educação Física. O fato de terem sido escolhidas três escolas da cidade de Ijuí se deu em função de que nas outras duas cidades basicamente tinha-se um quadro único, configurado na presença da capoeira como prática extracurricular.

Nas escolas onde a presença da capoeira se configurava como opção extracurricular, transparecia uma relação mais acentuada com a dinâmica escolar, o que não ficou explícito estar também ocorrendo nas outras escolas da região. A escola onde a capoeira estava presente como disciplina curricular foi escolhida por ser esta forma de inserção inédita na região estudada. Portanto, a escolha feita deveu-se à percepção de que se encontraria nestas três realidades distintas uma riqueza maior de dados, que possibilitariam uma compreensão mais ampliada do fenômeno estudado.

- Escola A: escola estadual de educação infantil, ensino fundamental e médio, da região central da cidade de Ijuí, onde a capoeira está presente como prática extraclasse, oferecida de forma voluntária por um instrutor de capoeira, acadêmico de Educação Física, em turno inverso ao das aulas.

- Escola B: escola particular de educação infantil, ensino fundamental e médio, localizada na região central da cidade de Ijuí, onde a capoeira está inserida como componente curricular obrigatório, até o terceiro ano das séries iniciais do ensino fundamental, não se constituindo em prática da Educação Física. Nas demais séries, sua prática passa a ser opcional, através da oferta de “escolinha”. Prática ministrada por um instrutor de capoeira,

acadêmico de Educação Física e funcionário contratado pela escola.

- Escola C: escola municipal de ensino fundamental, localizada na periferia da cidade de Ijuí, onde a capoeira insere-se como uma prática extraclasse, oferecida em turno inverso ao das aulas, por um instrutor de capoeira, acadêmico de Educação Física, cuja remuneração está a cargo do ACPM da escola.

Numa primeira etapa, as entrevistas semi-estruturadas realizadas foram gravadas e transcritas. Posteriormente, foi realizada uma categorização das informações recolhidas. Na terceira etapa, foi feita a interpretação dos dados, relacionando e confrontando os fenômenos aos demais dados encontrados durante a pesquisa e, também, a bibliografia utilizada no estudo.

As questões básicas da entrevista foram as seguintes:

- 1) Como se deu a inserção da capoeira nessa realidade escolar?
- 2) Qual o vínculo, ou como está inserida hoje a capoeira na escola?
- 3) Qual o vínculo com a escola, da pessoa que ministra as aulas de capoeira? E a sua formação?
- 4) Como é justificada a capoeira nesta realidade escolar?
- 5) Quais os objetivos com a capoeira nessa realidade escolar?
- 6) Quais estão sendo os resultados e os desdobramentos do trabalho com a capoeira na escola?
- 8) Houve resistências quanto à inserção da capoeira na escola?

5.1 Inserção e vínculo da capoeira e seus agentes nas realidades escolares investigadas

Constatou-se que a capoeira está presente de três formas distintas nas três realidades escolares estudadas. Na escola A (escola pública localizada no centro da cidade), a capoeira está presente como projeto voluntário, oferecido aos alunos em horário extraclasse. Na escola B (escola particular, localizada no centro da cidade), a capoeira é disciplina obrigatória até a 3º série e prevista em regimento escolar, sendo opcional às demais séries, no sistema de “escolinha”. Seu agente é contratado como funcionário da escola. Na escola C (escola pública localizada na periferia da cidade), a capoeira é desenvolvida por projeto extraclasse e seu agente é remunerado pelo ACPM da escola.

Na escola A, a capoeira foi inserida a partir do interesse do instrutor de capoeira, que apresentou um projeto, o qual veio a despertar o interesse da escola, de alguns pais e alunos.

Na escola B, segundo o instrutor de capoeira entrevistado, a capoeira foi inserida como parte dos projetos diversificados da escola:

Quando essa nova direção veio comprar a escola, eles estavam querendo desenvolver projetos diferentes na área de Educação Física. Fui, conversei com a direção. Eles pediram um projeto pra conhecer o que era capoeira e também um pouco mais de informações e a partir deste projeto, foi aprovado e comecei a lecionar na escola.

Na escola C, constatou-se que a inserção da capoeira se deu, primeiramente, pelo interesse de alguns alunos que já a vivenciavam no contexto de uma academia de ginástica e, posteriormente, por solicitação dos pais. Concomitantemente, um estudo da

capoeira proposto na disciplina de Educação Física²¹ reforçou o processo, possibilitando a presença de jogadores de capoeira na escola para uma apresentação e a posterior contratação de um instrutor de capoeira.

Campos (1996), numa postura já analisada em capítulo anterior, afirma que a capoeira está sendo introduzida nas escolas vinculada à Educação Física. Entretanto, no contexto do presente estudo, apesar de os agentes responsáveis pelas aulas de capoeira, nas escolas investigadas, serem acadêmicos de Educação Física, nas escolas A e B a capoeira não aparece como conteúdo ou prática na disciplina de Educação Física, sendo que apenas na escola C ela se constituiu em tema de estudo da referida disciplina, ocorrendo assim uma inter-relação entre a capoeira projeto extra-curricular e a capoeira tema da disciplina de Educação Física.

Na escola A, a capoeira é oferecida aos alunos no sistema de “escolinha”. Na escola B, é disciplina curricular obrigatória até a terceira série do ensino fundamental e, na escola C, aparece como escolinha e também como conteúdo na disciplina de Educação Física.

Pode-se, então, afirmar que, no contexto deste estudo, a partir das três escolas investigadas, no momento, o que se percebe é que ações sociais convergentes, como a série de fatores conjunturais já analisados anteriormente, que atuam no sentido da aproximação entre capoeira, escola e disciplina curricular de Educação Física, parecem estar instituindo a capoeira nestes espaços escolares. Grupos de capoeira, mestres, professores, instrutores, alunos de capoeira, professores de Educação Física e as próprias escolas, assim como

²¹ A capoeira não constava do programa de educação física desta escola, sendo que entrou como tema de estudo na educação física devido, basicamente, à realização de um projeto de estudo interdisciplinar e pela iniciativa do próprio professor de educação física, concomitantemente com a implantação de um projeto extraclasses de capoeira nesta escola.

secretarias de educação, são os agentes desse processo, possibilitados por mudanças, que vão desde a mais nova configuração da LDB, a criação do CONFEF, os PCNs e, principalmente, uma política expansionista dos grupos de capoeira que em geral estão conscientes da possibilidade de abertura de mercado a esta prática também na realidade regional específica.

5.2 Justificativas da presença da capoeira nas realidades escolares pesquisadas

Nas escolas estudadas, a presença da capoeira vem sendo justificada por professores de Educação Física, equipes diretivas e instrutores de capoeira, de várias formas. Uma das justificativas foi assim elaborada por um dos instrutores de capoeira entrevistados:

[...] é a questão do próprio corpo, do movimento corporal diferenciado, que não é uma maneira habitual dentro da escola. É uma maneira completamente diferente. Se usa outros elementos que não os da Educação Física.

Outra justificativa elaborada por uma integrante da equipe diretiva de uma das escolas, e que esteve diretamente envolvida ao processo de inserção da capoeira como prática extra-curricular em sua escola, trouxe o seguinte:

A escola coloca uma vivência a mais do movimento humano.

Essas justificativas posicionaram a capoeira prática extracurricular como algo diferente. Algo que possui uma linguagem diferente, “não habitual dentro da escola”. Prática que possui outros elementos que de certa forma a distingue das atividades convencionais trabalhadas na disciplina curricular de Educação Física na escola e lhe conferem um diferencial.

Considerando que a realidade da Educação Física escolar ainda apresenta uma hegemonia do ensino do esporte na escola, contemplando quatro modalidades específicas, que são o futebol, o handebol, o voleibol e o basquetebol, a capoeira realmente parece estar presente como uma prática que contempla aspectos diferenciados em relação a essas modalidades. Tem-se, através da capoeira, a historicidade que lhe é constituinte e possibilita uma riqueza de interpretações sócio-culturais e políticas, relacionadas a questões referentes à formação do povo brasileiro. Também a dança, a criatividade e a expressão corporal, que não aparecem como elementos muito comuns nas práticas de Educação Física nas escolas, são constituintes da capoeira. A própria dinâmica do jogo da capoeira que, se tomado num sentido construtivo, diferencia-se da competição explícita e ganha um sentido mais amplo, contemplando, entre outros valores, o não subjugamento do outro, a qualquer preço, tornando o jogo e não o seu resultado medido e avaliado, como sendo o essencial e o ponto único de interesse, constitui, efetivamente, um diferencial.

Portanto, numa época em que tanto se questiona sobre o trato exclusivamente esportivo que é dado aos conteúdos da Educação Física na escola, é relevante a presença da capoeira, trazendo consigo, como justificativa, o fato de ser uma prática pautada em outra linguagem corporal, ou “movimento corporal diferenciado”, como afirma um dos entrevistados. Essa justificativa, de certa forma, coloca-se em oposição a uma educação física encarada apenas como movimento mecânico, e se põe também na perspectiva de uma Educação Física como linguagem gestual ou expressão criativa (SANTIM, 2003). Entende-se, portanto, que um diferencial importante da capoeira diz respeito à consideração desta prática como linguagem gestual ou expressão criativa. Nesse sentido, a manutenção, na escola, da dimensão de linguagem gestual ou expressão criativa, demanda tratos metodológicos específicos deste conteúdo, com vistas a privilegiar tais aspectos, pois esta prática pode,

também, ser tomada meramente como movimento mecânico, técnico e estilizado, dependendo de como for abordada no meio escolar.

Outra justificativa encontrada para a presença da capoeira na escola diz respeito ao seu entendimento como importante instrumento na formação do indivíduo e no desenvolvimento de competências exigidas atualmente pelo mercado de trabalho, segundo um dos instrutores de capoeira entrevistados:

A gente tá numa sociedade em que o mercado de trabalho tá buscando pessoas extremamente versáteis, que não tenham medo de se expor, que não tenham medo de errar, que não tenham medo de ousar, que tenham...Que ousem o tempo inteiro e isso a capoeira proporciona...

Proporcionalmente à exigência de qualidades e ou capacidades cada vez mais apuradas para desempenhar funções sociais no mundo do trabalho, aumenta o número de pessoas que estão ficando excluídas do processo de inserção neste mesmo mundo do trabalho. Seja pelo analfabetismo clássico, seja pelo analfabetismo político, seja pelo analfabetismo tecnológico. Aliado a esta utilidade da capoeira como prática capaz de contribuir na formação de pessoas “versáteis”, “ousadas”, como aponta o entrevistado, parece ser também muito necessário que uma leitura social e política possa ser realizada com e através da capoeira, que é uma prática que procede das camadas populares, ou mais desfavorecidas da população brasileira, com uma história significativa de resistências e contestações sociais. Portanto, a dimensão sócio-histórica da capoeira, que permite abordagens críticas da realidade social, deve ser considerada nos programas de ensino desta atividade.

Amplia-se, dessa forma, a justificativa analisada, revestindo-se de um viés político, econômico e social para construir uma prática pedagógica no sentido de, conforme Castro Jr. e Abib:

reunir todos os elementos indispensáveis à formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre a realidade que cerca o aluno, que por sua vez, tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito de uma práxis político pedagógica, dentro dos princípios de uma educação libertadora (1999, p. 177).

Um outro viés justificador da capoeira na escola, que transpareceu em uma das entrevistas contempla esse aspecto histórico e cultural da mesma:

[...] primeiro a questão da cultura, que faz parte da nossa história, devia estar no currículo escolar. Porque ela faz parte...ela foi criada no Brasil pelos negros daqui, então não tem como ela não estar dentro da escola, porque a gente quando fala em história do Brasil, impossível não falar da capoeira na história do Brasil.

Essa ênfase que normalmente é dada quanto aos aspectos históricos e sociais da capoeira, como forma de justificá-la nos mais diversos espaços sociais, é realmente uma constante. Considerando a possibilidade de a capoeira passar, com o tempo, a ser mais referendada na própria disciplina de Educação Física, certamente a forte identidade cultural que vem a ela acoplada impõe-lhe um diferencial importante. Analisando a questão a partir de Souza e Oliveira (1999, p. 45), na Educação Física escolar, normalmente, contempla-se práticas esportivas já consolidadas, que são advindas das culturas “européias” ou “norte americanas”. Essas mesmas práticas geralmente se apresentam nas escolas, por meio da Educação Física, de forma descontextualizada em relação a uma realidade mais ampla e desvinculadas de um contexto social, histórico e cultural específico.

5.3 Objetivos relacionados à oferta da capoeira nas realidades escolares pesquisadas

Ao analisarem a crescente presença da capoeira nas escolas públicas de Salvador/B.A, Júnior e Sobrinho (2002) observaram que nestas instituições, geralmente, os grupos de capoeira vêm reproduzindo suas lógicas de atuação arraigadas historicamente,

através de “batizados de capoeira”, “trocas de cordel”, “formaturas”, além de fomentarem ideologias e concepções diversas advindas de seus cenários tradicionais. Para os autores, isto ocorre sem a devida distinção do espaço escolar que deveria se pautar pela sua própria lógica.

Nos espaços escolares investigados neste estudo, constatou-se, também, que os alunos estão tendo acesso às mesmas práticas do universo tradicional da capoeira:

Então, tanto a gente participa do que eles marcam, quanto eles do que a gente marca, inclusive agora pouco a gente fez um batizado. Deu corda pra eles.

Essa constatação permite dizer que nesta realidade, certamente, também se cruzam interesses e objetivos diversos, que advém de grupos de capoeira, da escola e, também, da elaboração própria do agente diretamente envolvido com o ensino desta prática na escola.

Na análise em questão, um dos entrevistados assim se reportou quanto à participação dos alunos da escola em eventos realizados pelo grupo de capoeira ao qual pertence:

É feito o convite, não que seja algo imposto. Então as crianças ficam muito livres nesse processo. Então é feito o convite, alguns participam, outros não, outros gostam muito do contexto escolar, mas não querem vivenciar fora...Então são duas propostas bem diferentes, a da academia, a de grupo, a da escola. Então os alunos ficam muito livres nesse processo.

Partindo da reflexão sobre a política expansionista dos grupos de capoeira na atualidade, referendada em capítulo anterior, compreende-se que, na oferta da capoeira nas escolas estudadas, por grupos de capoeira e seus eventuais agentes, organizados ou não, sempre estão intrínsecos alguns objetivos particulares, que podem variar desde a

popularização da prática, manutenção de um trabalho social, garantia de praticantes em número suficiente para subsidiar alguns eventos, e outros que também podem ser de ordem econômica. A escola dessa forma vem sendo espaço de penetração da capoeira e das diversas práticas e concepções fomentadas por seus agentes. Vem constituindo-se num local privilegiado nas estratégias de inserção social da capoeira e seus praticantes.

Um outro objetivo proposto para ser atingido com a capoeira na escola foi o de trabalhar as qualidades físicas e/ou valências físicas, buscando também maior desenvoltura e desinibição dos alunos.

O objetivo citado numa das entrevistas, certamente é cabível dentro da capoeira prática extra-curricular, no sistema de “escolinha desportiva” na escola. Como esse estudo também quer referendar nas reflexões possibilidades de delineamento teórico para a capoeira tema do componente curricular de Educação Física, o objetivo citado passa a ser então insuficiente e questionável.

O objetivo citado remete a pensar na questão da aptidão física e saúde, ligada às práticas da cultura corporal de movimento na escola. Ferreira (apud CÔRREA e MORO, 2004, p. 100), em relação à Educação Física, observa que há necessidade em diferenciar-se “a proposta de aptidão física entre as que têm uma visão propriamente esportiva e outra que adota o paradigma da promoção da saúde”. Uma visão puramente esportiva contemplaria a capoeira, na escola, sob aspectos de padronização e racionalização, através de procedimentos pautados cientificamente, como forma de melhorar o condicionamento físico dos alunos. Já, sob o ponto de vista da promoção da saúde, a ênfase maior estaria em vivenciar e compreender a relação atividade física e saúde.

Para Campos (2001, p. 74), “o ensino da capoeira deve-se pautar em paradigmas da educação física e do esporte reconhecidos pela comunidade científica mundial”. Ainda para Campos (2001, p. 78), “a capoeira desenvolve as qualidades físicas de base, atuando com eficiência na melhora da condição física geral, desenvolvendo sobremaneira os sistemas aeróbico, anaeróbico e muscular”.

A capoeira, tomada como exercício físico, certamente é profícua em relação ao desenvolvimento das qualidades ou valências físicas e, por conseguinte, serve a objetivos voltados à saúde e à aptidão física. Porém, considerando a capoeira como manifestação popular de saliente identidade, forjada num emaranhado histórico, social e cultural específico, de grande importância no contexto brasileiro, tomá-la, como tema/conteúdo da disciplina curricular de Educação Física apenas sob a ótica do aspecto físico, através do discurso da saúde e aptidão física, certamente, impõe certo reducionismo ao trato escolar desta prática. Seria então, como percebe Kunz (1991, p. 37), uma tentativa de “minimizar e menosprezar as culturas tradicionais na área do movimento (danças e jogos) e introduzir e fomentar cada vez mais o esporte normatizado de origem no mundo industrializado”.

Ainda em vista do contexto histórico, social e cultural da capoeira, contemplar apenas objetivos voltados à aptidão física seria também desconsiderar que a saúde transcende o aspecto biológico, uma vez que o social também precisa ser compreendido e refletido, como parte essencial para o entendimento de saúde num sentido mais amplo. Tal compreensão, ou reflexão, também acerca do aspecto social, está intrínseca na dinâmica da capoeira, necessitando somente ser considerada (Bracht, 1992).

Foi apontado, também, por um dos entrevistados, que o objetivo principal da capoeira na escola é a busca de resultados cognitivos e afetivos, sem uma preocupação maior com resultados físicos e técnicos. Falando da capoeira no ambiente de academia, o entrevistado assim se reporta:

É muito ritmo, é muito ritmo... O ritmo da aula, ele é diferente. Se trabalha em cima de resultados técnicos e estéticos.

O mesmo entrevistado se reporta às aulas de capoeira na escola como:

Na escola você trabalha em cima de resultados cognitivos, não é tão...e afetivos...não é tão voltado para o movimento estético.

A possibilidade de socialização também é citada nas entrevistas como um dos objetivos da capoeira na escola. Bracht (2003) percebe a categoria socialização como um componente do “imaginário social” em Educação Física, que aparece como uma marca “distintiva” desta área do conhecimento como componente curricular.

Corrêa e Moro (2004) também percebem, em suas investigações, a presença da categoria socialização entre os papéis da Educação Física. E ainda Bracht (1992, p. 61) afirma que essa categoria pode também ser entendida como “forma de controle social”, “adaptação de praticantes aos valores e normas dominantes”, no que diz respeito ao bom funcionamento e “desenvolvimento da sociedade”.

A idéia, consciente ou inconsciente, de “controle social” fica explícita na investigação realizada, quando, entre os objetivos citados para a presença da capoeira na escola, esta prática aparece como um elemento cuja função seria influenciar a “não briga”, ou

seja, ser um elemento canalizador que objetivaria diminuir a violência envolvendo alunos na escola e proximidades.

Um outro objetivo, uma outra intenção foi que nós achamos importante...Há porque havia algumas brigas né [...] acreditamos também que isso tenha, além de outros fatores né, inibido, diminuído a briga digamos na escola e mesmo na rua próximo da escola.

É curioso como a capoeira, uma prática cultural afro-brasileira, tida historicamente como contestadora, que traz implícita em suas marcas históricas e sociais o signo da rebeldia, inconformidade e resistência, vem cada vez mais sendo (re) significada no sentido de servir a ações que buscam maior controle social, através do disciplinamento, da ordem e da hierarquia. Não que esses elementos sejam abomináveis na vida social, porém, não é desejável que os mesmos se sobreponham ou mascarem uma realidade social que está desfavorável à maioria dos brasileiros, que vivem desprovidos de vários dos seus direitos essenciais de cidadãos. Realidade que só será mais profundamente compreendida e poderá vir a ser melhorada a partir, também, de ações pedagógicas que favoreçam seu entendimento mais profundo e crítico. Ressalte-se que tal afirmação não tem o caráter de soar como mero “sociologismo” na Educação Física e/ou na capoeira, mas sim de considerar como essencial e necessário o favorecimento da compreensão mais profunda das configurações sociais, através do trato dos conteúdos escolares em geral, para a produção, de fato, de conhecimentos significativos que possam vir a repercutir nos mais diversos campos sociais de atuação dos educandos.

Um dos entrevistados, professor de Educação Física que utilizou a capoeira como tema de estudo em sua disciplina, coloca como objetivo da capoeira na escola a questão de “desmistificar a capoeira” ou de fazer com que os alunos optem por um esporte diferente, não só esportes coletivos como tradicionalmente se trabalha nas escolas.

[...] o objetivo principal eu acho que é desmistificar um pouco esta questão da capoeira. Muitas vezes a capoeira, por exemplo: Ah! É, digamos assim coisa de negrão! Coisa de crioulo e tal [...] coisa que nem marginal [...]. E também fazer com que eles, os próprios alunos optassem por um esporte diferente, não só digamos esportes coletivos, como tradicionalmente é trabalhado nas escolas...

Essa “desmistificação” da capoeira, à qual se refere o entrevistado, seria basicamente no sentido de desfazer uma compreensão arraigada historicamente, que liga a capoeira à marginalidade. Esta compreensão da capoeira como prática marginal, geralmente ainda ocorre e continuará ocorrendo se seu estudo e/ou sua prática continuar sendo realizada sem que se recorra a uma tentativa de compreensão mais ampliada dos fatos históricos que geraram este estigma. Certamente nesta reflexão cabe novamente a idéia defendida por Falcão (1998), anteriormente explicitada, de que, além de se praticar a capoeira, é necessário estudá-la. Portanto, a capoeira tomada apenas como prática desconexa de sua historicidade certamente não trará muitas possibilidades para que aconteçam por parte de seus praticantes ou comunidade escolar elaboração de novos entendimentos.

O direcionamento no sentido de expandir os conteúdos da disciplina curricular de Educação Física na escola, contemplando a cultura corporal de movimento, e nesse caso a capoeira, vem ganhando simpatia na escola, tendo como suporte, e também como elementos impulsionadores, além de algumas produções teóricas sobre o tema, os próprios PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que constituem um documento que está mais à mão dos professores, e aponta a dimensão da cultura como elemento importante a ser considerado na disciplina curricular de Educação Física.

Essa constatação instiga a pensar na possibilidade de se estar, de fato, face a um processo inicial de inserção da capoeira como prática e/ou conteúdo escolar, lado a lado

com as práticas tradicionais da Educação Física. Os suportes e delineamentos teóricos em permanente construção e constante (re)significação, em especial em relação à capoeira, juntamente com a postura reflexiva dos profissionais envolvidos na dinâmica escolar, é que constituirão elementos neste terreno, de forma diferenciada ou não, pautados em novas abordagens, ou simplesmente absorvidos pela lógica técnico-instrumental historicamente arraigada às práticas da Educação Física e que, por sua vez, também influenciam consideravelmente a dinâmica de desenvolvimento da própria capoeira em seu universo particular.

A multidiscursividade percebida na fala dos entrevistados em torno dos objetivos da capoeira na escola sugere que elaborações distintas e, muitas vezes complementares, estão sendo realizadas em cada realidade particular, contemplando ações e elementos próprios do campo da Educação e, mais propriamente, da Educação Física. Isto se dá, certamente, pela proximidade mantida pelos agentes entrevistados com este campo de estudo e denota uma construção, que mais rica será na medida em que produções teóricas e experiências práticas inovadoras começarem vir à tona e o tema, então, passar a ser mais amplamente discutido.

5.4 Resultados e desdobramentos dos trabalhos realizados com a capoeira nas escolas investigadas.

Os entrevistados apontaram, em comum, como resultados e desdobramentos dos trabalhos realizados com a capoeira nas escolas, o reconhecimento da comunidade escolar, através, principalmente, do interesse despertado em pais e alunos, bem como pelos constantes convites para apresentações.

Foram, também, desenvolvidos trabalhos interdisciplinares significativos, em duas das escolas investigadas, que envolveram, principalmente, as disciplinas de Educação Física, História e Artes.

Foi apontado, pelo entrevistado da escola A, que, em decorrência do trabalho desenvolvido, a escola tem mostrado interesse em renová-lo e efetivar o voluntário como funcionário da escola. O mesmo foi percebido nas outras escolas investigadas, pois ano a ano tendem a renovar trabalhos com a capoeira.

Na escola B, a capoeira tem se constituído num elemento importante, uma vez que tem despertado o interesse de outras instituições, também de cunho particular, em conhecer o trabalho realizado. Parece ter a capoeira se constituído numa vitrine, um importante elemento de marketing da escola.

Os entrevistados citaram, também, a contribuição que a capoeira trouxe ao desenvolvimento motor dos alunos, assim como maior desinibição e criatividade. Um dos instrutores percebeu, ainda, que alguns alunos da escola começaram a se destacar mais, e que a capoeira serviu como um elemento de união entre os colegas.

A capoeira, em duas das escolas investigadas, A e C, cuja presença era informal, engendrou-se, em determinados momentos, com a dinâmica escolar de forma significativa, recebendo um trato pedagógico por disciplinas como Educação Física, Artes e História. Nesses casos, certamente, a capoeira teve a possibilidade de ter seu sentido/significado consideravelmente ampliado, para além da prática da atividade física em si. Dessa forma, a escola e/ou as disciplinas escolares evidenciaram-se, de fato, como espaços

dinâmicos e integrados de estudo de elementos da cultura e não apenas como espaços de reprodução desses mesmos elementos.

A partir do explicitado neste item, que trata dos resultados e desdobramentos dos trabalhos realizados com a capoeira nas escolas investigadas, fica, então, de certa forma, latente certo engendramento da prática da capoeira com a dinâmica escolar como um todo, inclusive com outras disciplinas escolares, mesmo que sua presença nesses contextos se dê predominantemente pela via da informalidade.

Parece que, de fato, ao considerarmos os elementos de análise deste item, principalmente a questão do engendramento da capoeira como objeto de estudo de disciplinas escolares para além da Educação Física, e o já explicitado no todo do estudo, que a inserção da capoeira nas escolas, invariavelmente, pode gerar certa demanda, no sentido de a mesma permanecer e se expandir, também, como um elemento escolar e configurar-se, paulatinamente, como saber a ser tratado pedagogicamente pelas disciplinas escolares, como História, Artes e, principalmente, Educação Física.

5.5 Resistências encontradas quanto à presença da capoeira nas escolas investigadas

Devido à vivência deste pesquisador no âmbito geral de inserção da prática da capoeira na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, que inicialmente foi à prova de dificuldades diversas, principalmente devido a certa resistência cultural em relação a cultura afro-brasileira como um todo, onde a capoeira está inserida como já comentado em capítulos anteriores, torna-se pertinente, agora, numa época diferente do desenvolvimento e inserção da capoeira, abordar o aspecto da resistência à capoeira, pois pode dar uma idéia de como está

atualmente o trânsito desta prática cultural na região estudada.

Em duas das escolas, escola A e C, a resistência frente à presença da capoeira, conforme os entrevistados, não foi significativa, tendo sido citados apenas fatores religiosos, mas não considerados relevantes pelos entrevistados. Apenas um dos entrevistados deu a entender que este fator se dá também em outras instâncias onde a capoeira transita, além da escola, e parece ser encarado com certa naturalidade, como algo constitutivo da sociedade.

Já na escola B, segundo um dos entrevistados, houve, em princípio, resistência dos pais dos alunos em relação à presença da capoeira na escola, sendo que além do aspecto religioso, também foi citado o relativo temor quanto à capoeira como violência. Mesmo assim, o diretor da escola argumentou sobre a capoeira como um instrumento capaz de auxiliar no desenvolvimento das “inteligências múltiplas” do educando, o que prevaleceu. Essa, com certeza, foi uma das muitas formas que se tem de se conformar o objeto ao formato ou objetivo pretendido, e reflete um pouco do espírito de nosso tempo, em que as crenças e as convicções são estabelecidas ou moldadas dependendo do interesse que se tem, capaz de transformar algo não bem quisto em algo talvez aceitável pela sua utilidade. Dessa forma, não se mantém como imutável o cabedal histórico e cultural que no objeto está inserido, ou sua tradição, e sim se extrai dele o que serve, dependendo do que satisfaz no momento. Espécie de pragmatismo que a tudo digere, via de regra sob a égide do mercado.

Essa percepção do processo que aconteceu e vem acontecendo nas escolas e, em particular, nas escolas investigadas, denota que a capoeira, como manifestação cultural relativamente nova neste contexto e que encontrou inicialmente resistências no plano cultural para sua difusão, tem encontrado, na atualidade, relativa aceitação. Essa relativa aceitação

vem se dando e sendo construída também nos meios escolares e, certamente, já é fruto dos dezessete anos de presença da capoeira na região. Tais contextos escolares parecem estar se tornando vias privilegiadas e terrenos férteis para a constituição do espaço da capoeira no universo das práticas da cultura corporal de movimento na região estudada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção inicial, norteadora deste estudo, foi tentar compreender a presença do fenômeno capoeira, de forma contextualizada, num local geográfico-sócio-cultural específico, e na sua relação com os contextos escolares.

Considerou-se, para este estudo, a capoeira como um fenômeno histórico-sócio-cultural, surgida no bojo desumano da escravidão no Brasil, que é recheada de significados, e está sempre em permanente construção, desenvolvimento e (re)significação. A capoeira esteve e está sintonizada com um certo movimento de sobrevivência e afirmação do negro e sua cultura, vivendo atualmente um momento histórico ímpar de maior inserção social, tanto em âmbito global, como local, devido a ações organizadas de seus agentes influenciados por fatores de ordem social, política e econômica.

A primeira contribuição direta deste estudo vem a ser um registro, ainda que, em termos gerais, da dinâmica histórica da presença da capoeira na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente nos municípios de Cruz Alta, Ijuí e Panambi.

A inserção da capoeira nas comunidades investigadas, inicialmente tímida e,

com o passar do tempo, mais fortalecida, aconteceu e vem acontecendo, principalmente, pela intervenção de praticantes de capoeira. Esse processo manteve, e ainda mantém, tensionamentos na relação dessa prática com a cultura local. Entre outros motivos, alguns tensionamentos aconteceram, ou ainda acontecem, devido à estigmatização histórica que aspectos da cultura popular afro-brasileira sofreram e ainda vêm sofrendo, ao serem subjugados socialmente em detrimento de certo predomínio da cultura dita do colonizador europeu na região, embora se reconheça que este quadro não é especificidade somente desta região do país.

Constatou-se que a prática da capoeira está presente na região estudada aproximadamente desde 1987/1988, e que ganhou maior expressão somente a partir dos anos finais da década de 90 do século XX. Na atualidade, está ainda mais difundida, aproximada principalmente de contextos escolares de maneira formal e informal, ganhando cada vez mais notoriedade e reconhecimento social.

Percebeu-se também que uma série de fatores conjunturais, relativos ao campo político, social, econômico e educacional nos últimos anos, contribuiu e tem contribuído de maneira significativa para uma maior aproximação entre capoeira, escola e disciplina curricular Educação Física, assim como maior aproximação entre praticantes de capoeira e a área de formação do profissional de Educação Física. Evidenciou-se que, no contexto regional estudado, atualmente, a capoeira vem sendo disseminada, principalmente, via contexto escolar e que isso vem se dando, basicamente, através de trabalhos voluntários de instrutores ou professores de capoeira ligados a grupos organizados de capoeira.

A inserção escolar desta prática tem se dado, geralmente, através de projetos

específicos de grupos de capoeira, escolas e de secretarias de educação, com predomínio de projetos oferecidos voluntariamente. Essa realidade vem sendo fomentada, para além dos fatores conjunturais relacionados no corpo do trabalho, principalmente, pelo processo interno histórico de formação de novos instrutores e professores de capoeira, nos grupos de capoeira presentes na região, e pela tendência verificada de os mesmos estarem, nos últimos anos, conduzindo sua formação profissional na área de Educação Física e, conseqüentemente, aproximando-se das escolas. Desta forma se estabelece neste contexto um contínuo jogo de dentro/jogo de fora, em que, entre as mais diversas realidades da capoeira e da escola, interesses e lógicas diferentes transitam, se interpenetram e são ou poderão vir a ser reelaboradas.

A capoeira, como prática da cultura corporal de movimento, privilegiando como via de seu desenvolvimento o contexto escolar, vem, certamente no momento atual, passando por um processo de reconhecimento, valorização, expansão e afirmação nas comunidades investigadas. Esse processo está alçando, paulatinamente, a capoeira do status de prática desconhecida e estigmatizada ao de uma expressão cultural do cotidiano, do “se-movimentar” de um significativo número de pessoas na realidade estudada.

Na investigação específica em relação à presença da capoeira em três realidades escolares distintas, além dos fatores conjunturais, sociais, políticos e econômicos referidos, confirmou-se o que o quadro geral da presença da capoeira na região indicava, de que são, de fato, os instrutores de capoeira, alunos, professores de Educação Física, diretores e/ou coordenadores pedagógicos de escolas, e suas ações conjuntas, que estão diretamente contribuindo para o processo de inserção da capoeira como prática também de contextos escolares. Nem sempre são iniciativas isoladas.

As justificativas e objetivos da presença da capoeira nas escolas, percebidos nas falas dos agentes responsáveis, variam nas três realidades, revelando que dependem tanto da filosofia de trabalho da escola como do próprio instrutor de capoeira. Trata-se de justificativas e objetivos comuns aos que, normalmente, são utilizados para a própria disciplina curricular de Educação Física. Foram citadas categorias como: socialização, desenvolvimento de valências físicas, resultados afetivos e cognitivos, sendo também citada a importância cultural da capoeira.

Revelou-se, então, uma multiplicidade de discursos, que sugere, de fato, que a relação entre a capoeira, a disciplina curricular de Educação Física e a escola é algo em construção no âmbito local, inclusive no plano discursivo, valendo-se, seus atores, de categorias discursivas historicamente presentes e amplamente utilizadas também na Educação Física escolar.

Considerando os desdobramentos da presença da capoeira nas escolas, percebeu-se que, em determinados momentos, em duas das escolas estudadas, de forma significativa, aconteceram relações entre a capoeira e seus agentes, com a disciplina curricular de Educação Física, História e Artes, mais especificamente. Essas relações permitiram uma ênfase sobre elementos estéticos da capoeira, históricos e expressivos, o que mostrou, de fato, uma utilização ampliada dessa prática, que mesmo informalmente presente nestas realidades escolares, teve contemplada a sua diversidade, com recursos pedagógicos de disciplinas diferentes, não ficando apenas como uma atividade extracurricular alheia e totalmente imune ao relacionamento com o todo da dinâmica escolar.

A capoeira e seus agentes vêm conquistando espaços significativos e acreditados da sociedade regional, como a escola e a Educação Física, através do quais, certamente, vem sendo dissolvida, aos poucos, a resistência inicialmente encontrada ao exercício dessa prática na região, por motivos históricos e culturais. Ao mesmo tempo em que ocorre essa dissolução de certas resistências do plano histórico e cultural em relação à capoeira, há indícios de certo direcionamento dos rumos da capoeira no contexto regional no sentido de uma paulatina construção desta prática como um importante instrumento pedagógico, que poderá vir a ser mais referendado e integrado às práticas escolares, inclusive à disciplina curricular Educação Física.

Percebe-se que vem ocorrendo um processo interessante de afirmação de uma manifestação da cultura corporal de movimento, num local geográfico cultural onde inicialmente era tida como algo estranho. Esta prática tem entrado pela porta dos fundos das escolas, mas mesmo assim, aos poucos, estabelece relações com o todo da dinâmica escolar, mina, questiona e gera necessidades. Dessa forma, a capoeira parece estar no caminho de se constituir num tema a ser tratado também na disciplina curricular de Educação Física nas escolas dessa região.

No transcorrer do processo e diante de uma possível confirmação dessa tendência apontada neste estudo, caberá à escola e conseqüentemente à disciplina curricular de Educação Física e/ou outras disciplinas curriculares ignorar o fenômeno, ceder espaço para a prática sem intencionalidade pedagógica, ou tematizá-lo.

Ignorar o fenômeno seria professores, escola e sociedade em geral manterem-se indiferentes ao mesmo, desconsiderando a sua dinâmica veloz de desenvolvimento, que se

dá por diversos motivos e com privilégio da via escolar, e que vem aos poucos influenciando no sentido de uma mudança comportamental no que tange às práticas da cultura corporal de movimento dos educandos.

Ceder espaço para a prática da capoeira na escola sem intenções quanto ao trato pedagógico deste fenômeno seria justamente deixar de lado um conteúdo do cotidiano de algumas comunidades que está sendo significativo e se eximir de tentar contribuir no processo de formação do jovem que dele vem se apropriando, influenciado pelas diversas concepções e interesses que impulsionam o fenômeno. Ceder o espaço seria ainda permitir, como relatado por alunos de capoeira de uma das comunidades como fato acontecido, a utilização do espaço da aula de Educação Física para as rodas de capoeira formadas e dirigidas pelos alunos, sem uma intencionalidade por parte do professor de Educação Física senão a de ocupá-los naquele período de aula.

Tematizar a capoeira seria, diante de sua inserção nos contextos escolares, tratá-la sob a perspectiva do vivenciar e do estudar, contemplando os diversos aspectos dessa prática cultural, contribuindo para uma compreensão mais ampliada do fenômeno por parte do educando, estabelecendo relações com aspectos políticos, sociais, culturais, econômicos. Além disso, estimular as potencialidades em termos da motricidade e expressividade, sem falar nas questões de relacionamento afetivo que podem e devem ser muito bem exploradas.

Embora a capoeira traga intrínsecos no seu universo particular, no seu contexto tradicional, os elementos aqui delineados como possíveis de serem estudados na disciplina curricular de Educação Física, nem sempre o educando em seu universo particular construirá seu entendimento a respeito do fenômeno e a sua prática de maneira crítica e autônoma. Essas

dimensões da criticidade e autonomia podem e devem ser contempladas num trato pedagógico intencional do tema capoeira na disciplina curricular de Educação Física. A tematização da capoeira na disciplina curricular de Educação Física não deve se ater apenas a sua dimensão técnica. Pelo contrário, seus rituais e procedimentos regrados pela hierarquia e disciplina, elementos estes construídos historicamente no universo particular da capoeira, devem ser na escola da mesma forma estudados e compreendidos, e não radicalmente exigidos e seguidos. A centralidade do trabalho pedagógico deverá ser o aluno e não a capoeira em si (FALCÃO, 1998).

A escola, então, tem um compromisso, tem uma especificidade, que é de possibilitar aos seus alunos a estruturação e o entendimento a respeito do mundo e dos fenômenos que nele ocorrem de uma forma mais ampla possível. Assim, a disciplina curricular de Educação Física definitivamente não será, conforme a perspectiva deste estudo, o lugar de formação do jogador de capoeira, mas sim do cidadão que possivelmente poderá usufruir da capoeira e de outras práticas da cultura corporal de movimento no seu cotidiano de vida da forma mais autônoma possível.

Uma vez emergindo o conhecimento da capoeira como importante, significativo e plenamente possível de ser tematizado na disciplina curricular de Educação Física nas escolas, outra questão que se coloca diz respeito também à inserção e ao trato possível deste conteúdo nos cursos de formação de professores de Educação Física nas universidades. Neste sentido, González (2004) reconhece a dinamicidade e a diversificação do mundo esportivo e aponta a possibilidade de novas modalidades virem a ser referendadas na estrutura curricular dos cursos de Educação Física.

Quanto à presença da capoeira nas universidades, nos cursos de graduação em Educação Física, certamente, também se deve considerar a possibilidade de seu trato para além da vivência prática e da reprodução tradicional. Não é desejável, no âmbito da graduação, apenas a reprodução da capoeira, e sim que a mesma receba um trato pedagógico que permita ampliar as interpretações a seu respeito, assim como das relações complexas que a partir dela e com ela se estabelecem no cotidiano social.

Para esta inserção da capoeira nos cursos de graduação em Educação Física nas universidades, também é possível pensar no trato deste conteúdo num arranjo disciplinar que abordasse as atividades de “luta”, uma vez que as mesmas estão hoje apontadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais como possibilidade de conteúdos da disciplina curricular de Educação Física.

Quanto ao tema “lutas”, no contexto da graduação em Educação Física e no da disciplina curricular de Educação Física, embora ainda não seja um tema muito explorado, já há sinais de que a temática passará a ter acréscimos, por algumas produções acadêmicas e arranjos disciplinares que vêm surgindo e que, aos poucos, caminham na direção de constituir, de fato, esse campo de estudo²².

É importante ressaltar que as formulações apontadas neste estudo como tendências e/ou possibilidades de configurações futuras para a capoeira na região estudada em

²² Como evidência dessa afirmação, cita-se um exemplo próximo do contexto de atuação profissional deste pesquisador, que traz a emergência do tema “lutas” no campo da Educação Física, em especial referida à temática escolar, que é a oferta atualmente da disciplina de “metodologia de ensino das lutas”, no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Regional Integrada das Missões e do Alto Uruguai, localizada na cidade de Santo Ângelo/RS. Também a Unijuí tem previsto para o 2º semestre do ano de 2005 a oferta de uma disciplina chamada: “A Pedagogia do esporte em lutas”. A Unicruz, Universidade de Cruz Alta também tem previsto uma disciplina que aborde o tema “lutas”, na nova base curricular do curso de Educação Física que entrará em vigor a partir do ano 2006.

relação à escola e à disciplina curricular Educação Física e universidade, a partir da análise da realidade e características desta prática no contexto regional, são elaboradas, certamente, considerando a dinamicidade da própria sociedade onde esses elementos estão presentes e imbricados e não excluem a possibilidade de acontecerem outras configurações nas suas relações, nessa realidade, conforme o momento social e político a ser vivido em cada época.

Os rumos e as configurações futuras que, de fato, surgirão das inter-relações envolvendo capoeira, escola, disciplina curricular de Educação Física e currículo dos cursos de graduação em Educação Física, na região estudada, certamente, serão passíveis de outras análises, em trabalhos acadêmicos futuros. Até porque, se trata de um campo prático em construção, que, certamente, encerra inúmeras possibilidades de abordagens que, ao levantarem outras problemáticas, em tempos diferentes, poderão permitir a manipulação de dados e compreensões deste e de outros trabalhos, que neste momento histórico estão sendo elaborados, bem como poderão relacioná-los, criticá-los, (re)elaborá-los e/ou ampliá-los, contribuindo, assim, para a compreensão e construção da relação capoeira – escola - Educação Física, que emerge, de fato, como um tema necessário, complexo e atual.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Raimundo César Alves de. **Bimba**: perfil do mestre. Salvador: Centro Editorial e Didática da Universidade Federal da Bahia, 1982. 102 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MANTENEDORES DE ENSINO SUPERIOR. Legislação Atualizada. Brasília: ABMES, 2003. n. 7. 444 p.
- BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na Escola: mas é só isso, professor? In: **Revista Motriz**, vol 1, nº 1, jun/1995. p. 25-31.
- BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998. 159 p.
- BRACHT, Valter et al. **Pesquisa em Ação**: educação física na escola. Ijuí: Unijuí, 2003. 128p.
- _____. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** 2004, [Mimeo].
- _____. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- _____. Esporte/educação Física e sociedade quais as perspectivas, a partir das ações sociais e políticas, da formação profissional em educação física no Brasil? In: KUNZ, Elenor; HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner (org). **Intercâmbios Científicos Internacionais em Educação Física e Esportes**. Ijuí: Unijuí, 2004. 316 p.
- BRANCO, Tiago dos Santos. **A Cultura Brasileira**: práticas pedagógicas observadas junto à comunidade afro-brasileira de Cruz Alta/RS. Ijuí: Unijuí, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2002.
- BRASIL. **Constituição**. Brasília: Senado Federal, 1998.
- CAMPOS, Hélio. Capoeira na escola. In: **Sprint Magazine**. Rio de Janeiro, 1996, n. 86, p. 28-31.

_____. **Capoeira na Universidade:** uma trajetória de resistências. Salvador: EDUFA, 2001. 184 p.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira:** pequeno manual do jogador. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 236 p.

_____. **Capoeira:** os fundamentos da malícia. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. 236 p.

CARNEIRO, Édison. **Cadernos de Folclore.** Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1975. N. 1. 21p.

CECCO, Luciana Homrich de. Prioridades da política de esporte escolar no Brasil. In: KUNZ, Elenor; HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner (org). **Intercâmbios Científicos Internacionais em Educação Física e Esportes.** Ijuí: Unijuí, 2004. 316 p.

CHIAVENATO, Júlio José. **As lutas do Povo Brasileiro:** do “descobrimento” a Canudos. São Paulo: Moderna, 1988. 119 p.

CONRAD, Robert Edgar. **Tumbeiros:** o tráfico de escravos para o Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985. 220 p.

CORRÊA, Ivan L. de S.; Moro, Roque L. **Educação Física Escolar:** reflexão e ação curricular. Ijuí: Unijuí., 2004. 296 p.

COSTA, Emília Viotti da. **A Abolição.** São Paulo: Global, 1982. 102 p.

_____. **Da Senzala à Colônia.** 4. edição. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988. 570 p.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o Conceito de Cultura.** Campinas: Autores Associados, 2004. 77 p.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação.** Petrópolis: Vozes, 1993.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. A Capoeira Também Educa. In: **Revista Sprint**, Rio de Janeiro, nº 54, p. 34-38, maio/jun de 1991.

_____. Capoeira e/na Educação Física. In: **Revista Sprint**, Rio de Janeiro, nº 79, p. 10-14, jul/ago de 1995.

_____. O Processo de Escolarização da Capoeira no Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol 16, nº 3, maio/1995. p. 173-182.

_____. **Puxada de rede.** s.d, [mimeo].

_____. Unidade didática 2 - capoeira. In: KUNZ, Elenor (org). **Didática da Educação Física 1.** Ijuí: Unijuí, 1998. p. 55-94.

_____. **O Jogo da Capoeira em Jogo e a Construção da Práxis Capoeirana**. Salvador: UFBA, 2004. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2004.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A Educação Física na Crise da Modernidade**. Ijuí: Unijuí, 2001. 304 p.

FILHO, Ângelo Augusto Decânio. **A Importância do Transe Capoeirano no Jogo de Capoeira da Bahia**. Disponível em: <<http://www.planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>>. Acesso em 21/11/2004.

_____. **A Evolução Histórica da Capoeira**. Disponível em: <<http://www.planeta.terra.com.br/esporte/capoeiradabahia>> Acesso em 6/12/2004.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. O Estudo do Esporte na Formação Superior em Educação Física: construindo horizontes. In: **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, nº1, p. 213-219, jan/abr de 2004.

JÚNIOR, Luís Vítor de Castro; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira: intervenção e conhecimento no espaço escolar. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, nº 1, p. 177-183, set/1999.

JÚNIOR, Luís Vitor Castro; SOBRINHO, José Sant'Anna. O Ensino da Capoeira: por uma prática nagô. In: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.23, nº2, p. 89-103, jan. 2002.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino & mudança**. Ijuí: Unijuí, 1991. 207 p.

_____. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994. 160 p.

LAZZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002. 216 p.

MARINHO, Inezil Penna. **Introdução ao Estudo da Filosofia da Educação Física e dos Desportos**. Brasília: Horizonte, 1984. 243 p.

MATTOS, Hebe Maria. A face negra da Abolição. In: **Revista Nossa História**, ano 2, vol. 19, maio de 2005. p. 16-20.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A Educação Física Cuida do Corpo... e "Mente"**: bases para a renovação e transformação da Educação Física. 5. ed., Campinas: Papyrus, 1986. 96 p.

_____. **O Brasileiro e seu Corpo: educação e política do corpo**. Campinas: Papyrus, 1987. 134 p.

MEIRELLES, Ione Tereza Luft. **Para que a História do Tempo não se Perca no Vento: presença e lugar do negro na mui leal aldeia do divino espírito santo da Cruz Alta – 1820 – 1890**. Porto Alegre: PUC, 2002. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História, 2002.

MICHELS, Sérgio Ervino. **A História Ensinada na Colônia Particular de Neü Württemberg Sob a Ótica do Protestantismo, da Germanidade e da Educação.** Ijuí: Unijuí, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências), Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2001.

_____. **Colégio Evangélico Panambi: 1903-2003: 100 anos educando para a vida e para o trabalho/CEP.** Panambi, 2003. 312 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física.** Brasília: MEC/SEF, 1997. 96 p.

MWEWA, Christian Muleka. **Indústria Cultural e Educação do Corpo no Jogo da Capoeira:** estudo sobre a presença da capoeira na sociedade administrada. Florianópolis: UFSC, 2004. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de Coleta de Informações na Pesquisa Qualitativa. In: TRIVINOS, A.N.S.; NETO, V. M. (org). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: UFRGS/sulina, 1999. p. 61-93.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. Escola e Esporte: campos para ocupar, resistir e produzir. In: **Revista Pensar a Prática**, nº 3, jul/jun, p. 19-35, 1999-2000.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **Educação Física Humanista.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1987. 94 p.

_____. **O que é Educação Física?** São Paulo: Brasiliense, 1988. 113 p.

PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil.** 3. edição. São Paulo: Global, 1984. 70 p.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A Capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937).** Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2004. 200p.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola:** ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968. 145 p.

REIS, Letícia Vidor de Souza. **O Mundo de Pernas para o Ar:** a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 2000. 208 p.

SANTIN, Silvino. **Uma Abordagem Filosófica da Corporeidade.** 2. ed., Ijuí: Unijuí, 2003. 168 p.

SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA. A História da Capoeira no Rio Grande do Sul. In: **Revista do II Fórum Gaúcho de Capoeira.** Porto Alegre, 2001, p. 40-57.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira e Educação Física: uma história que dá jogo... Primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, nº 1, p. 131-145, set/2001.

SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. **A Pesquisa Qualitativa em Educação Física**. Disponível em <<http://www.efmuzambinho.org.br/refelnet/>>. Acesso em 28/6/05.

SIMÃO, Édina F. **A Compreensão Étnico-Cultural no Ensino de História**. Ijuí: Unijuí, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências), Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2003.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A Era de Ouro da Capoeira. In: **Revista Nossa História**, ano 1, nº 5, [s.l], p. 14-20 mar.2004.

_____. **A Capoeira Escrava e Outras Tradições Rebeldes No Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. 606 p.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994. 167 p.

_____. **Imagens da Educação no Corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998. 145 p.

SONZA, Arlete I. S.; LECHAT, Noëlle M. P. Os afro-brasileiros e a fenadi. In: LECHAT, Noëlle M. P. (coord). **A Questão do Negro no Noroeste Gaúcho**. Ijuí: Unijuí, 1997. 68 p.

SOUZA, Sérgio Augusto Rosa de; OLIVEIRA, Amauri A. Bassóli de. Estruturação da Capoeira como Conteúdo da Educação Física no Ensino Fundamental e Médio. In: **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 12, 2º sem/2001. p. 43-50.

STIGGER, Marcos Paulo. **Esporte, Lazer e Estilos de Vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002. 252 p.

TAVARES, Júlio César de Souza. **Dança da Guerra**: arquivo-arma. Brasília: UNB, 1984. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de Brasília (UNB), 1984.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “Esporte na Escola” e o “Esporte da Escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente/ um diálogo com Valter Bracht. In: **Revista Movimento**, ano III, nº 5, 1996. p. 4-17.

VIEIRA, Luiz Renato. Criatividade e clichês no jogo da capoeira: a racionalização do corpo na sociedade contemporânea. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, nº 1, vol. 11, set/1989. p. 58-63.

_____. Mentiras que parecem verdades: alguns sofismas sobre a capoeira. In: **Revista Capoeira**, ano II, nº 5, [s.d]. P. 46-49.

_____. **O Jogo da Capoeira**: cultura popular no Brasil. Rio de Janeiro: Sprint, 1995. 189 p.